

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

FRANCISCO CESAR RODRIGUES

POETRY SLAM, ÁGORAS CONTEMPORÂNEAS DE ESCRIVÊNCIAS:

Poética política de jovens “artistas” das periferias de São Paulo

São Paulo

2023

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

FRANCISCO CESAR RODRIGUES

POETRY SLAM, ÁGORAS CONTEMPORÂNEAS DE ESCRIVÊNCIAS:

Poética política de jovens “artistas” das periferias de São Paulo

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Serviço Social sob a orientação da Profa. Dra. Carola Carbajal Arregui.

São Paulo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Francisco Cesar Rodrigues

Poetry Slam, ágoras contemporâneas de escrituras: poética política de jovens artistas das periferias de São Paulo/ Francisco Cesar Rodrigues. _ São Paulo, 2023.

1. Poetry Slam, ágoras contemporâneas de escrituras. I. Arregui, Carola C..II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. III. Faculdade de Ciências Sociais. IV. Título

FRANCISCO CESAR RODRIGUES

POETRY SLAM, ÁGORAS CONTEMPORÂNEAS DE ESCRIVIVÊNCIAS:

Poética política de jovens “artistas” das periferias de São Paulo

Mestrado em Serviço Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Serviço Social sob a orientação da Prof.^a Dra. Carola Carbajal Arregui.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carola Carbajal Arregui
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Dra. Rosângela Dias Oliveira da Paz
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil, código de financiamento: 88887.630590/2021-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brazil, funding code: 88887.630590/2021-00.

NOTA

A priori, gostaria de dedicar este trabalho à professora e ímpar ser humano, Dirce Koga, amiga, referência e incentivadora do meu retorno aos bancos acadêmicos, após de 35 anos de formado. No seu ponto de vista, meus quase 30 anos de atuação com a adolescência e juventude em desproteção e risco social e com os movimentos de cultura brotados do chão das periferias paulistana, poderia fortalecer no engajamento de sua luta, e de mais um pequeno grupo de profissionais, a fim de inserir novas e diferentes formas e constituição de saberes no hermético campo da academia.

Confesso que a sua partida prematura em 2021 me desestabilizou pessoalmente, foi um momento difícil e com séria consideração de abandonar o curso de mestrado que tanto ela se empenhou para meu ingresso, foi um momento de muitas incertezas. No entanto, ela havia me deixado nomes de referência, pessoas que como ela seguiam este mesmo propósito e com quem eu poderia contar, estou me referindo às professoras Carola Carbajal e Rosângela Paz. Me ancorei nessas duas professoras que me convenceram que continuar seria dar prosseguimento a este projeto de democratização do espaço acadêmico que tanto Dirce, como elas acreditavam e se empenhavam. Hoje estou aqui, em um momento muito importante e simbólico defendendo que não existe conhecimento certo ou errado, não há hierarquia entre os conhecimentos produzidos, há apenas diferentes formas de conhecimentos que se complementam ou se opõem a fim de formar novos conhecimentos.

À professora Dirce Koga todo meu agradecimento, admiração e respeito.¹



¹ Foto Prof^a Dirce Koga com frase da música Um Bom Lugar do Rapper Sabotage

AGRADECIMENTOS

Certo dia, em uma pequena cidade, vivia um homem sábio, respeitado por todos devido à sua sabedoria e humildade. Um dia, um empresário bem-sucedido chegou à sua casa, ostentando suas realizações e conquistas, repleto de soberba e arrogância. Ele alardeava que havia erguido sua empresa do zero, sozinho, sem a ajuda de ninguém, nem mesmo sua própria família.

O sábio, ouvindo tudo com paciência, levantou as sobrancelhas e perguntou com genuína surpresa: "Mas você fez isso sozinho?"

O empresário, sem hesitar, respondeu com confiança: "Sim, fiz tudo sozinho!"

O sábio, com um sorriso sereno no rosto, indagou: "E quem trocou suas fraldas quando você era apenas um bebê? Quem o amamentou nos primeiros anos de vida? Quem trabalhou arduamente para garantir seu sustento quando você era apenas uma criança? Quem se sacrificou para comprar suas roupas e alimentos? Quem o ensinou a ler e escrever, abrindo as portas do conhecimento? Quem lhe ofereceu oportunidades quando você estava na faculdade? Quem deu a você seu primeiro emprego? Quem limpa sua casa agora?"

O empresário ficou em silêncio, olhando para o chão, refletindo sobre as palavras do sábio. Ele compreendeu que, apesar de suas realizações na vida adulta, havia recebido ajuda e apoio inestimáveis ao longo de sua jornada, desde os primeiros dias de sua existência. Ele aprendeu a lição de que a humildade e o reconhecimento daqueles que o cercaram eram essenciais para a verdadeira sabedoria

Autor Desconhecido

Por meio dessa parábola, gostaria aqui de expressar a minha mais genuína gratidão pela oportunidade de dividir esse momento com todas as pessoas que me acompanharam desde a concepção até a conclusão deste projeto de mestrado. Ao concluir este trabalho, mais um desafio superado, não posso deixar de refletir sobre a jornada que me trouxe até aqui e as inúmeras pessoas que desempenharam papéis essenciais nessa conquista. Meu memorial foi um grande disparador para essa reflexão.

Este é um momento de celebração, não apenas do meu esforço pessoal, mas também de todas as pessoas que cruzaram meu caminho e moldaram minha jornada pessoal, profissional e acadêmica. Cada encontro, cada vivência, cada conversa, seja ela um bate papo, um papo furado ou um papo cabeça, cada experiência vivida

contribuiu para a formação deste ser humano que sou hoje, e que está em contínuo e eterno processo de evolução, de mudanças.

Procuro usar como mantra uma frase do filósofo Friedrich Nietzsche, qual seja: *“Eu jamais iria para a fogueira por uma opinião minha, afinal, não tenho certeza alguma. Porém, eu iria pelo direito de ter e mudar de opinião, quantas vezes eu quisesse”*

Quero agradecer a todas as mestras e mestres, que desde a alfabetização até os dias atuais investiram seu tempo e conhecimento em prol da minha formação, muitas vezes ultrapassando os seus limites e atribuições. Suas orientações, desafios e inspiração me ajudaram a expandir os horizontes, a desenvolver meu pensamento crítico e a definir o meu lugar no mundo.

Neste momento, não poderia deixar de expressar meu particular agradecimento à minha orientadora e professora Carola Carbajal, à professora Rosângela Paz e à professora Ana Lúcia Silva Souza (Analú) pela disponibilidade e interesse em compor a minha banca avaliadora e mais, reconhecer o valor do objeto de pesquisa e estudo ora apresentado, fortalecendo essa ponte entre o campo acadêmico e a praxis cotidiana da arte periférica.

À minha família, sou eternamente grato por seu apoio incondicional. Ao meu pai e à minha mãe que já fizeram suas viagens, mas particularmente à minha mãe que sempre valorizou a educação como meio de desenvolvimento, e se esforçou para que não cedêssemos às adversidades e abandonássemos os estudos. Agradeço ao Beto, à Zulene, à Cristina, que prematuramente também seguiu sua viagem, irmão e irmãs, que a distância não foi capaz de enfraquecer o vínculo amoroso tão solidamente fundado.

Aos meus filhos Rafael e Arthur, que são a razão de todo o sentido que busco na vida, meu maior desfaio e que hoje, após vê-los adultos, caminhando, traçando seus caminhos, percebo não existir nada que eu não seja capaz de enfrentar e superar, não há mestrado, doutorado ou pós doc, que se assemelhe ao desafio de conceber, vivenciar e se responsabilizar pelo desenvolvimento de uma vida. De longe, vocês foram e são meu maior e melhor projeto de vida, minha base, meu refúgio e minha fonte constante de motivação. Obrigado por confiarem suas vidas a mim e por me incentivarem a perseguir meus sonhos. Agradeço à Cecília, mãe dos meus filhos,

com quem vivi momentos de muitos desafios, mas com quem compartilhei o maior de todos, gerar e criar nossos filhos.

Quero registrar um agradecimento particular à Teresa, minha atual companheira, que me aguentou em todo esse momento de adaptação e exigências do mestrado, me apoiou e me ajudou em várias etapas e momento de dúvidas, colaborou e foi “toda ouvidos” nas crises. Sei que o seu desafio maior nem é esse, que é pontual e passageiro, o maior está no nosso cotidiano, no dia a dia, reconheço que não sou fácil de aguentar, mas sou legal. Uma observação interessante: Seja por mera coincidência ou por um desses caprichos do destino, ela tem o nome da minha mãe, eu o do meu pai.

Às amigas e aos amigos, muitos e muitas cultivados desde a infância, adolescência e juventude, fator de muito orgulho que trago comigo. Um caso específico e cada vez mais raro numa época de relações fluidas como a que vivemos merece um destaque, um grande amigo e compadre chamado Luiz Carlos ou apenas Lubalú, com quem alimento uma amizade que já beira os 55 anos. Um dos mais complexos desafios que enfrentei foi lidar com o momento de separação do nosso grupo quase que homogêneo de amigos, típico da adolescência e da juventude, momento vital para o processo de identificação e sociabilidade. A descoberta das diferenças, algumas significativas enquanto entendimento de “ser e estar” no mundo repercutiram como um choque de realidade e continuam a se manifestar diante de situações controversas. No entanto, tudo isso se torna secundário quando recordados os momentos em que estiveram ao meu lado durante a minha jornada, trouxeram alegria aos momentos difíceis e compartilharam as vitórias comigo. Sua amizade é inestimável!

Às colegas e aos colegas de estudo e de pesquisa que cruzaram meu caminho recente e brevemente, mas de uma forma muito intensa; saibam que cada interação teve um impacto em minha vida acadêmica e pessoal, tornando o ambiente acadêmico tão enriquecedor e estimulante. Obrigado por colaborarem comigo e por contribuírem para o meu crescimento.

Gostaria também de expressar meus sinceros e afetivos agradecimentos às amigas aos amigos que estiveram comigo ao longo da trajetória acadêmica e profissional, com especial destaque para a amiga Cristina Coghi e aos amigos Osvaldo (Vadico), Fábio Marra e Mário Cesar, com quem dividi momentos ricos e decisivos no ambiente acadêmico; às amigas Roberta Lobo, Valéria Pássaro, Abigail

Torres e Graça Malho, que foram componentes estruturais na minha formação profissional e humana. No entanto, não quero com isso estabelecer graus de equivalência, cada uma e cada um com quem me relacionei teve um papel vital no meu crescimento como ser humano e no meu desenvolvimento profissional. As contribuições, foram imensas e diversas, recheadas de conversas inspiradoras e momentos compartilhados que moldaram minha perspectiva e me ensinaram a importância da colaboração, da diversidade de ideias e da empatia. Cada desafio enfrentado e cada conquista alcançada ao lado de todas e todos fortaleceu nossos laços e enriqueceu minha jornada. Obrigado por serem uma parte tão valiosa da minha trajetória e por terem deixado uma marca permanente em minha vida.

Gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão às poetisas Mel Gomes, Cinthya Santos (Kimani), Mídria Pereira, Bruna Motta e Gênesis (Slam das Minas RJ) e aos poetas Kléber Fernando, Emerson Alcalde, Fernaun da Selva e Tom Grito (Slam das Minas RJ) colaboradores e referências fundamentais na construção deste projeto acadêmico, e por meio de quem estendo o agradecimento a toda a comunidade de poetisas periféricas e periféricos, ou como define o amigo Josadaque Martins Silva: Filósofas/os Quilombistas da Quebrada².

Meu agradecimento ao inspirador movimento dos Slams, que desempenhou um papel extraordinário no desenvolvimento do meu limitado olhar para a arte e elegê-la como uma forte aliada no combate às injustiças e desigualdades sociais. O movimento e os poetas não só me ensinaram sobre expressão genuína e pertencimento, mas também me inspiraram a abraçar a diversidade e a força da comunidade artística periférica, reconectando-me às raízes e à ressurgência de minha essência periférica. Esta experiência tem sido transformadora e duradoura, e por isso, serei eternamente grato a todas aquelas e todos aqueles que tornaram possível essa minha jornada no universo poético dos Slams.

Gostaria de expressar uma gratidão profundamente especial e reafirmar minha imensa admiração às poetisas Tawane Theodoro, Jéssica Campos e ao poeta Humberto Marques (Kenyty) que se dispuseram a colaborar não só com a minha pesquisa, mas estarem presentes e de forma interativa participar de minha defesa. Ao compartilharem suas vidas como artistas, revelaram camadas fascinantes de suas

² SLAMMERPEIRÓS: O FILÓSOFO QUILOMBISTA ANTI FUNES DA QUEBRADA E O CONHECIMENTO QUE LHE IMPORTA – 2022, Paulo Henrique Fernandes Silveira e Josadaque Martins Silva.

experiências pessoais e sua conexão com as suas quebradas. Suas histórias e reflexões enriqueceram minha pesquisa, fornecendo insights valiosos sobre seus processos de criação e suas jornadas como poetas. A dedicação deles à poesia e ao seu compromisso com a expressão artística inspiraram-me profundamente e moldaram a direção da minha pesquisa de forma irreversível.

Enfim, obrigado do fundo do meu coração a todas e a todos, citados ou não, mas que foram essenciais nesta minha jornada. Vocês são a razão pela qual celebro este marco significativo em minha vida.

Com gratidão sincera,

Francisco Cesar Rodrigues

Chico Cesar

RESUMO

Rodrigues, Francisco Cesar. *Poetry Slam*, ágoras contemporâneas de escrituras: poética política de jovens artistas das periferias de São Paulo. 2023. (179 páginas) f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

O estudo proposto tem como objetivo investigar o movimento dos Slams da cidade de São Paulo sob os aspectos da vivência cotidiana nas periferias, locais onde o paradoxo da potência e da falta convivem e se retroalimentam, pesquisar como esta vivência influencia no processo de criação dos artistas periféricos a partir do exercício de narrar as suas vivências e histórias, o que pode ser lido no que foi conceituado por Conceição Evaristo como Escrivência e, por fim, do caráter sociopolítico que contribui para o despertar de uma consciência crítica e social, levando pensamento crítico e formativo para as quebradas. Para isso, o trabalho investigativo se pautará nos seguintes objetivos: explorar o reconhecimento da poesia periférica como linguagem simbólica de (re)existência e transformação social; investigar o processo de elaboração, escrita e recitação de poesias por parte dos poetas, a partir de suas vivências cotidianas; analisar os Slams como um movimento de expressão e participação política da juventude periférica que utiliza a arte como forma de manifestação e conscientização. A fim de alcançar os objetivos, o processo se deu por meio de pesquisa de campo, entrevistando as poetas Tawane Theodoro e Jéssica Campos, ambas moradoras do bairro do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, e o poeta Humberto Marques Messias (Keny), morador do bairro de Ermelino Matarazzo, zona leste da capital. Um fator fundamental para que o processo de pesquisa ocorresse de forma interativa e dinâmica foi a opção por fazê-la em movimento e circulação nos territórios de moradia e convivência dos poetas, permitindo assim capturar informações contextualizadas com o ambiente e quaisquer outros aspectos relevantes que pudessem tornar a abordagem mais rica e envolvente. Também foram utilizados registros e materiais já existentes e de acervo pessoal, que complementaram com dados e informações. Por fim, espera-se com isso contribuir com uma compreensão mais aprofundada do movimento dos Slams em São Paulo, desde o seu processo de relação com o ambiente, criação e impacto na vida dos poetas e da população em geral. Ao compreender a vivência no território, sua expressão na criação poética e o despertar/potencializar do ativismo político, poderemos avaliar melhor o potencial transformador desse movimento cultural.

Palavras-chave: Slams; Periferias; Escrivência; Poesia; Consciência Crítica.

ABSTRACT

Rodrigues, Francisco Cesar. Poetry Slam, contemporary agoras of writing: political poetics of young artists from the outskirts of São Paulo.2023. (179 páginas) f. Dissertation (Master in Social Work) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2023.

The proposed study aims to investigate the Slam poetry movement in the city of São Paulo from the perspectives of everyday life in the peripheries, where the paradox of potency and lack coexist and feed into each other. It seeks to research how this experience influences the creative process of peripheral artists through the exercise of narrating their experiences and stories, as conceptualized by Conceição Evaristo as "Escrevivência" (Write-living). Furthermore, it aims to explore the sociopolitical character that contributes to the awakening of a critical and social consciousness, bringing critical and formative thinking to the marginalized areas. To achieve these objectives, the investigative work will be guided by the following aims: explore the recognition of peripheral poetry as a symbolic language of (re)existence and social transformation; investigate the process of elaboration, writing, and recitation of poetry by the poets, based on their daily experiences; analyze Slams as a movement of expression and political participation of peripheral youth who use art as a form of expression and awareness. In order to achieve these objectives, the research process involved fieldwork, interviewing poets Tawane Theodoro and Jéssica Campos, both residents of the Capão Redondo neighborhood in the southern zone of São Paulo, and poet Humberto Marques Messias (Kenytt), a resident of the Ermelino Matarazzo neighborhood in the eastern zone of the capital. A key factor in ensuring an interactive and dynamic research process was the choice to conduct it in movement and circulation within the territories where the poets live and interact, thereby capturing contextualized information and any other relevant aspects that could enrich the approach. Existing records and personal archives were also used to complement the data and information gathered. Ultimately, the aim is to contribute to a deeper understanding of the Slam poetry movement in São Paulo, from its relationship with the environment, to its creation process, and its impact on the lives of poets and the general population. By understanding the experience in the territory, its expression in poetic creation, and the awakening/potentialization of political activism, we can better evaluate the transformative potential of this cultural movement.

Key-words: Slams; Peripheries; Escrevivência; Poetry; Critical Consciousness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Poeta Emerson Alcalde.....	16
Figura 2 - Poeta Tawane Theodoro - Entrevista.....	24
Figura 3 - Poeta Tawane Theodoro - Entrevista.....	25
Figura 4 - Tawane Theodoro - Entrevista.....	26
Figura 5 - Ocupação Cultural Mateus Santos.....	28
Figura 6 - Humberto Marques (Kenynt) Entrevista.....	30
Figura 7 - Jéssica Campos e o Bonde Empoderado - escadaria cenário do vídeo ...	31
Figura 8 - Jéssica Campos – entrevista na mesma escadaria referência	32
Figura 9 - Jéssica Campos - Entrevista.....	34
Figura 10 - Meu pai ao chegar em São Paulo.....	39
Figura 11 - Casal cafuzo. meus avós paternos Maria Bandeira e Gerson	41
Figura 12 - Meu pai Francisco, minha mãe Terezinha e a irmã primogênita – 1961.	42
Figura 13 - Minha árvore genealógica tatuada.....	43
Figura 14 - Irmãos.....	44
Figura 15 - Tio Toninho.....	46
Figura 16 - Guaianases em meados dos anos 60.....	48
Figura 17 - Ainda não havia celular.....	49
Figura 18 - Saindo para trabalhar no famoso “Cata Loco”	50
Figura 19 - Encontro da turma de adolescência e juventude	51
Figura 20 - Recepcionista na pousada em Porto Seguro - 1989.....	55
Figura 21 - Banhando Rafael supervisionado pelo Arthur.....	58
Figura 22 - Em companhia dos filhos, Momentos Distintos.....	59
Figura 23 - Primeiro ano do primário com 7 anos de idade.....	61
Figura 24 - Reencontro com amigos de faculdades.....	66
Figura 25 - Dirce Koga com equipe de desenvolvimento social do Projeto Guri - 2016	68
Figura 26 - Anos de chumbo.....	72
Figura 27 - Revolução Russa.....	73
Figura 28 - Logomarca da Secretaria do Menor – 1987.....	78
Figura 29 - Capa do livro da Secretaria do Menor – 1993.....	80
Figura 30 - Momentos de confraternização entre as equipes de educadores sociais do Programa.....	82
Figura 31 - Foto da fachada do antigo Abrigo educativo Taiguara – Bela Vista, SP.	84
Figura 32 - Foto do cartaz de divulgação do 1º Encontro Estadual Sobre Educação Social	86
Figura 33 – 10 anos DDS.....	93
Figura 34 - Foto color Kauê Gama.....	96
Figura 35 - Edição do Slam da Guilhermina – Praça anexa à Estação Metrô Guilhermina/Esperança.....	98
Figura 36 - “Daqui a 20 anos você vai evocar as suas fotos e perceber, de um jeito que você nem desconfia hoje em dia, quantas tantas alternativas se escancararam a sua frente”	99
Figura 37 - É geográfico!!!.....	104
Figura 38 - Desengasga essa voz silenciada!.....	105
Figura 39 - A poesia na vez e na voz.....	107
Figura 40 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2018	109
Figura 41 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018.....	110
Figura 42 – Amo minha Quebrada.....	115

Figura 43 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018	118
Figura 44 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018	119
Figura 45 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual	121
Figura 46 - Sevirologia	122
Figura 47 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual	125
Figura 48 - Fonte: Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018	128
Figura 49 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2019	129
Figura 50 - Foto de acervo pessoal de uma edição do Slam da Guilhermina no bairro Guilhermina/Esperança. Fala de apresentação e abertura da competição	131
Figura 51 - Imagem e trecho poético extraídos do vídeo Um Poema chamado José, produzido por Kleber Fernando	133
Figura 52 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2019	137
Figura 53 - Poeta Tom Grito	140
Figura 54 - Poeta Gênesis	140
Figura 55 - Conceição Evaristo	141
Figura 56 - Abraços entre poetas e escritora	143
Figura 57 - Slam: Território vivo da escrivência	145
Figura 58 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2019	148
Figura 59 - Foto por Kimani	150
Figura 60 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019	154
Figura 61 – Várias figuras de Slams	157
Figura 62 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019	159
Figura 63 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019	161
Figura 64 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019	163
Figura 65 - Poeta Jéssica Campos - Foto de Sérgio Silva	165
Figura 66 – Mapa – Aluizio Marino, coordenador do LabCidade – FAUUSP	167
Figura 67 - SLAM de poesias interescolar de São Paulo	170
Figura 68 - Imagem Slam	176

NOTA DE RODAPÉ

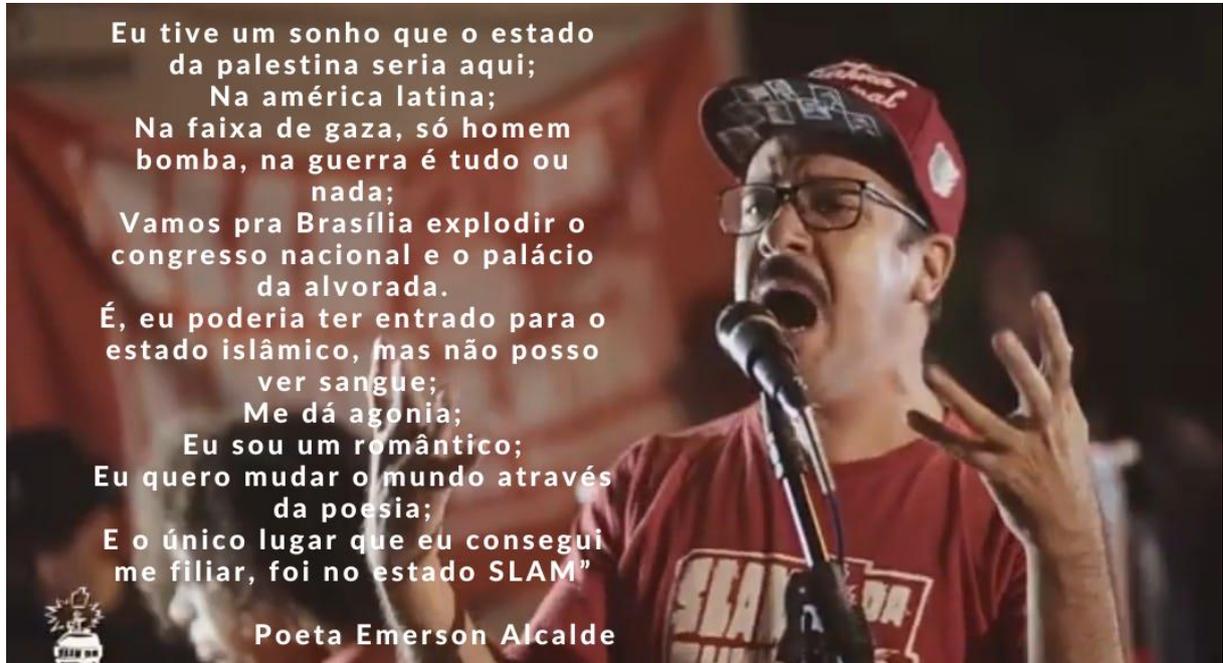
A escolha pela não utilização da linguagem neutra de gênero não deve ser confundida com a falta de consideração ou reconhecimento dos movimentos e das conquistas na busca por representatividade. O autor considera extremamente importante o uso da linguagem neutra de gênero para que haja real e efetivo reconhecimento e respeito à diversidade. No entanto, em razão de ainda ser alvo de debates na sociedade, optou-se por seguir as convenções imperativas no meio acadêmico, utilizando pronomes genéricos para representação da diversidade de gênero e priorizando o foco principal da mensagem que se deseja transmitir.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ESTADO SLÂMICO	16
CAPÍTULO 1. MINHAS EXPERIÊNCIAS CONFIRMAM A MINHA EXISTÊNCIA	37
1.1 A SAGA DE UM ESTUDANTE TRABALHADOR PERIFÉRICO - RESULTADO DE UM PROJETO	60
1.2 TRAJETÓRIA NO MUNDO DO TRABALHO: A RESILIÊNCIA SEMPRE ALERTA	68
1.3 PRAZER, EDUCADOR SOCIAL, O GENERALISTA	80
1.4 A POESIA PERIFÉRICA E A MINHA RECONEXÃO COM A QUEBRADA	94
CAPÍTULO 2. UNIVERSO POÉTICO PERIFÉRICO	103
2.1 É GEOGRÁFICO!!!	108
2.2 UMA CIDADE MAIS NOSSA	115
2.3 DESENGASGA ESSA VOZ SILENCIADA!.....	127
2.4 EMPODERAMENTO E VOZ.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS	177

INTRODUÇÃO: ESTADO SLÂMICO

Figura 1 - Poeta Emerson Alcalde



Fonte: ALCALDE, 2022, p. 80 Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018 – cinegrafistas André Nicácio, Christian Harrison, Fernando Santo, Leonardo Souza, Rui Alves

O que é um Poetry Slam? Eu poderia definir com uma simples e explosiva frase: *É um movimento de terrorismo poético que explode os muros da alienação mental e incendeia as arenas onde jovens e jovens adultos se enfrentam em uma batalha de poesias onde o alvo é o sistema.*

No entanto, sendo mais didático, *Poetry Slam*, é uma modalidade de declamar poesias que se incorpora a um modelo híbrido de literatura, sarau e movimento hip hop. Sua dinâmica é em formato de competição, onde as poesias obrigatoriamente devem ser autorais, cronometradas em três minutos, sem acompanhamento musical, adereços ou figurino, é somente o poeta e a palavra. A competição é composta por um ou mais MC's (Mestre de Cerimônia), um matemático que tem a atribuição de registrar e somar as notas dadas às poesias, jurados escolhidos aleatoriamente entre o público presente momentos antes de iniciar a competição, e os poetas que irão competir. É importante destacar que existe hoje uma "institucionalização" na prática dos Slams vinculada a um circuito de competição que passa por seletivas locais, regionais, estaduais, nacional, até chegar ao nível mundial. Poetas e coletivos se sentem estimulados a participar do circuito em razão da visibilidade e reconhecimento

pessoal, institucional e artístico conquistado, esperando assim o tão sonhado “*viver e sobreviver da arte.*”

Vale ressaltar que esta estrutura citada é a regra adotada por instâncias institucionalizadas de *poetry slam* e seguido pela maioria dos coletivos. No entanto, por se tratar de um movimento autônomo, nada impede que coletivos sejam criados e aconteçam de forma independente desse processo, inclusive adaptando as regras e funcionamentos conforme sua dinâmica e especificidades regionais e locais. Em razão desse fato, há hoje dificuldade em ter um número preciso de coletivos de Slams existentes no país.

O que significa palavra Slam? Começemos pela gramática. Slam significa uma figura de linguagem (onomatopeia) que reproduz um som, um ruído. Ela tem origem na língua inglesa para representar o som de uma batida. Recorrentemente ouvimos ou vemos a palavra “*Grand Slam*” em competição de tênis, de golfe entre outras modalidades esportivas.

A ideia do Slam surgiu nos anos 80, num bar de jazz em Chicago (E.U.A), por iniciativa de um trabalhador da construção civil chamado Marc Kelly Smith, poeta e organizador de um sarau que acontecia no local. Segundo Tatiana Lohmann, uma das produtoras do documentário “*Slam: Voz do Levante*”, lançado em 2017 (Fundação do livro e leitura de Ribeirão Preto, 2021), Marc percebeu que entre as várias atrações artísticas que aconteciam no bar, o sarau era o que menos atraía a atenção do público presente, era o momento que as pessoas se dispersavam. Nisso, resolveu mudar o modelo da apresentação inserindo o critério de julgamento das poesias, por meio notas dadas por um júri escolhido aleatoriamente entre o público presente. Esperava reverter essa falta de interesse e conseguir um maior engajamento das pessoas. Não é que deu certo? Basicamente o Slam nasceu de uma “brincadeira”, afirma Tatiana.

O Slam chegou no Brasil no ano de 2008, por meio da apresentadora, atriz, poeta e Slammaster, Roberta Estrela D’Alva, integrante do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, um coletivo paulistano de teatro hip-hop e fundadora do Slam ZAP (Zona Autônoma da Palavra), o primeiro Slam do Brasil.

Guilhermina é Esperança: Uma particularidade dos Slams no país é a prática de ocupação de praças, ruas e demais espaços públicos, fato que o reconhece como um movimento político para além de sua estética artística. Hoje, estima-se mais 300 coletivos de Slams espalhados no território nacional. São Paulo é o estado com o

maior número com cerca de 70 coletivos (ALCADE, Emerson; 2022)³. Emerson Alcalde, ator, arte educador, escritor, poeta e Slammaster, morador da zona leste da capital paulista e criador do Slam da Guilhermina em 2012, coletivo que nasceu e ocupa uma pequena praça anexa à passarela do metrô Guilhermina/Esperança, foi o primeiro a promover este tipo de ocupação artística, e que serviu e ainda serve de inspiração para centenas de outros que surgiram posteriormente e que ainda brotam cotidianamente nas periferias do país.

AS CAMADAS DA POÉTICA PERIFÉRICA

A partir da minha experiência no campo social e identificar nos Slams a potencial dimensão artística de intervenção na realidade, elegi este movimento cultural e periférico como tema de pesquisa, concebendo o título de *“Poetry Slam, Ágoras Contemporâneas de Escrevivências: Poética política de jovens ativistas das periferias de São Paulo.”*

A pesquisa buscou explorar o processo criativo dos poetas de Slams, identificar quais suas inspirações e referências para a elaboração de suas obras. Qual a influência que o ambiente e o território exercem neste processo? Como o poeta, enquanto agente diretamente envolvido na trama de sua obra, lida internamente com o conteúdo produzido? Como é externalizar esse conteúdo para o público na arena de competição de poesias, sendo ele, muitas vezes, o protagonista e narrador dessa realidade? Seria isso transformar as dores em sabores ou vice-versa? Em uma fala recorrente, os poetas qualificam os Slams como um *espaço de fala e lugar de cura*, um ambiente onde podem compartilhar abertamente suas experiências e serem ouvidos, seguros para explorar suas próprias jornadas de cura e transformação. Isso se confirma nas conclusões?

Assim, conhecer este processo da vivência à reflexão, da reflexão à elaboração, da elaboração à construção da narrativa da escrita, da voz e do corpo pelo olhar do poeta, despertou a necessidade de uma maior e melhor compreensão do conceito de Escrevivência forjado por Conceição Evaristo:

Escrevivência é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta. (EVARISTO, Conceição; 2020)

³ Contracapa do livro “Nos Corre da Poesia – Autobiografia de um Slammer -Emerson Alcalde

Diante do conteúdo poético produzido, também se pretende tratar do caráter sociopolítico desse movimento. É perceptível que as poesias produzidas não são simplesmente rimas ou repetições de sons e versos, se trata de uma narrativa revestida de crítica política e social, que reverbera no orgulho e fortalecimento da identidade do “ser periférico”.

Portanto, podemos considerar essa abordagem como uma forma do fazer político substitutiva ao modelo tradicional ao qual a juventude não se reconhece, não se identifica? Tiaraju Pablo D’Andrea⁴ propõe essa ideia sobre a produção artística como um ato de participação política em sua obra “A Formação das Sujeitas e dos Sujeitos Periféricos – Cultura e Política na Periferia de São Paulo”

O aumento da participação em atividades artísticas também é em decorrência das impossibilidades das formas clássicas do fazer político [...] há que se levar em consideração alguns processos que ocorreram nas últimas décadas, dentre os quais se destacam a crise de representatividade dos partidos políticos e a diminuição da participação popular em seus quadros nos últimos anos; a crise dos movimentos sociais urbanos e rurais e seu esvaziamento; a crise organizativa dos sindicatos. (D’ANDREA, Tiarajú; 2022, p. 165).

Um outro aspecto que não se pretendeu aprofundar neste trabalho, porém, foi avaliado como relevante, partiu da observação da Prof^a. Alessandra Simões Paiva⁵ sobre a arte enquanto um modelo de resistência política, de entrincheiramento contra ondas conservadoras, que faz parte de seu livro “A Virada Decolonial na Arte Brasileira”:

Se os modos de operação da arte contemporânea já vinham lidando, nas décadas anteriores, com questões mais ligadas à ordem da linguagem e de seu papel social transformativo – as manifestações periféricas, a arte urbana, as novas tecnologias, os coletivos, o ativismo, as disputas geopolíticas etc. – atualmente atravessam a arte com os debates sobre raça, etnia e gênero. (PAIVA, A. Simões; 2022, p. 17).

⁴ Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Campus Zona Leste/Instituto das Cidades. Coordenador do CEP (Centro de Estudos Periféricos). Membro do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política (ProMusPP), EACH/USP. Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2014-2018). Pesquisador convidado da Université Paris VIII, França (2017-2018). Pesquisador convidado da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França (2016-2017).

⁵ Docente nos Cursos Bacharelado e Licenciatura Interdisciplinares em Artes e suas Tecnologias (UFSP) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER-UFSP). Pós-doutorado: School of Languages, Cultures and Societies, University of Leeds (UK). Doutorado: Programa Interunidades Integração da América Latina (PROLAM-USP). Mestrado: Interunidades em Estética e História da Arte (USP). Graduação: Comunicação Social (UNESP)

Assim, compreende-se que os Slams são espaços democráticos, onde jovens se reúnem para expor, por meio da poesia, as contradições sociais do cotidiano, e que, em hipótese, essas manifestações artísticas exercem um efeito de revelação de uma realidade encoberta por um processo de alienação, típico de uma sociedade capitalista, promovendo o despertar de um olhar crítico que altera dimensões do sujeito, que com efeito, tende a se expandir e modificar, em alguma medida, o contexto no qual convive.

PESQUISA: MÉTODO, PROCEDIMENTOS E CAMPO

Este texto introdutório visa proporcionar uma visão ampla e contextualizada da abordagem metodológica adotada, ressaltando sua relevância para a pesquisa em questão. A pesquisa envolveu revisão bibliográfica a partir das categorias Slam, arte e política, território e periferia, e realização de entrevistas com três jovens poetas moradores das periferias da cidade de São Paulo, sendo duas poetas da região sul (Tawane Theodoro e Jéssica Campos) e um poeta da região leste (Humberto Marques – Kenyt).

Na pesquisa de campo partiu-se da necessidade de desenhar a própria investigação como um diálogo criador entre pesquisador e poetas, priorizando um processo de aprendizagem mútuo e a produção de conhecimentos coletivos e dialógicos. Nesse sentido, o “pisar em campo”, envolveu entrevistas com os poetas nas suas quebradas. Optou-se pela entrevista presencial e em seus territórios de moradia e convivência, pois acreditou-se que este ambiente reservava, por meio das suas histórias e vivências, muitas informações que desvendassem uma possível influência no processo criativo dos poetas. Na abordagem da pesquisa, foram exploradas questões sobre como as experiências pessoais são transformadas em poesia e como os poetas enfrentam internamente o conteúdo que produzem. Nesse contexto, a escolha dos poetas entrevistados foi guiada por critérios que incluíram não apenas o tempo de residência na região, mas também a questão racial, de gênero e de classe social. Esses fatores foram pensados em razão de estarem constantemente entrelaçadas em suas poesias como manifestação de orgulho e empoderamento.

Ainda na metodologia escolhida, foram deixadas claras as intenções de trabalhar com base em princípios éticos sólidos e respeitosos aos participantes, sendo facultado aos mesmos uma total liberdade de expressão. Isso estabeleceu uma

interação direta e intensa com os participantes, permitindo uma análise mais aprofundada de seu cotidiano, seus desafios, formas de resistência, reivindicação de seus direitos e a conversão disso em manifestações artísticas. Como ensina Maria Lucia Martinelli⁶:

A explicitação das intencionalidades, a construção ética da pesquisa, o respeito aos participantes e à sua livre expressão são fundamentais nesta metodologia que nos coloca em contato direto com os sujeitos, permitindo-nos conhecer sua vida cotidiana, seu modo de ser, de lutar, de resistir, de expressar-se pela mediação da arte e de reivindicar direitos. (MARTINELLI, M. Lúcia; 2019, p.30).

Além disso, outro fator considerado essencial nas entrevistas foi a possibilidade de realizá-las em circulação pelos locais habituais de trânsito e de encontros dos poetas entrevistados, resgatando essa interação com o território como forma de despertar lembranças e referências que permitissem captar uma “possível” influência no processo de sua criatividade.

A Pesquisa foi realizada em conformidade com os princípios éticos da pesquisa e foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-SP, sendo que aos poetas foi solicitado e autorização da inclusão dos seus nomes no texto da dissertação.

Tabela 1 – Poetas entrevistados

Nome	Tawane Silva Theodoro	Jessica Campos Cardoso	Humberto Marques Messias
Nome Artístico	Tawane Theodoro	Jessica Campos	Vulgo Kenyt
Idade	24 anos	23 anos	30 anos
Tempo na Cena	7 anos	7 anos	5 anos
Escolaridade	Superior Completo	Superior Completo	Médio Completo
Ocupação	Escritora	Professora	M.C. Poeta e Articulador Cultural
Local de Moradia	Capão Redondo	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo

Fonte: Autoria própria.

⁶ Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988). Pós ? Doutorado em Fundamentos Políticos das Ideias Contemporâneas pela Universidade de São Paulo (2002). Professora associada da PUC/SP no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, como docente na área de fundamentos do Serviço Social e Cotidiano Profissional e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade, a partir do qual realiza pesquisas e produz conhecimento sobre o uso da história oral na pesquisa em Serviço Social, especialmente no eixo " Memória, cultura e identidade"

Tendo em vista os objetivos e as perguntas de pesquisa, deu-se centralidade na abordagem qualitativa, que permite, ainda citando Martinelli, o reconhecimento da singularidade e da experiência social dos sujeitos da pesquisa e que possibilita o encontro com o real vivido e as experiências quotidianas, permitindo:

(...) realçar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e a dimensão política que, como construção coletiva, decorre da realidade dos sujeitos, ultrapassa-a dotando-a de uma dimensão abstrata, e retorna a ela de forma crítica, redimensionada e criativa. (MARTINELLI, M. Lúcia; 1999, p.35).

As entrevistas se deram a partir de perguntas disparadoras e abertas, Com o cuidado que favorecesse um diálogo espontâneo e voluntário. Foram elas:

- Na sua percepção, como se dá o processo de criação poética? Como surge a sua inspiração para a elaboração de uma poesia? Até que ponto o ambiente cotidiano exerce influência no seu sentido criativo?
- Quais são as suas expectativas ao declamar uma poesia num Slam, já que se trata de uma competição? Em se tratando de uma competição, em qual lugar ocupa a intenção de transmitir alguma mensagem ao público ouvinte?
- Na sua opinião a poesia, pode influenciar o despertar de uma leitura crítica social no público ouvinte? Muitas poesias tratam de temáticas identificadas com o cotidiano de outros poetas e o público ouvinte. O poeta tem consciência que sua poesia pode ser um gatilho em questões muito pessoais que essas pessoas trazem? Você reconhece que tem uma responsabilidade sua nisso?
- Como você vê o movimento dos Slams dentro de um cenário político e social? Como você se vê dentro desse movimento?

ENTRE DIÁLOGOS POÉTICOS E TERRITÓRIOS

Vocês sabem o que é um comportamento ansioso em uma era tecnológica? Pois é, é de desafiar cardíaco.

Estudado e decidido quais poetas reuniam o perfil para fazer parte da minha pesquisa de campo e compor o trabalho do mestrado, lá vamos nós pra estabelecer

o contato inicial para o convite. Com o não eu já contava, pois já havia ouvido muitas reclamações no meio do movimento dos Slams sobre a grande procura de universitários por poetas para fazer parte de seus TCC's, dissertações e teses, e que poucos tinha a preocupação em dar um retorno ou devolutiva sobre o resultado, dar uma satisfação.

Não contente apenas com o convite para a pesquisa, eu ainda contava com um segundo convite, que seria para participarem comigo na banca, recitando poesias que dialogavam com o conteúdo explorado na pesquisa, ou seja, estava propondo na defesa coletiva e interativa. Abusado, né?

Comecei a contatar os poetas pela ferramenta WhatsApp e foi aí que começo o teste pra cardíaco. Lembram do primeiro parágrafo? Primeiro mandei mensagem para o poeta Humberto Marques, vulgo Kenyt, jovem que mora em Ermelino Matarazzo, zona leste de São Paulo; depois foi a vez de mandar mensagem para Tawane Theodoro e Jéssica Campos, ambas moradoras do Capão Redondo, que alimentam um relacionamento muito próximo e afetivo uma da outra, no início até pensei que eram irmãs ou parentes. A mensagem ainda estava a caminho e eu sofrendo porque não obtinha resposta, manifestação, o celular já andava na mão para que sentisse a vibração de sinal de chegada de mensagem.

Bem, tive sucesso com os três para participarem da pesquisa, mas deixei o segundo convite, o da defesa coletiva e interativa para quando estivesse presencial, se recusassem eu poderia fazer aquela cara do gato de botas do Shrek e eles amolecessem. Agora seria o momento de escolher a melhor data e horário e partir para as suas quebradas, afinal, como já explicado na metodologia, seria uma entrevista nos seus territórios e circulando pelos locais onde tinham familiaridade e trânsito cotidiano. Decidi marcar primeiro com a Tawane Theodoro, mas deixei a Jéssica Campos por último, mesmo ambas morando no mesmo bairro, pretendia explorar as informações e percepções individualmente e evitando influência.

DÉJÀ VU NO CAPÃO REDONDO

Abril de 2023, mês do meu aniversário, 14h, me preparo pra seguir sentido Capão Redondo. Na real, não lembrava de ter ido alguma vez na vida para aquela região, até que entrei na famosa Estrada de Itapeperica, imortalizada no rap Da Ponte Pra Cá, dos Racionais MC's, e lembrei que já havia circulado por ali nos meus tempos

de educador de rua do Programa SOS Criança, fiz alguns recâmbios de adolescentes remidos na Vara Especial da Infância e Juventude, porém, geralmente de madrugada, quando estava coberta pela neblina, conforme descreve o Brown. Pra variar cheguei atrasado, estava saindo da zona norte e o tempo no waze marcava 1h e 27m até o local; pra colaborar o tempo estava fechando.

A Tawane veio me buscar na porta do condomínio, fomos até o seu apartamento onde conheci sua irmã Raissa. Eu estava preocupado em não demonstrar insegurança e amorosismo, minha cabeça estava a mil sobre como conduzir aquela conversa dentro do modelo pensado, leve, tranquilo. Acho que não funcionou muito, quanto mais eu tentava fingir, mas eu entregava o nervosismo. Tawane me ofereceu água, eu preferia um saco de papel pra respirar. A água me deu um pequeno conforto.

Figura 2 - Poeta Tawane Theodoro - Entrevista



Figura 3 - Poeta Tawane Theodoro - Entrevista



Fonte: Acervo pessoal.

Eu estava todo equipado tecnologicamente, celular extra pra gravar, microfone de lapela, tudo nos conformes. Uma hora eu pensei comigo: Puxa, esqueci de um lenço pra secar o suor. Combinei com ela que começaríamos ali na sua casa, mas que intenção seria conversar dando um rolê pelo seu território, lugares emblemáticos, de referência pra ela. Fechado isso, contei até três comecei a gravar.

Estou aqui com a Tawane Theodoro, 24 anos, poeta, filha de Wagner e Solange, slammer, organizadora de Slam, poeta formadora no Slam Interescolar escolar, e que é a poeta que eu escolhi para estar falando sobre a questão do processo criativo das poesias, sobre como ela vê a importância das poesias no comportamento e no procedimento das pessoas que a acompanham, enfim.... eu levantei umas questões aqui, mas eu queria te deixar muito à vontade, né? Pra que você pudesse discorrer sobre isso daqui. Essas questões são referência para que a gente possa começar a nossa conversa.

Logo percebemos que a chuva se avizinhava, propus que saíssemos para andar pela vizinhança ou locais que ela escolhesse, ela ligeira já meteu a mão no guarda-chuva e saímos. Primeiro lugar que visitamos foi a Fábrica de Cultura do Capão, unidade vizinha ao seu prédio e onde tudo começou:

Então eu acho que eu tenho um disparador assim tipo artístico depois que a Fábrica de Cultura do Capão é inaugurada aqui, né? Então eu fui uma das pessoas que estava lá com a minha mãe na fila para ser uma das primeiras aprendizes da Fábrica de Cultura do Capão {...} E aí meses depois eu entro no cursinho que é um curso pré-vestibular, um curso Popular Carolina de Jesus e aí ele é um movimento social também que acontece sarau, né? Os professores frequentavam os Slams, então eu entro lá...eu tenho até um verso que termina o meu primeiro livro que ele fala: "Tropecei na poesia e essa foi a minha melhor queda, né?"

Figura 4 - Tawane Theodoro - Entrevista



Fonte: Acervo pessoal.

Ela se considera privilegiada por ter sempre frequentado espaços e feito atividades muito perto de sua casa, a Fábrica de Cultura, a escola onde estudou desde

a alfabetização até o final do ensino médio, a AEB – Associação Evangélica Beneficente, onde jogou basquete.

Quando falamos sobre a sua quebrada, o que representa pra alguém que sempre viveu ali, e o que seria cortar esse cordão umbilical, Tawane responde:

Sim, eu acho que além de tudo esse lugar, ele me criou também, né? Para mim ser a pessoa que eu sou hoje e tudo mais é tudo influência do local, né? Aonde eu cresci e tudo mais, então além de vir essa vivência. Quando eu falo de quebrada é dessa quebrada que eu tô falando, né? Eh ela me influencia muito tipo para adulta que eu sou hoje, assim então todas as minhas escritas, elas dependem de quem eu sou né? Então ele vem na construção minha como ser humano e também quando eu penso em quebrada é dessa que eu tô falando assim sabe? Eu mesmo, né? Eu acho que tipo assim, é isso aqui é uma quebrada e você sempre pensa pô, quero algo melhor e tudo mais pá, mas tudo na minha construção é aqui, né? Tem uma coisinha tipo, eu sou muito apegada da zona sul, eu sempre fui {...} Penso em sair daqui em algum dia, mas eu também não tenho pressa assim, eu tô bem hoje sabe?

A nossa conversa começou às 15h e se encerrou às 16h15, voltando a passos largos e espremidos sob o guarda-chuva. Me despedi da Tawane e tomei o caminho de volta já prevendo que não seria nada fácil, preparei a paciência.

EU CONHEÇO CADA PALMO DESSE CHÃO

Já se passava de meados de maio de 2023 e eu buscando compatibilizar a minha agenda com o poeta Humberto Marques, ou Kenyt como prefere ser chamado, a fim de prosseguir com a segunda entrevista para o projeto do mestrado. Dessa vez não precisei de waze, a zona leste é a região de minha origem, em poucos lugares pela região me sinto perdido, há sempre uma confusão ou outra em relação a rua tal, bairro tal, mas me sinto seguro em circular, me sinto em casa. Coincidentemente, o território onde marquei de me encontrar com o Kenyt era muito familiar, aquela chegada à Av. Paranaguá, 1.633, Ermelino Matarazzo, me serviu de chave pra memória, parei em frente a Ocupação Cultural Mateus Santos e por alguns minutos fitei a avenida, os prédios, as casas e senti ter entrado num túnel do tempo. Por obra do destino, seja lá o que isso quer dizer, no final dos anos 70 eu morei praticamente ali em frente.

Figura 5 - Ocupação Cultural Mateus Santos

Fonte: Acervo pessoal.

Bom, já que vou fazer a conversa com o Kenyt dentro da Ocupação, é importante eu contar um pouco sobre ela. A Ocupação Cultural Mateus Santos é formada pela associação de vários coletivos culturais locais, que se organizaram a partir do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, e se dedicam à gestão comunitária da Ocupação Cultural Mateus Santos. Ela foi assim batizada em homenagem a Mateus Santos, que foi um professor, formador e artista plástico que viveu na região e retratou o bairro ao longo de toda a sua obra, influenciando inúmeros artistas locais. Trata-se de um espaço de expressão e empoderamento para jovens, negros e mulheres, oferecendo oficinas de diversas formas de arte e esporte, como grafite, música, poesia, skate, capoeira, etc. A Ocupação representa mais um capítulo de histórias de

lutas, resistências e toda a efervescência da produção artística e cultural na Zona Leste de São Paulo.

Era dia de edição do Slam Fluxo, coletivo de batalha de poesias que acontece na Ocupação. O poeta Kenyt me recebeu na entrada, e antes de me conduzir ao local que achou mais apropriado para conversarmos, foi me apresentando os espaços onde aconteciam as oficinas e atividades, fomos subindo até a cobertura do prédio, um mirante que oferecia uma vista privilegiada do bairro e que também foi adaptado para uma área de convivência, uma rede, uns pufs, enfim, um lugar que anunciava uma boa conversa.

Ali eu tive a oportunidade de conhecer o Humberto Marques, 30 anos, jovem periférico que cresceu sob o olhar e os cuidados de uma família estendida, que reconhecia bem as armadilhas e os riscos que um jovem preto e de família de classe trabalhadora corre nessas regiões:

Aí a mãe do meu pai, minha avó paterna morava na Rua 1, e a minha avó materna morava na Rua 10. Então era uma rua de baixo. Então assim eu tinha uns quatro tios na rua de baixo, tinha mais uns seis tios na rua de cima e tinha a casa do meu pai que era em Guaianazes, que eu ia passar as férias, tá ligado? Eu tinha quatro casa. Digamos assim. Então eu consegui transitar em muitos lugares em Itaquá e lá com a minha infância foi mais presa digamos assim, tá ligado? Como eu falei minha mãe era muito protetora, então tipo assim, mano, não vai ficar na rua, verdade. Tá ligado? Já entendi que não era um lugar muito da hora.

Figura 6 - Humberto Marques (Kenyt) Entrevista



Fonte: Acervo pessoal.

O prenúncio de uma boa conversa se confirmou, estendemos nosso bate papo tarde adentro e só percebemos que a noite estava chegando pela dificuldade que eu estava tendo em escrever. Nesse momento Humberto me perguntou a hora e se estava satisfeito, se poderíamos encerrar por ali, pois ele era o Slammaster do Slam Fluxo e tinha que descer para organizar a apresentação. Não tinha como não concordar, mas também não ia perder a oportunidade de prestigiar aquela edição do Slam. Por fim, sai de Ermelino Matarazzo por volta das 22h, com a cabeça borbulhando com tantas informações potentes e com o sentimento de um certo saudosismo daquela Avenida Paranaguá.

GUARAVIRITUBA, CAPÃO HISTÓRICO

Mas se você soubesse que o nome nem era Capão Redondo:
E sim Guaravirituba:
Nome indígena:
Que os córregos que passam pelas casas na quebrada:
Era um rio que tinha água limpa.
(Jéssica Campos)

Finalizando a minha série de entrevista, no dia 18 de maio, retorno ao Capão Redondo para a conversa com a poeta Jéssica Campos, 24 anos, moradora desde sempre no Capão. Marcamos na Fábrica de Cultura do Capão, pois ela já tinha agendado um compromisso mais cedo na instituição, onde desenvolve algumas atividades pontuais de arte educação. Podíamos ter nos acomodado em algum lugar confortável dentro do prédio, mas se afastaria da proposta inicial de estar em um ambiente que lhe é peculiar, que na sua visão, de alguma forma exercesse uma influência na sua leitura sociocultural do território. Caminhamos até uma escadaria vizinha ao prédio da Fábrica de Cultura, local que eu já conhecia de um vídeo de poesia coletiva performado por várias jovens performaram, entre elas a Jéssica e a Tawane Theodoro. Foi nesse local emblemático que começamos o nosso bate-papo.

Figura 7 - Jéssica Campos e o Bonde Empoderado - escadaria cenário do vídeo



Fonte: extraído do vídeo de poesia de Tawane Theodoro - Sarau do Capão – produtora Deck9xUmeverso.

Figura 8 - Jéssica Campos – entrevista na mesma escadaria referência



Fonte: acervo pessoal.

Começo a conversa com as clássicas perguntas do IBGE. Confesso que faltou ousadia e criatividade, tudo é um aprendizado, hoje procuraria dar asas à imaginação.... mas tá valendo!

Jéssica, 24 anos, garota parda – não é autodeclaração – cabelos crespos, sempre armados e em formato de uma coroa, talvez pra lembrar a sua descendência de rainhas e reis, uma feminagem à ancestralidade. Até pouco mais de dois anos morava com a mãe, o pai e seu pet de estimação no Jd. Jangadeiro, subdistrito do bairro Capão Redondo, porém, na intenção de ficar mais próxima ao seu trabalho, hoje mora no Valo Velho, região do Capão. Ela trabalha como coordenadora do projeto Futuro nas Mãos, na ONG Vida Corrida, que busca preparar os jovens da periferia para o mercado de trabalho.

Nessa nossa conversa que durou um pouco mais de 1 hora, conheci uma jovem que viveu sua infância e adolescência em meio às contradições de quem mora na periferia, local onde, se por um lado os vínculos afetivos e de solidariedade se estabelecem com mais naturalidade, por outro se está exposto a um maior grau de violências e carências estruturais e econômicas, como ela nos relatou:

Acho que eu vivi a ideia de cidade dormitório, né? E isso é muito louco, porque eu vi a ideia de cidade dormitório sem necessariamente sair de uma quebrada. Então eu só vinha para o meu território Capão Redondo para dormir{...} E aí minha mãe buscava na parte da manhã, quando eu saía da escola e eu ia para o trabalho da minha mãe; quando estudava de tarde eu ia de manhã pro trabalho na minha mãe e depois ela me levava na escola à tarde e aí a noite, quando eu tivesse ido embora ela me buscava, então sempre foi uma relação muito complexa assim, então tipo os meus amigos não moravam perto da minha casa, para eu ir brincar com um amigo meu da escola, era um evento né? Porque eu tinha que sair do Capão Redondo. Final de semana tinha que ir para casa de um amiguinho, nunca trouxe ninguém aqui porque minha mãe sempre minha família, né? minha família, não minha mãe sempre teve um pouco de vergonha de onde a gente morava, né? E ela tinha receio da galera me destratar nesse sentido, né?

Desde o momento em que nos sentamos naquela escada pra conversar, ficou na cara que Jessica era muito mais do que uma poeta talentosa; seu envolvimento com projetos sociais e sua formação na área das ciências sociais a reconhecia como uma voz consciente e engajada na quebrada, detentora de um conhecimento vivencial da realidade periférica combinado com um senso crítico apurado sobre a formação da sociedade e as injustiças sociais:

Me formei em Ciências Sociais, acho que conecta muito com a minha realidade pensando em educação popular, pensando em educação e pensando na minha visão sobre a cultura, principalmente na quebrada {...} É acho que minha formação veio como ferramenta que essa ideia mesmo e acho que veio como ferramenta de auxílio pra trabalhar numa realidade que eu já entendo que eu já pratico muito tempo, né, mas veio para consolidar, né?

Ao longo de nossa conversa, ficou claro que Jessica inspira, mas principalmente se nutre na sua quebrada para elaborar sua arte, essa conexão íntima é o que dá autenticidade e poder às suas palavras. Para ela sua quebrada não é apenas seu lar físico, mas também o solo fértil onde suas poesias florescem, alimentadas pelas histórias, pelas lutas e pelas esperanças daqueles que

compartilham sua realidade. Sua arte não é apenas uma expressão individual, mas uma manifestação coletiva das experiências e das aspirações de sua comunidade:

Porque na quando eu falo da minha realidade, não falo da minha realidade isolada, eu falo da minha realidade e muita gente, porque a nossa realidade é muito parecida, né? E eu acho que eu escrevo muito menos pensando no outro, então, do tipo, eu escrevo muito pouco falando “vou escrever essa poesia, vou fazer essa frase para que as outras pessoas entendam o que eu queria falar. Não, eu vou escolher essa frase porque faz sentido na minha realidade e a minha realidade conversa com a do outro.

Figura 9 - Jéssica Campos - Entrevista



Fonte: Acervo pessoal.

ESTRUTURA

O presente trabalho foi dividido em três partes, além desta introdução, na qual foram destacados os objetivos, procedimentos e caminhos metodológicos da pesquisa.

No Capítulo 1 abordei a história e as vivências deste que escreve, narrando as próprias vivências e jornadas, em busca de compreender minha trajetória e os pontos em comum com as histórias de vida de milhares de jovens que cresceram e crescem nas periferias da cidade de São Paulo.

No Capítulo 2, para compreender a importância dos Slams como manifestação cultural e artística profundamente enraizada na realidade social e política das periferias de São Paulo, foi crucial contextualizar a realidade dessas comunidades, considerando seus desafios sociais, econômicos e culturais, bem como a riqueza da sua produção cultural e a força da sua população. Isso incluiu uma discussão sobre a formação das periferias, suas lutas e conquistas ao longo do tempo. Em seguida abordei o processo criativo dos poetas de Slams como fator primordial deste estudo. Através de pesquisas presenciais nos territórios dos poetas e visitas aos locais indicados como referência, procurei conhecer as suas inspirações e fatores que impulsionam esses artistas a criar as suas obras, ao mesmo tempo em que examinei como o ambiente e o território de suas quebradas influenciam o conteúdo de suas poesias. Busquei desvendar questões como a transformação de experiências pessoais em poesia e a maneira como os poetas lidam internamente com o conteúdo que produzem.

Em seguida, após compreender o processo criativo e inspirador dos poetas, busquei uma compreensão mais profunda desse processo de escrever sobre suas vivências a partir do conceito de escrevivência formulado pela escritora Conceição Evaristo. Os poetas dos Slams não apenas escrevem sobre suas vidas, mas também escrevem sobre o mundo que enfrentam, transformando suas vivências em poesia autêntica e engajada.

A arte produzida nas quebradas é uma manifestação da voz, do corpo e da criatividade desses jovens artistas das periferias de São Paulo, que encontraram na poesia uma forma poderosa de expressar suas identidades, provocar reflexões, conscientizar sobre as realidades e lutar por mudanças sociais. Neste ponto, analisei a natureza dos Slams como manifestações artísticas e políticas, e como esses eventos se tornaram espaços de resistência, celebração da diversidade e afirmação da identidade e pertencimento. Além disso, busquei entender, através da perspectiva do próprio poeta, a relação estabelecida com o público na arena de competição de poesias, muitas vezes como protagonista e narrador de uma realidade que em certas situações se aproxima à realidade dos ouvintes. Finalmente, explorei como esses

eventos amplificam as vozes marginalizadas, trazem à luz histórias silenciadas e servem como uma arena de manifestação crítica e política de empoderamento. Analisei o impacto político e social dos Slams nas comunidades periféricas de São Paulo e como eles contribuem para a formação de pessoas críticas e politicamente conscientes.

Por fim, encerrei o capítulo apresentando as conclusões decorrentes das principais questões da pesquisa, destacando os Slams e a poesia periférica como atos de (re)existência, celebração da diversidade e afirmação da identidade, além de serem espaços onde as vozes marginalizadas se tornam relevantes e onde as histórias historicamente silenciadas são trazidas à luz.

CAPÍTULO 1. MINHAS EXPERIÊNCIAS CONFIRMAM A MINHA EXISTÊNCIA

Sou Chico, ou melhor, Francisco, nome e apelido herdados do meu pai, naquela época era praxe o primeiro filho homem ser batizado com o nome do pai, coisas do patriarcado, uma forma de homenageá-lo por não ter “fraquejado”. Sou de uma família de retirantes nordestinos que, assim como milhões, na metade do século passado vieram tentar a sorte no Sudeste, na esperança de uma vida melhor. Era um momento próspero da industrialização na região. Hoje sou um sexagenário, aposentado, educador social, ativista no campo da cultura jovem periférica e dos direitos humanos, intransigente combatente do racismo e da necropolítica que extermina nossa juventude em razão da cor, local de moradia e da classe social, pai, de dois rapazes.

Você está entrando no mundo da informação:

Autoconhecimento, denúncia e diversão:

Esse é o Raio X do Chico Cesar, seja bem-vindo.⁷

Dedicado a compreender a minha própria trajetória e os elementos compartilhados com as experiências de milhares de jovens que cresceram nas periferias de São Paulo, buscando assim traçar conexões significativas, construí uma análise autobiográfica detalhada e consistente, explorando desafios semelhantes entre a minha jornada pessoal e o processo de empoderamento da juventude periférica.

Ao traçar paralelos entre a minha própria trajetória e as experiências dos jovens periféricos, não apenas illustrei a resistência dessa galera, mas também acredito ter contribuído para uma compreensão mais profunda das questões sociais e culturais que moldam as vidas de sujeitos periféricos.

Entendo que a conexão entre a minha autobiografia e o movimento dos Slams reside na capacidade de ambos de amplificar vozes marginalizadas, desafiar estereótipos e acreditar que um outro mundo é possível. Ao contar a minha história com autenticidade e coragem, acredito me unir a um movimento de resistência e

⁷ Trecho extraído da música “Fim de Semana no Parque” - Racionais MC’s com uma pequena adaptação substituindo o nome Brasil pelo nome Chico Cesar

transformação, ponto central da minha própria jornada, quanto para a essência do movimento dos Slams.

Partindo dessa ideia, sem sombras de dúvidas, a forma mais adequada de registrar todo esse conteúdo não poderia ser outra que um mergulho profundo na minha própria autobiografia, indo além, exercitando a minha escrevivência, (re)visitando o processo de formação da minha identidade, explorando minhas raízes, memórias, cultura e contextos sociais, mas sem a intenção de banalizar o conceito de Conceição Evaristo.

Por fim, acredito que isso implicará em um processo intenso e gratificante de regresso aos confins da minha memória histórica, mas também, em alguns momentos, lembranças dolorosas da minha vida.

Esse é o preço!

RAÍZES SERTANEJAS, SONHOS PAULISTANOS: O INÍCIO DE UMA JORNADA SEM FIM

“Só deixo o meu cariri, no último pau-de-arara⁸”

Figura 10 - Meu pai ao chegar em São Paulo



Fonte: acervo pessoal.

Pensei por horas como iniciar o resgate das minhas raízes de uma forma original, sem cair na naturalização da trajetória histórica de milhares de famílias

⁸ último pau-de-arara – Raimundo Fagner

migrantes da região nordeste que vieram para o sudeste, principalmente São Paulo, entre as décadas de 30 e 70, em busca de uma oportunidade melhor de vida. Guardadas pequenas peculiaridades, a expectativa e o recomeço para essas famílias seguiam o mesmo traçado. Por isso resolvi seguir a fórmula, deixando que os pequenos “flashes” de lembranças suscitadas no esforço de entranhar à memória, possam ressuscitar pequenas, porém, curiosas - e por vezes - fascinantes particularidades que ressaltem as histórias de famílias e pessoas.

Como já havia deixado indicado no parágrafo anterior, meu pai se chamava Francisco, era um homem negro, filho de Gerson, de descendência indígena e Maria Bandeira, de descendência de escravizados, avós com quem eu cheguei a conviver. Já minha mãe, mulher branca, era filha de Cesar Moreira e Maria Justino, que faleceram antes que eu tivesse a oportunidade de conhecer. Toda minha família é originária do estado do Ceará, lugar que tive a oportunidade de visitar pela primeira vez no início dos anos 70, e onde, sem mesmo saber nomear, tive o primeiro contato prático do efeito de branqueamento da população. Meus avós paternos tinham 4 filhos homens e uma mulher, todos negros. Destes, somente um não se casou com uma pessoa branca. Percebi a questão racial muito forte, muito ressentimento e preocupação em relação ao racismo.

Já adulto fiquei curioso em me aprofundar na genealogia familiar, buscar a minha ancestralidade. Aproveitando a facilidade da tecnologia, consegui rastrear junto aos cartórios de registro civil boa parte dos parentes, ou ao menos até onde havia registro, como é o caso dos meus avós paternos que tinham sua origem em escravizados e indígenas. Provavelmente seus antepassados não tinham registros, apenas alguma escritura de serem posse de alguém. A partir desse levantamento resolvi montar minha árvore genealógica e depois tatuá-la na costela esquerda, foram dois anos de muito trabalho entre iniciar a pesquisa e concluir a tatuagem. Ah, também muita dor.

Figura 11 - Casal cafuzo. meus avós paternos Maria Bandeira e Gerson

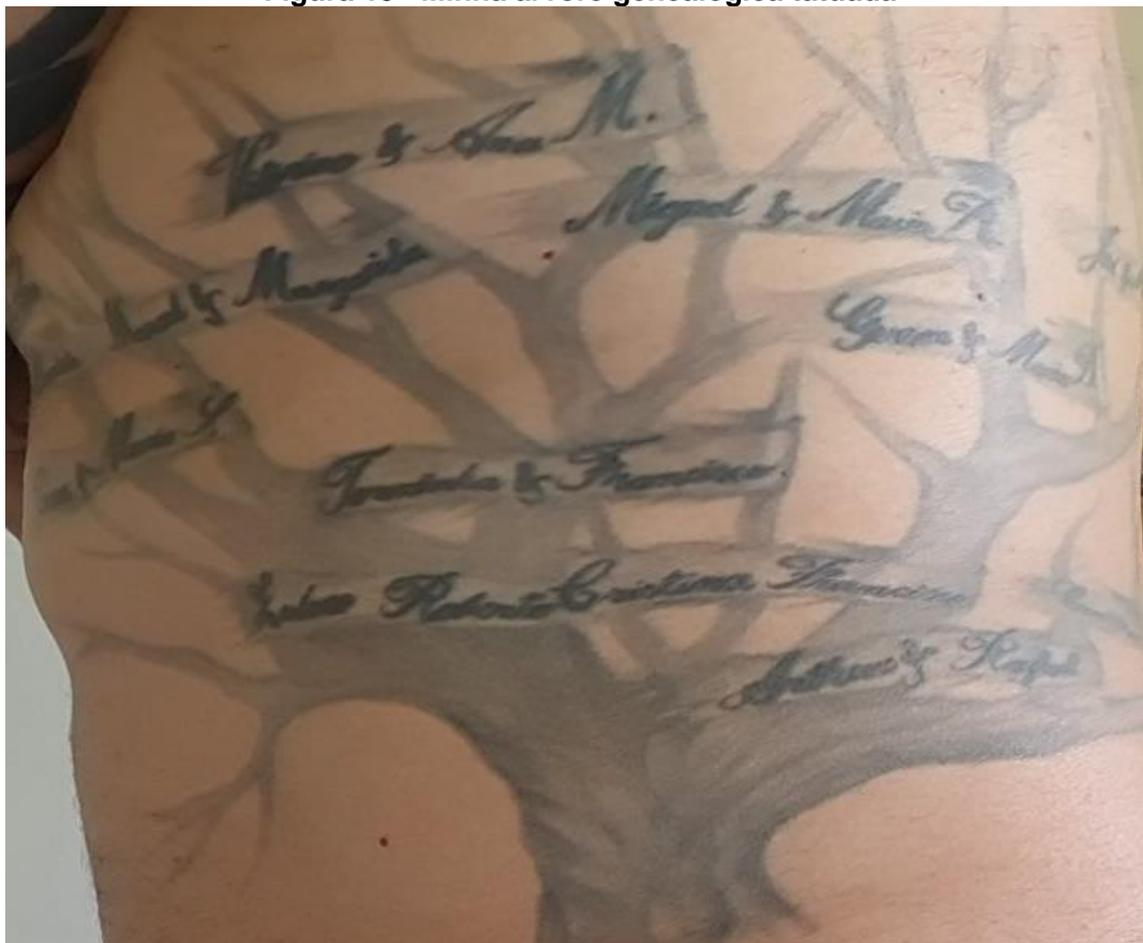


Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12 - Meu pai Francisco, minha mãe Terezinha e a irmã primogênita – 1961



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 13 - Minha árvore genealógica tatuada

Fonte: Acervo pessoal.

Meus pais se conheceram ainda em sua terra natal, mas só assumiram uma relação afetiva e matrimonial quando já estavam em São Paulo. Isso foi na segunda metade dos anos 50. Em 1961 nasceu a primogênita Teresa Cristina; 1962 cheguei eu, Francisco (geralmente, o primeiro filho homem herdava o nome do pai para homenageá-lo), 1963 nasceu o Roberto. Perceberam a sequência infalível? Uma característica adquirida na cultural herdada. Com espaço de 7 anos, em 1970, nasceu Zulene, minha irmã caçula que recebeu este nome nada convencional em homenagem a uma tia que faleceu ainda com poucos dias de vida.

Figura 14 - Irmãos

Fonte: Acervo pessoal.

Muito bem, feita essa apresentação geracional comecei a explorar as lembranças guardadas na memória. Confesso que foi um exercício marcante. Não lembro de ter feito isso alguma vez na vida, não dessa forma sequenciada. Despertaram sentimentos e sensações diversas, algumas prazerosas e que causaram sensação de satisfação e de bem-estar; já outras me despertaram um enorme desejo de dar prosseguimento acompanhado de uma terapia.

Fiquei pensando que a vida é realmente um grande palco, que a todo momento estamos representando papéis diferentes, que somente em momentos de absoluta solidão podemos enfim assumir a originalidade de quem somos; e olha que não é automático, pois passamos tanto tempo interpretando papéis que para nos encontrarmos de verdade enfrentamos um processo doloroso de retirada das camadas. Reflexão que me oportunizou estabelecer um contato com minha história de vida nunca tentado antes, e que em cada frase, em cada linha escrita pausas surgiram motivadas pelo desencadear de uma regressão ao meu eu Francisco e suas diversas fases. Com isso, estou convicto que não quero aqui somente tratar de flores, entrar em contato com as dores é fundamental, se não para superar, ao menos para entender e aprender a conviver com elas.

ELOS DO TEMPO

Ainda na década de 60, morávamos em uma casa no bairro da Vila Carrão, zona leste da capital paulista. Lembro de ser uma casa pouco conservada, mas com um grande quintal que tinha uma plantação de canas de açúcar e uma grande ameixeira; foi nela que meu tio instalou um balanço. Lembro também da satisfação que era ficar brincando naquele balanço enquanto minha mãe preparava o almoço, ao mesmo tempo que se arrumava para sair para o trabalho; também arranjava um tempo para arrumar minha irmã mais velha, naquela época com 6 ou 7 anos de idade, para esperar o ônibus escolar que a levaria para o “jardim”, era como se chamava antigamente o primeiro nível de alfabetização de crianças. Eu e meu irmão passávamos à tarde brincando em casa até que minha irmã ou meu pai voltassem. Meu pai trabalhava como autônomo vendendo azeitonas a granel. em bares e mercearias, fazia as vendas e entregas em uma bicicleta com um bagageiro de ferro, tipo cercadinho, onde carregava os produtos. Me vem vagamente à lembrança que em alguns momentos ele nos colocava dentro deste suporte da bicicleta e dava uma volta pelo bairro.

Minha mãe trabalhava na fábrica de tecidos Santista, unidade Guilherme Giorgi, em turno vespertino que se encerava às 22h. Sempre que possível íamos com meu pai esperá-la na saída, tinha uma fachada imponente e um enorme portão de aço, que assim que tocava uma sirene tipo bombardeio aéreo o portão se abria e avançava em nossa direção uma onda de trabalhadores que haviam cumprido seu turno, ao mesmo tempo em que entrava uma onda de trabalhadores na mesma proporção para dar continuidade à produção, era 24h, sete dias por semana. Ficávamos lá tentando achar minha mãe naquela multidão de pessoas, na sua totalidade uniformizadas, padronizadas e anônimas, era quase sempre ela que nos achava. Também morava conosco um tio (o do balanço), irmão do meu pai, que era metalúrgico e jogador de futebol amador. Foi uma pessoa com quem eu estabeleci um forte laço de afetividade e identificação, apesar do seu hábito de me provocar com piadas racistas, foi uma das pessoas que mais colaborou para que o meu inconsciente desenvolvesse uma grande rejeição da minha cor, a minha não aceitação como pessoa preta, acredito que efeito do histórico familiar citado lá no início. Em suas brincadeiras e piadas racistas, fazia questão de me incluir de alguma forma, ressaltando a minha diferença de cor de pele em relação ao meu irmão e às minhas irmãs, isso teve um peso muito grande na

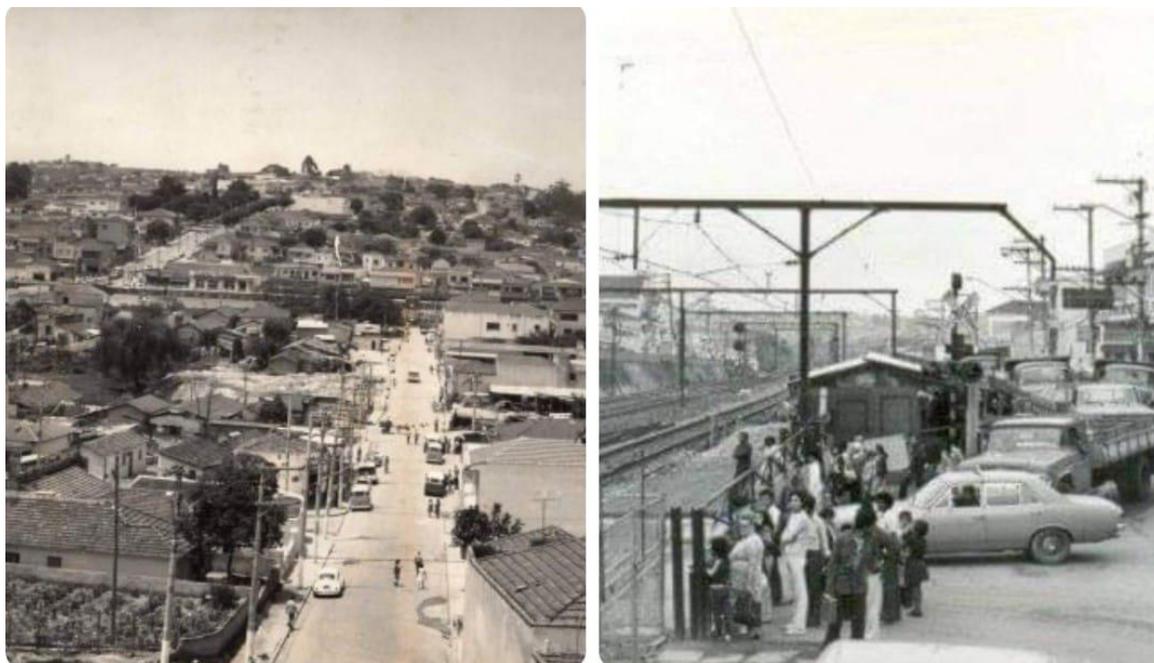
minha conscientização e desconstrução de um falso pertencimento, eu não queria receber este selo diferenciado, odiava ser distinguido pela minha cor, geralmente de forma pejorativa, fui muito cedo impelido a buscar uma aceitação no mundo branco como afirmação de identidade, o meu pardo era mais puxado pro branco do que pro negro, fato que me fez evitar aproximação com outras pessoas negras a fim de não ser identificado como pertencente àquele grupo. Detalhe: Ele era negro. Apesar disso, criei por ele uma relação muito forte, o admirava por ser jogador de futebol e ter uma série de habilidades manuais, até então só superadas pelo profº Pardal. Percebia uma reciprocidade, sentia que reservava uma atenção maior para mim, foi uma pessoa com quem me sentia muito à vontade e com muita intimidade, talvez o que esperava do meu pai. Em um período em que trabalhou em venda viajando pelo interior de São Paulo, sempre que possível me levava como acompanhante, me ensinou a dirigir e os macetes e cuidados de uma estrada. Mesmo já adolescente e não tão próximo, senti sua falta quando voltou para Fortaleza com a família. Cheguei a visitá-lo algumas vezes, e tive um grande baque quando soube que havia falecido em um acidente num navio onde trabalhava como estivador.

Figura 15 - Tio Toninho



Fonte: Acervo pessoal.

Algum tempo depois nos mudamos de residência, fomos morar em uma casa menor, sem quintal (perdemos o balanço), no bairro de Água Rasa, também zona leste da capital paulista. Apesar de pequena, era uma casa mais bem conservada. Era conjugada à casa do proprietário, o que exigia um cuidado em dobro na conservação, minha mãe entrava em desespero quando nos via com lápis de cor nas mãos, ou outra coisa qualquer que pudesse danificar as paredes. Neste período o meu pai resolveu se aventurar em outro ramo de comestíveis e trabalhar na venda de castanhas de caju torradas para bares, padarias, restaurantes e afins. Para isso precisávamos de uma casa maior, com mais espaço para adaptações do negócio que estava começando. No entanto, por ser algo inicial, o orçamento familiar exigia que o novo espaço tivesse valor igual ou inferior ao aluguel que pagávamos. Onde seria possível tamanha conjugação? Mais subúrbio! Mais fundão! Mais periferia! Mais quebrada! O lugar ideal foi encontrado em Guaianases, extremo leste da capital paulista, último bairro dentro dos limites do município de São Paulo, um local que eu só fui ter conhecimento de sua existência e da distância quando a minha pouca paciência, natural da idade, começou a ficar incomodada pela demora de chegar. Foi uma longa e interminável viagem em um caminhão de carroceria aberta, transportando mais do que móveis e poucos eletrodomésticos, transportava nossa vida, nossas esperanças, nosso futuro, futuro que eu, com tão pouca idade ainda não dava conta do que representava e o que esperar.

Figura 16 - Guaianases em meados dos anos 60

Fonte: Facebook CPDOC Guaianás.

Não vou envernizar os próximos parágrafos com o recorrente discurso saudosista de que “naquele tempo é que as coisas eram boas e blá blá blá”, não sou adepto de ficar preso ao passado e fazendo defesa do “mundo de Oz”, entendo que as coisas mudam, evoluem, se transformam e, por esta razão não eram nem melhores nem piores, apenas diferentes. Entendo que é difícil se desapegar, encarar o novo, se manter na zona de conforto é mais seguro, porém, isso não vai fazer o mundo parar. Então agradeço o que vivi, reconheço sua importância nos mais diversos aspectos da minha formação, mas “segue o jogo”, me jogo no desconhecido sem medo de encarar o que vem pela frente.

Minha infância foi igual a de todo menino que morava na periferia, ou melhor, periferia da periferia, pois o bairro ainda preservava muitas características rurais. Calçar um tênis ou sapato? Só quando ia para a escola ou saía a passeio; chinelo no pé, só enquanto se afastava de casa a fim de atender a cobrança da mãe, e ela sabia que a maior parte do tempo era descalço mesmo, primeiro pelo pouco desgaste do chinelo e segundo pela quantidade de ferimentos nos pés quando voltava pra casa. Brinquei de tudo o que hoje aparece nos canais saudosistas do YouTube.

Figura 17 - Ainda não havia celular



Fonte: SOUZA, c2023.

*Eu daria tudo que pudesse;⁹
Pra voltar aos dias de criança;
Eu não sei pra que que a gente cresce;
Se não sai da gente essa lembrança.*

Curioso como cada fase da vida vai sendo ocupada por diferentes necessidades, demandas e obrigações, e logo percebemos o impacto disso na nossa dinâmica e no tempo. Quando criança a sensação era que o dia nunca acabava, era longo, dava para fazer muita coisa, a gente acordava, tomava café, ia pra a escola e depois era rua até anoitecer. Uma questão muito interessante é que assim como as estações do tempo, e que antes eram mais regulares, as brincadeiras também tinham suas fases e épocas para acontecer, não se empinava pipas a qualquer momento, nem se jogava bolinha de gude, rodava pião, batia figurinhas quando bem quisesse. Sem nenhum tipo de planejamento ou calendário oficial essas brincadeiras começavam e terminavam em períodos cronometrados. A exceção era o futebol na rua, esse acontecia a qualquer momento.

⁹ Meus tempos de criança – Ataufo Alves

Depois vem a adolescência, já começamos a sentir uma certa dificuldade na administração do tempo, maiores cobranças nos deveres escolares exigiam reservar um tempo maior, mesmo negligenciando, pois sempre estavam entre as últimas prioridades; também tinham os deveres na arrumação e limpeza de casa, fazer compras, enfim, gradativamente essas tarefas iam ocupando o tempo de brincar. A coisa “degringola” de vez quando arrumamos o primeiro emprego - o meu foi aos 15 anos de idade - aí o tempo para as amizades, bate-papos, brincadeiras, escasseia de vez, essas coisas passam a ocupar somente o final de semana e, quando não muito exausto de um dia de trabalho, uma passadinha na casa de alguém, durante um dia de semana pra “bater um papo” rápido.

Figura 18 - Saindo para trabalhar no famoso “Cata Loco”



Fonte: SOUZA, c2023.

Eu tive uma adolescência e uma juventude muito marcante, convivi com um grupo bem equilibrado em gênero, com raros casos de identificação por sexualidade, poucos se assumiam gays, bissexuais ou lésbicas (na época só se reconhecia essas três sexualidades e era considerado um desvio de comportamento), assim como era rara a presença de negros nesse grupo de amigos.

Já em termos de condição socioeconômica, a predominância era de uma classe média, considerando o contexto socioeconômico de uma região pobre, condição que teve uma repercussão muito grande na minha formação, pois numa realidade de um

bairro socialmente carente como aquele, um adolescente conviver na bolha da classe média tem uma simbologia muito importante, principalmente quando não há uma consciência social construída no seio familiar. Éramos o modelo de família padrão e alienada, não se falava de política, conjuntura socioeconômica, de justiça social e de raça, apesar da descendência negra/indígena.

Apesar de tudo, essa bolha onde vivi e sobrevivi durante toda minha adolescência e parte da juventude foi um grande laboratório que cotidianamente me suscitava sentimentos contraditórios e conflitos pessoais, foi uma experiência que me ajudou a despertar para a construção de uma outra consciência, para que hoje me entenda e me repositone na vida frente a questões que me foram tão caras como o racismo, a homofobia, o machismo e tantas outras discriminações preconceitos com os quais convivi e alimentei, e dos quais não me orgulho.

Apesar do distanciamento ocasionado pelas escolhas de vida, ainda preservo contato com um pequeno núcleo deste grupo de pessoas que fizeram parte desse processo. No entanto, aquela quase homogeneidade comportamental catalisadora que existia, hoje não passa de lembranças nos raros encontros que ocorrem.

Figura 19 - Encontro da turma de adolescência e juventude



Fonte: Acervo pessoal.

AS NÁUSEAS DA MONTANHA RUSSA DA VIDA

O investimento do meu pai como comerciante começou a prosperar, o espaço da casa começou a ficar pequeno para comportar a família e os negócios, e logo tivemos que nos mudar novamente para que o local passasse a ser integralmente um ponto comercial dos seus negócios. Estes negócios nos proporcionou uma vida relativamente confortável, nos enquadrávamos na definição dos padrões de classe média daquela realidade periférica. Duas viagens de carro à Fortaleza para conhecer a família, título em clube de campo, telefone, na época que ter um telefone era sinal

de status, carro, apesar de não ter cacife para comprar um zero quilometro, mudança para uma nova casa bem maior e numa região mais nobre do bairro. Enfim, as coisas pareciam prosperar...pareciam. Pois é, como não tinha noção do mundo dos negócios, me iludia e me beneficiava de uma aparente condição de prosperidade.

Acontece que o mundo entrou numa grande crise nos anos 70, desemprego, queda na renda das famílias, endividamentos, as pessoas tiveram que cortar os supérfluos e, é claro, o produto que o meu pai comercializava estava entre eles. A procura caiu, os preços aumentaram em razão da crise do petróleo, a manutenção do negócio foi ficando cada vez mais inviável e nisso, talvez por inexperiência ou por ingenuidade mesmo, meu pai confiava que a crise passaria e que tudo voltaria ao lugar. Não passou! A bola de neve aumentou, o homem que saíra de sua terra natal ainda jovem para desbravar a cidade grande foi se sentindo acuado, inseguro, sem perspectiva e sem forças para lutar. Já estávamos morando em uma condição bem diferente da qual vivíamos, enfrentamos a primeira ação de despejo e fomos ocupar um cômodo numa vila de casas com banheiros comunitários.

No ano de 1980, com o seu negócio totalmente arruinado, credores em fila para acioná-lo na justiça, dívidas trabalhistas e tudo mais, resolveu pegar o único bem que ainda restava, uma perua kombi financiada e com várias prestações atrasadas, colocou dentro o que conseguiu resgatar do antigo negócio antes que a justiça confiscasse, colocou suas coisas pessoais, se despediu da minha mãe e botou o pé na estrada de volta pra Fortaleza, foi buscar refúgio junto à família. A minha primeira impressão sobre a separação, considerando a minha alienação, foi de algo repentino causado pela crise econômica que se abateu sobre nós, não percebi que já era de caso pensado e anos de desgastes e conflitos abafados. Ele decidiu que diante do fracasso, a única solução seria regressar à casa dos pais, de onde havia saído há cerca de 30 anos em busca de um sonho; já minha mãe, uma guerreira, como não poderia ser diferente, resolveu ficar, enfrentar os desafios, lutar, começar de novo, se reerguer.

Eu e meu irmão, movidos pela falta de maturidade e iludidos pelos nossos próprios interesses egoístas, resolvemos acompanhá-lo, afinal era a oportunidade de sol e mar. O sonho rapidamente foi se tornando um pesadelo quando o dinheiro acabou antes mesmo de chegarmos ao nosso destino, começamos a trocar as coisas que tínhamos dentro do carro por combustível e comida. Bem, conseguimos finalmente chegar, nos acomodar na casa dos meus avós, e logo começar a trabalhar

para reforçar o aumento das despesas extras que impactaria significativamente na aposentadoria do meu avô. No fim, após um ano marcando passo, sem fazer nada de relevante na vida a não ser pesar mais ainda na vida simples dos velhos e alimentar uma decepção pela atitude do meu pai, consegui voltar à São Paulo. O Sonho Acabou! Meu irmão voltou seis meses depois. Meu pai ficou por lá até os últimos dias de sua vida, nunca mais se ergueu profissional e financeiramente, conseguiu uma aposentadoria por idade e morou com filhos de outra relação até a sua morte.

Chegando em Sampa, encontrei a minha mãe e irmãs morando num outro local, no bairro de Itaquera, em uma pequena casa de dois cômodos, em uma vila, desta vez com banheiro individual. Obvio que fui super bem acolhido pela minha mãe e, passado poucos dias de minha chegada, “arregacei as mangas” e sai atrás de emprego para fortalecer o orçamento familiar. Nessa época, minha mãe trabalhava na área de limpeza em uma fábrica de chocolates.

SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO¹⁰

Eu sempre tive um espírito muito aventureiro, gostava de conhecer novos lugares, novas pessoas, novas culturas. Com a nossa condição socioeconômica relativamente estruturada e morando em uma casa mais confortável, que por ironia do destino era a mesma casa em que meus pais moraram quando se casaram (o destino tem muitos truques não?) eu comecei a pôr em prática esse meu gosto por aventuras, bastava uma oportunidade que eu rapidinho botava o pé na estrada. Fiz o trajeto Bauru/Corumbá no trem que outrora foi conhecido como o “trem da morte”, depois fui conhecer Cuiabá, Goiânia, Belém, Salvador, João Pessoa, Vitória, Jericoacoara ainda nos primórdios, quando ainda era apenas uma vila de pescadores, entre outros lugares que não me vêm à memória agora. Também me aventurei a passar períodos mais longos, em lugares que sequer tinha alguma referência ou contato, simplesmente entrava em um ônibus, e com a cara, a coragem e disposto a lavar banheiros se fosse necessário, chegava nos lugares e ia construindo meu espaço. Assim foram 6 meses em Natal, 6 meses em Olinda, e um ano e meio em Porto Seguro. Nesses lugares tive a oportunidade e testar minha resiliência, trabalhei

¹⁰ Alegria, alegria – música de Caetano Veloso, 1968

como recepcionista em pousada, garçom em pizzaria, garçom em barraca de praia, vendedor de pacote turístico, programador musical em rádio, ou seja, me virei.

Depois dessa minha temporada nômade encerrada em Porto Seguro, resolvi que deveria novamente me encaixar no estatuto social, procurar emprego estável e usufruir do salário suado em algumas futilidades. Volte Viemos por meio deste manifesto à São Paulo a fim de me organizar, fingir acreditar que “o trabalho dignifica o homem” e seguir nessa pegada até a próxima saturação pela cidade e o desejo de botar o pé na estrada novamente. Não tinha ideia se um dia eu ia estacionar e onde seria essa minha parada, mas certo é que nunca alimentei o sonho de seguir o padrão de estabilidade pessoal ou financeira, casar-se, constituir família, acumular bens, almejar altos postos de liderança e de salários, enfim, não era algo que me enchia os olhos.

Figura 20 - Recepcionista na pousada em Porto Seguro - 1989



Fonte: Acervo pessoal.

MUITO MAIS QUE DOIS GRANDES AMIGOS, PAI E FILHOS TALVEZ¹¹

Quando eu ainda estava em Porto Seguro, após tomar o café da manhã me sentava na porta da pousada em que eu morava pra fumar um cigarro, só então saía para o trabalho. Era um lugar muito privilegiado, localizado em frente ao rio Buranhém, no sol poente, inclusive este era o nome da pousada. Por coincidência, ou obra do destino, naquele horário eu sempre observava um rapaz passando de bicicleta com sua filha pequena na cadeirinha que ficava presa no guidom, aquela cena começou me chamar a atenção e despertar a curiosidade sobre a responsabilidade de gerar e criar um filho, achava o desafio incomensurável, gerar, acompanhar, cuidar, orientar, enfim, criar um filho. Pensava comigo:

Cada pessoa tem um projeto importante na vida, alguns e algumas se esforçam para alcançar êxito profissional, outros e outras pra construir uma vida familiar que seja modelo, já outros e outras querem se aperfeiçoar e se aprofundar no conhecimento científico e acadêmico.

¹¹ Trecho da música Pai - Fábio Jr, 1979

mas gerar e criar um filho, acompanhar os passos, as fases, participar dos sabores e das dores, acreditar que filhos podem ser uma forma de redenção, alguém que pode ser melhor do que fomos até agora. (RODRIGUES, F.Cesar)

Sei que tudo isso alimentou um forte e contínuo desejo de ser pai, de abraçar um “projeto” como este, me provocar a este desafio. Não sei se dei conta de como gostaria, mas não tenho dúvidas que fiz o que a minha consciência e expectativa me orientaram, estive presente em cada pedacinho da vida deles enquanto foi possível, acompanhei *pari passu* o desenvolvimento e ainda acompanho, procurando não ser invasivo pois ambos já são adultos. Bem, sou suspeito para falar disso, mas atesto que são boas pessoas, de bom caráter, éticas, boa índole, intolerantes às injustiças e desigualdades, senso crítico, humanizados e defensores de direitos humanos. Sim, acho que fiz até aqui um bom trabalho, foi um bom projeto.

Não sei até que ponto esse desejo era motivado por um interesse natural ou questões pendentes da minha relação com meu pai, talvez por acreditar que uma outra história seria possível, e que a relação que eu e meu pai tínhamos deveria servir como exemplo para uma experiência diferente. Apesar de ter feito um excelente papel de “provedor do lar”, meu pai nunca foi alguém próximo e afetivo, sua forma de demonstrar essa atenção era suprimindo necessidades materiais, o mais próximo que ele chegava de mim era para aplicar um castigo por ter saído da linha e, infelizmente, utilizando o mesmo “remédio amargo” do qual foi vítima, as “surras” e agressões, uma herança violenta muito aplicada aos escravizados transgressores das normas de conduta. Demorei para entender que infelizmente foi a única referência que teve sobre educação e criação de filhos, foi levado a acreditar na eficácia do método, então não havia razão para se aventurar em outros modelos, na realidade acredito que nem possuía ferramentas cognitivas para pensar que outra forma seria possível.

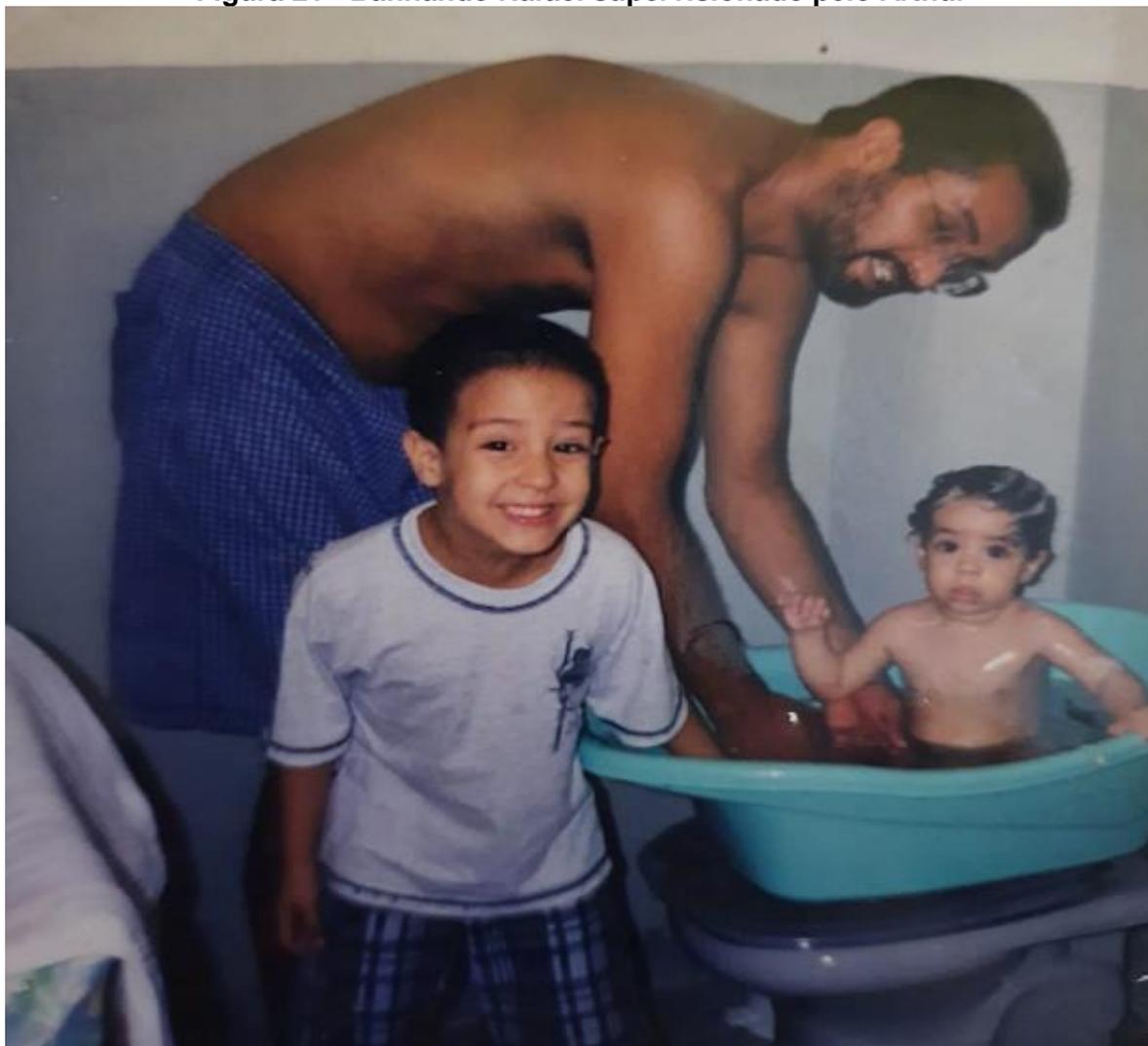
Enfim, a ausência de afeto conjugada ao rigor disciplinador criou um distanciamento grande entre nós, uma certa falta de empatia que me impedia de ter um sentimento legítimo de afinidade e solidariedade por tudo que ele enfrentou na vida, os laços consanguíneos ou as crenças religiosas não faziam sentido para que eu superasse essa falta de afeto e carinho. Quando ele voltou à sua terra natal em 1980, houve um impactante rompimento que, na minha avaliação, inviabilizou qualquer possibilidade de reconstruir vínculos, o período que passou distante superou o de sua presença, no ano de 2021 ele faleceu. Até hoje sinto certo remorso por não

ter conseguido reanimar qualquer sentimento que motivasse uma aproximação, nem mesmo na sua partida, mas entendo que não é uma questão de escolha, é uma questão de processo, de construção de relações.

Me casei em 1992, dia 03 de outubro, um dia de alegria e festa para mim, um dia após a tragédia e triste marca histórica para São Paulo: O Massacre do Carandiru! Só fui ter a real dimensão do genocídio ocorrido quando voltei de lua de mel, até então estava tudo muito encoberto, informações desencontradas. Triste, muito triste!

Em 1993 nasceu o Arthur, meu primeiro filho. Desafio lançado! Foi um início de experiência indescritível, foi um sentimento de convicção naquilo que projetara para este momento, costumo dizer que só não tive o prazer de amamentá-lo, mas desde a chegada da maternidade fui presente e atuante, o umbigo dele caiu enquanto eu o banhava. Em 1997 nasceu o Rafael, novamente o mesmo sentimento desafiador, só que agora mais escolado, mais experiente, porém, não tão confiante nem tão preparado, afinal era uma outra pessoa, algumas coisa da experiência prática do primeiro filho ajudaram, mas este era o Rafael, não o Arthur, pessoinha diferente, personalidade diferente, respondia diferente ao mesmo estímulo que demos ao irmão, a uma mesma prática empregada, comecei a perceber o quanto era rico esse novo desafio. Até hoje é intrigante perceber os diferentes comportamentos, gostos, preferências, escolhas, perfil de filhos nascidos e criando sob um mesmo teto, se o Arthur foi o meu mestrado, o Rafael foi o doutorado.

Figura 21 - Banhando Rafael supervisionado pelo Arthur



Fonte: Acervo pessoal.

Em 1994 eu fui acometido de uma doença rara chamada “poliradiculoneurite”, que na prática era uma paralisção gradativa dos movimentos do corpo, passível de reversão se tratada adequadamente e a tempo. Foram 6 meses entre sintoma, diagnóstico, tratamento e fisioterapia. Isso me afastou do trabalho por aproximadamente um ano e me despertou uma falsa e temporária consciência sobre o quanto somos frágeis, que não podemos tudo, e que a vida é um sopro, longo ou curto, e em boa parte das vezes a escolha é nossa. Eu estava num ritmo e numa relação com o trabalho que em nada respeitava meus limites. O disjuntor sobrecarregou e se desarmou pra que não desse um curto-circuito. No final, a vida voltou a caminhar, pude dar prosseguimento ao meu desafio com os filhos e, infelizmente, como citei acima sobre a “falsa consciência”, voltei a desrespeitar meus limites.

Me separei em 2008, foi um período conturbado, estava iniciando um novo trabalho, algo que era bem desafiador, procurava um novo local pra morar sem ainda ter consciência que aquele lugar que vivi por tanto tempo já não mais me pertencia, ou eu não mais pertencia a ele. Mas como minha avó já dizia, “calma que não existe noite tão longa que não encontre o dia”. Aos poucos tudo foi se ajeitando, consegui um lugar relativamente próximo dos meus filhos, o que facilitaria a nossa convivência, e a mágoa e o trauma da separação com minha ex-esposa foi se dissipando e aos poucos fomos conseguindo restabelecer o contato e preservar o que havia de positivo na nossa relação.

Figura 22 - Em companhia dos filhos, Momentos Distintos



Fonte: Acervo pessoal (destrinchar e desalinhas fotos).

1.1 A SAGA DE UM ESTUDANTE TRABALHADOR PERIFÉRICO - RESULTADO DE UM PROJETO

A Crise na educação brasileira não é uma crise; é um projeto.
(Darcy Ribeiro)

Nunca fui um aluno que se destacou, desde cedo tive uma vida educacional mediana, acredito que tenha me faltado o estímulo ou uma referência que pudesse despertar a curiosidade e interesse pelos estudos, pela leitura, pelo conhecimento. As dificuldades de concentração e aprendizado dos conteúdos era sofrível, matemática, física e química era como tentarem me ensinar mandarim, enquanto o/a professor/a explicava, eu ficava concentrado no olhar mas o pensamento estava no terreno do questionamento sobre a serventia daquilo na minha vida; no português já ia um pouco melhor, mas confesso que as regras gramaticais nunca foram bem assimiladas, eu escrevia mais por intuição; nas demais matérias procurava atingir a média, mas nem sempre dava certo. Para falar a verdade, eu nunca senti satisfação em fazer parte desse modelo de educação bancária, percebo hoje o porquê da satisfação que sentia nas aulas extracurriculares aquelas que quebravam o padrão me despertavam mais atenção e prazer.

Portanto, acho que o termo correto para a minha frequência escolar não era “estudar” e sim ir à escola. Lembro de sempre ter sido postado do meio pra trás nas salas de aulas pelos professores, a princípio justificado pela estatura (sempre fui uma pessoa com altura acima da média), mas com o tempo percebi que a cor também era fator pra essa disposição, pois com raríssimas exceções, os alunos e as alunas negros e negras também ocupavam este lado da sala, era como se a sala estivesse sempre em eclipse solar parcial. A técnica era eficaz, pois se desde criança te é ensinado qual o seu lugar, se não há uma libertação, uma quebra da corrente, você já assume isso automaticamente no decorrer da sua vida toda.

EDUCAÇÃO BANCÁRIA¹²

Iniciei minha vida escolar aos 7 anos de idade, no primário (hoje fundamental I), na EMPG XV de janeiro. Foi lá que tive minha primeira experiência de obediência e disciplina fora do ceio familiar, fila na entrada, distância de uma braçada do colega

¹² Conceito cunhado pelo educador Paulo Freire

da frente, posicionamento na fila considerando a estatura, cantar o hino nacional hasteando a bandeira do Brasil todas as manhãs antes de entrar pra sala de aula, enfim esse tipo de adestramento, pois não nos era dado o direito de questionar, sequer perguntar o porquê daquilo, e ai de você se saísse da linha. Confesso que essas coisas nunca fizeram muito sentido pra mim, como muitas outras que foram impostas sem nenhuma explicação que pudesse despertar minha compreensão e adesão consciente àquilo.

Figura 23 - Primeiro ano do primário com 7 anos de idade



Fonte: Registro escolar (acervo próprio).

Não cheguei a pegar o período da palmatória nas salas de aula, mas ainda havia uma forte cultura nas famílias de conceder aos professores e às professoras o direito de aplicar métodos disciplinadores como complemento ao método pedagógico, ficar de pé atrás da porta, inclinado para a frente, com a cabeça na parede sustentando o corpo era trivial, ajoelhar no milho era prática dos professores mais sádicos; já os mais humanizados somente pediam pra você escrever alguma frase tipo “não vou mais conversar na aula tal enquanto o professor estiver explicando” 200, 300 vezes.

Apesar da minha localização na sala de aula guardar uma razoável distância do professor, nunca era tão distante que o apagador ou o giz não me acertasse nos momentos de conversa, brincadeira ou distração. Certa vez o professor de português, acredito que cansado de tentar me fazer compreender as regras gramaticais, tentou

enfiá-las na minha cabeça - e não estou usando figura de linguagem. Ele atravessou a sala com o livro de português em mãos e começou a bater na minha cabeça dizendo que só assim eu entenderia as regras. Não sei se deu certo, mas talvez a tontura que senti por alguns minutos foi algo que entrou.

Já na 5ª série ginásial (fundamental II), estudei na EEPSG Sebastião Farias Zimbres, mais conhecido como Vila Rosa, no horário vespertino, uma mudança importantíssima na minha vida. Além de não ter mais que acordar tão cedo, me sentia na transição da fase de criança para a adolescência, já olhava para os amigos e as amigas, na época com dois ou três anos de diferença, com uma certa arrogância e superioridade, mesmo que na hora das brincadeiras isso tudo não valesse de nada. Já na 6ª série vem mais uma mudança significativa, fui estudar na EEPG Álvares de Azevedo, uma escola localizada em Itaquera, bairro vizinho e um pouco mais desenvolvido em razão do comércio.

Tendo em vista a alegação de que lá o ensino tinha melhor qualidade, eu, nos meus 13 anos, consegui convencer os meus pais a me confiarem maior autonomia para me aventurar fora do território que eu exaustivamente já havia explorado, Guaianases. Entrei em êxtase ao saber que iria pegar transporte sozinho, pagar a minha passagem, ir para um bairro longe do meu, mesmo que esse longe representasse apenas 9,5 km, ou duas estações de trem... mas era o máximo.

Toda novidade com o tempo perde o seu encanto, passado um ano da conquista de mais autonomia eu já não aguentava mais fazer aquele trajeto, pegar transporte público, ir àquela escola que só se diferenciava da anterior pela distância. Ai que saco!!! Resolvi voltar à minha antiga escola, só que agora no período noturno. Nessa época já havia rompido definitivamente com a fase de criança, e disposto a interromper prematuramente a fase da adolescência em nome dos encantos da vida jovem adulta.

Foi uma conquista indescritível estudar no período noturno, substituir o uniforme pelo avental, a esmagadora maioria dos alunos e das alunas já tinham começado sua vida no mundo do trabalho, fumavam, paqueravam, enfim, um grande salto sociocultural na minha vida. E os estudos?? Vixi!! Se neste trajeto educacional até então vivido já era perceptível a precarização do ensino público, no período noturno a situação “descambava” de vez. Alunos e alunas exaustos de um dia inteiro de trabalho, mais duas horas no “transporte de gado” (eufemisticamente falando), mal alimentados, o que esperar? Muitos dormiam na sala de aula, o planejamento

pedagógico quase nunca era concluído no ano letivo, provas em dupla ou com consulta, trabalhos para complementar as notas fracas das provas etc. Havia uma inversão na lógica, enquanto nos demais ciclos e períodos se tentavam aproximar o aluno e a aluna ao modelo educacional, neste era o modelo que se aproximava às condições dos alunos. Conclusão: Se adquiria o certificado, porém, a formação mesmo só quem corresse por fora, fosse atrás de compensar o prejuízo com reforço escolar.

Neste período eu também já iniciara minha vida profissional, até porque para estudar no período noturno era necessário trazer um atestado de trabalho. Consegui concluir o fundamental II e resolvi encurtar o ensino médio pela metade, fui fazer supletivo, já podia pagar um colégio particular e era muito atraente fazer três anos em um ano e meio.

Quando a gente pensa que não pode ficar pior, lá vem a surpresa. Mesmo sendo em um ano e meio, troquei de escola três vezes, o primeiro semestre, que correspondia ao primeiro ano do colegial, fiz no bairro de São Miguel Paulista, também vizinho a Guaianases, já o segundo semestre, ou segundo ano do colegial, fiz no centro, próximo ao meu trabalho, me poupando assim de sair correndo pra não me atrasar para a aula. Nem lembro o nome do colégio, só lembro que era na Santa Cecília, alameda Gleite se não me engano. Neste período eu fazia companhia para minha mãe na volta para casa, ela trabalhava na bomboniere do saudoso cine República e só saía após começada a última sessão. Saindo do colégio eu passava no cinema, aguardava ela fechar a loja e íamos andando até Parque Dom Pedro II para pegar o ônibus pra Guaianases, naquele horário não havia tanto trânsito, então em 1 hora estávamos chegando em casa.

Por fim, fiz o terceiro semestre, que correspondia ao último ano do colegial, no colégio Palmarino Calabrês, em Guaianases. Sem novidades! Mesmo ensino precário, mesmo perfil de alunos e alunas interessados no documento de conclusão do ensino médio que poderia render uma promoção no trabalho, a possibilidade de um trabalho em melhores condições, enfim, uns trocadinhos a mais e, com sorte, a conquista de alguns poucos privilégios.

REFUGO DA FUVEST

Depois de um ano de conclusão do colegial resolvi tentar a sorte no vestibular para comunicação social na Universidade Braz Cubas de Mogi das Cruzes, confesso que sem um real conhecimento no que eu estaria me habilitando, somente levado pelo encantamento do poder da caneta e o romantismo criado em torno da carreira de jornalista.

Revisitando minhas memórias sobre o período que antecedeu minha escolha, não havia nada na formação acadêmica que me chamasse atenção, eu não construí uma trajetória neste sentido, não lembro de ter tido referências representativas para além dos trabalhos operacionais que até então havia executado. Acho que seguir os passos de amigos e amigas em ter um curso superior e ser o primeiro membro da família a atingir este nível, foram as minhas únicas motivações.

Enfim, fui, fiz a prova que era de múltiplas escolhas, alimentava um certo otimismo por ter optado por uma área de humanas onde as questões relativas às ciências exatas não tinham tanto peso, fiquei aguardando a publicação do resultado, mas já pensando o que faria se não conseguisse, talvez um cursinho se resolvesse mesmo entrar no ensino superior, conhecer melhor as profissões para ser mais confiante e certo, enfim, fiquei aguardando e planejando o futuro. Fui aprovado em segunda chamada, lá estava eu no ensino superior, teria um título universitário, quem sabe até acertado o tiro. A Globo que me aguardasse!

A Universidade Braz Cubas não era nenhuma Brastemp, era pra atender quem não teve os privilégios de acessar os bons colégios, ter uma sólida formação e concorrer em condições de igualdade às vagas nas melhores instituições de ensino superior de São Paulo, ou do Brasil. Na maioria dos casos, as condições de quem estudava em Mogi revelava uma situação de desigualdade de oportunidades, eram alunos que após um dia massacrante de trabalho ainda tinham que enfrentar a distante localização e o precário transporte simplesmente por não ter tido oportunidade de uma boa base educacional que desse condições de uma mais justa concorrência nos vestibulares almejados.

Com isso não estou menosprezando quem lá se formou, existem excelentes profissionais que passaram por Mogi e ocupam lugares importantes em seus campos de atuação. Só para ilustrar, os próprios alunos que estudavam em Mogi ironizavam as condições de quem fazia faculdade lá, foi criado um hino que os calouros tinham

que decorar. Tive que forçar na memória, até consultar antigos colegas de faculdade para lembrar a letra inteira. Aí vai:

Eu fui prestar vestibular;
Eu não passei, eu me fudi;
Eu sou refugio da FUVEST;
Eu sou aluno de Mogi.
Mogi, Mogi, a terra do Caquí;
Se existe o cú do mundo,
O cú do mundo é aqui.

FECHANDO A TRAJETÓRIA ACADÊMICA, SQN...

Completei os quatro anos do curso de comunicação social e mais meio pelas “depês” arrastadas. Admito a valiosa contribuição que o ambiente acadêmico teve na minha formação sociopolítica, no despertar de um pensamento crítico, no reconhecimento e me opor às injustiças sociais geradas pelo sistema capitalista e em que lugar eu me encaixaria nisso tudo.

No entanto, também admito que colhi, da forma mais amarga, o resultado da deficitária educação que recebi ao longo da minha vida estudantil. Foi difícil acreditar ser um profissional da comunicação sem as noções básicas e necessárias para o exercício da atividade. Foi um espaço onde convivi durante quatro anos, mas enfrentando constantemente uma crise de identidade, me questionando o que eu queria ou fazia ali, já que não conseguia me identificar. O fato é que me formei, recebi um diploma que me confere o título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, no entanto, sem aptidão e vontade para exercer a profissão.

Fechando este ciclo, não poderia deixar de mencionar e agradecer ao amigo Balú, aquele amigo de infância que citei acima, por ter sido um dos responsáveis em me manter no trilho. A certa altura da minha acadêmica, me vi na iminência de abandoná-la por ter ficado desempregado. Este amigo não permitiu que eu interrompesse a faculdade, se oferecendo para custeá-la até que eu voltasse ao mercado. Durante 6 meses ele pagou os meus estudos.

Figura 24 - Reencontro com amigos de faculdades

Fonte: Acervo pessoal.

Aqui vou dar uma ajustada no relógio da máquina do tempo e pular de 1988 para 2020.

Tive o gratificante prazer em conhecer a amiga Dirce Koga no período que trabalhei na Secretaria Municipal de Assistência Social, no início dos anos 2000. No entanto, já conhecia seu brilhante trabalho de construção do mapa da Exclusão e Inclusão da cidade de São Paulo. Dalí em diante nos encontrávamos em espaços em comum, até quando, por força da necessidade de promover uma qualificação no trabalho que vinha executando, contratei uma consultoria sua sobre desenvolvimento social a partir dos territórios.

Em meados do primeiro semestre de 2021, a Dirce me mandou o edital pra concorrer ao mestrado em serviço social na PUC/SP, prevendo que seria um aprendizado muito valioso pra mim e, em contra partida, a PUC teria muito a ganhar com a minha experiência acumulada em todos anos de trabalho social com crianças e adolescentes, e mais recentemente com o movimento de arte e cultura periférica, acreditava que essa via de mão dupla era importante e vinha de encontro a um movimento ainda tímido na PUC, que buscava a valorização e reconhecimento dos saberes construídos fora da academia, saberes de vivências, de experiências

práticas, ela justificava que não existia uma hierarquia entre saberes, apenas existiam saberes diferentes. De verdade resisti, voltar à academia nunca foi algo que estivesse nos meus planos, ainda mais para um mestrado, falei que iria pensar e dias depois entrei em contato para confirmar que tinha me inscrito. Segui todos os trâmites, um processo bem difícil, para quem não estava mais familiarizado com o ambiente, burocracias e linguagens acadêmicas, são 33 anos entre ter saído da graduação e voltado para a pós-graduação.

Não acreditei quando vi o meu nome no primeiro lugar de aprovação no curso e, conseqüentemente entre os primeiros aprovados na bolsa CAPES, foi muito encorajador e um marco no rompimento das limitações construídas a partir da educação deficitária que constituiu minha trajetória educacional. Não posso dizer que foi um mar de rosas, sai do mestrado sem ainda entender vários procedimentos, funcionamentos e benefícios da pós-graduação, assim como com um sentimento de que em termos de conhecimento teórico nada sei, vários autores e autoras citados sequer eu sabia pronunciar o nome, que dirá ter lido, ficava imaginando que para adquirir o conhecimento de todas as indicações de leitura que tive neste período de estudos, teria que nascer novamente e ser alfabetizado aos 3 anos de idade. Mas não é algo que me tira o sono, nos meus 60 anos de vida aprendi a valorizar os mais diversos tipos de ensinamento e conhecimentos, tudo que passei e narro resumidamente neste memorial foram momentos ricos de aquisição de conhecimento e que me fizeram chegar até aqui, vivo e satisfeito com tudo que fiz, enfrentei e conquistei.

Infelizmente pude compartilhar toda essa história, todo esse meu percurso na pós-graduação minha qualificação, defesa e conquista do título de mestre com a minha querida e eterna amiga Dirce Koga, ela nos deixou ainda no segundo semestre de 2021, foi um momento muito triste e doloroso, cheguei a pensar em não continuar. No entanto, mesmo não estando mais entre nós, eu sinto que devo isso a ela, a quem demonstrou tanta confiança e respeito por mim e pela minha trajetória. Sigo pela Dirce!

Figura 25 - Dirce Koga com equipe de desenvolvimento social do Projeto Guri - 2016



Fonte: Acervo pessoal.

1.2 TRAJETÓRIA NO MUNDO DO TRABALHO: A RESILIÊNCIA SEMPRE ALERTA¹³

Você deve estampar sempre um ar de alegria;¹⁴
E dizer tudo tem melhorado;
Você deve rezar pelo bem do patrão;
E esquecer que está desempregado.

Ainda criança me foi despertado o interesse em conseguir uns trocadinhos a mais do que o do lanche dado pela minha mãe, comecei a recolher garrafas, alumínio, cobre e outras sucatas para vender no ferro velho, hoje atividade de inúmeros carroceiros que sustentam a si e as suas famílias com o pouco que reciclam. Era óbvio que logo seria picado pelo mosquito “*capitalismus ganancius*” e já não me contentaria com moedas, lembro de ter comprado uma carteira para estimular o interesse de

¹³ Nota do autor: Apesar de ter começado a me preocupar em ganhar dinheiro e conquistar uma certa independência financeira muito cedo, inclusive me submetendo a muitos trabalhos impróprios e insalubres para a minha idade, quero ressaltar que sou incondicionalmente defensor do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, compreendo e defendo a doutrina da proteção integral, alicerce da lei, e reconheço a importância da necessidade de se vivenciar plenamente as fases da vida para a formação do sujeito e da sujeita, com especial destaque para a fase da infância e da adolescência.

¹⁴ Comportamento Geral – Gonzaguinha, 1973

recheá-la com notas. Passei a procurar atividades mais estruturadas e com melhores oportunidades de ganho, ainda não pensava em uma formação profissional, era algo mais imediatista. Quando finalmente resolvi entrar na oficialidade do mundo do trabalho, a primeira providência foi estar postado às 4 horas da manhã, em frente à agência regional do trabalho, sediada no bairro vizinho, pra conseguir uma senha e finalmente dar entrada no pedido da minha primeira CTPS, ou simplesmente carteira profissional.

A partir daí o roteiro era o mesmo de centenas de milhares de trabalhadores e trabalhadoras, recortar anúncios do jornal Estadão de domingo (era o jornal com o maior número de anúncios de emprego do país, devia pesar uns 10 quilos e ter umas 100 páginas) e sair com o bolso cheio de pequenos recortes de papel contendo sonhos e esperanças. Com muita sorte aparecia algo em poucas semanas, mas a regra era paciência, perseverança, muita força nas pernas e muita sola de sapato.

CAFÉ, CAFÉ COM LEITE OU SÓ LEITE?

A minha trajetória no mundo do trabalho seguiu mais ou menos essa linha de tempo, vendedor ambulante de jornais, que sem medo de errar caminhava uns dez quilômetros por dia e em locais que nem imaginava existir no bairro, depois resolvi me aventurar na feira livre, primeiro fazendo carretos e depois de pegar intimidade com os feirantes, trabalhar em barraca de frutas. O mais difícil não era vender as frutas, nem tampouco montar e desmontar a barraca, o mais difícil era aguentar o frio em cima da carroceria do caminhão que me pegava na rua às 03h30, para ir ao mercado municipal carregar.

Passada essa fase de desbravamento da minha resiliência e motivação, entrei para o mundo formal do trabalho. A iniciação foi praticamente a mesma de todo adolescente da minha época, office-boy. Além de percorrer os endereços dos anúncios recortados do jornal, reservava um tempo para passar nas agências de emprego e deixar uma ficha de intenção preenchida. Foi numa dessas agências que me deparei pela primeira vez com o racismo institucional. Estava eu preenchendo a proposta de trabalho quando ouvi a conversa do selecionador com um possível contratante, onde discutiam o perfil dos candidatos desejados. O selecionador perguntou para pessoa que estava do outro lado da linha: “café, café com leite ou só leite?” Num primeiro momento estranhei, mas ao comentar com um senhor que estava

sentado ao meu lado, que pela idade já devia ter passado por várias seleções e sabia do que estavam falando, me explicou que se tratava da escolha de uma pessoa negra, parda ou branca. Dei um sorriso amarelo e desconversei. Aquilo passou a se juntar ao extenso repertório de piadas racistas que eu já tinha ouvido até aquele momento da vida. O fato é que aquilo não saiu da minha cabeça, fiquei pensando como eu seria classificado pelo selecionador...

ABAIXO A DITADURA E CORRE...

Em 1977 consegui meu primeiro emprego, era uma empresa de fertilizantes e sementes agrícolas. Cheguei para me apresentar e segui a orientação que o selecionador da agência havia me dado, no momento da entrevista era pra eu afirmar que conhecia bem a cidade, que sabia andar pelas ruas. Na realidade eu saíra do meu bairro para ir ao centro pouquíssimas vezes, sempre em companhia da família para compras de final do ano no Mappin, loja de departamento que ficava em frente ao Teatro Municipal. A pessoa da empresa responsável pelas contratações me perguntou: *Conhece a cidade? Sabe andar pelas ruas?* Eu firme na resposta para impressionar e acreditando que ficaria só nisso, disse com toda convicção: *“Sim, claro que sei!”* Ele, pessoa escolada na malandragem da molecada, deve ter percebido que era mentira e começou a perguntar onde ficavam algumas ruas. Nem preciso dizer que errei todas né? Até a praça da República que era vizinha ao prédio da empresa eu errei. Mesmo assim me deu uma chance e me colocou em treinamento por uma semana junto com um office boy mais antigo. Em poucos meses eu já era um guia de ruas ambulante, havia aprendido todos os macetes de atendimento em banco, cartórios, agências de viagens etc, foi um grande aprendizado. Também foi nessa época que vi nascer e crescer o movimento hip hop na 24 de maio e no metrô São Bento, várias vezes atrasei o trabalho por ficar assistindo o pessoal arrebentar na dança e na discotecagem, Thaíde, DJ Hum, Nelson Triunfo e cia.

Apesar das coisas boas que vivi nessa época, as descobertas, logo percebi que nem tudo era flores, ainda estávamos na ditadura militar, conheci um toque de recolher na prática. Quando havia programada alguma passeata de protesto contra o regime, as empresas eram obrigadas a liberar os empregados mais cedo, o exército já havia tomado as ruas e praças para instalar o clima de confronto, dispersar grupos e impedir aglomerações, as pessoas não podiam ficar paradas em grupos, mesmo que fosse

apenas para conversar ou tomar uma cerveja, os soldados já vinham pra cima obrigando a dispersão, só se via as pessoas apressadas e com passos rápidos se dirigindo para os pontos de ônibus para não estar nas ruas no momento do confronto.

Em uma ocasião, eu e os outros garotos da empresa, sabendo que haveria passeata na Avenida São João, corremos para a galeria do Rock e nos alojamos em um dos mirantes para assistir o confronto entre os manifestantes, na sua maioria estudantes universitários que se concentravam no largo São Francisco, e a cavalaria do exército, era muita pancadaria, muita bomba de efeito moral e muitas bolinhas de gude para derrubar os cavalos. Nunca tinha presenciado tamanho ato de coragem dos manifestantes, iam pra cima mesmo. Em outra ocasião, estava indo rápido pela rua 24 de maio, sentido Parque Dom Pedro II, pois já havia fortes indícios de manifestação, as ruas estavam cheias de soldados do exército, da PM e carros blindados, de repente ouve-se um grito: “Abaixo a Ditadura e Corre”! Não imagino como começou, mas foi uma correria desesperada das pessoas que estavam caminhando, o exército e a PM não discriminavam ninguém, quem pegasse pela frente tomava borrachada. Naquele momento a única preocupação era se abrigar, sair da rua. Vi a porta da loja Besni abaixando rapidamente, fui ligeiro e me joguei no chão conseguindo passar pra dentro, lá fiquei, juntamente com funcionários, clientes e quem mais conseguiu se refugiar, esperando as coisas se acalmarem, a todo tempo ouvíamos as pancadas de corpos sendo jogados contra a porta de aço.

Decidi me alongar neste capítulo, pois foi o início da minha trajetória no mundo do trabalho, com passagens cômicas, mas principalmente com passagens “num tempo, página infeliz da nossa história”, assim disse meu xará Chico, o Buarque, na música Vai Passar. Por isso, quando ouço alguém defender a volta da ditadura militar, a primeira pergunta que eu faço é: Você sabe o que é viver sob uma ditadura? E em seguida, se houver interesse, narro esses fatos como agente vivo e ocular desse momento triste do país.

Figura 26 - Anos de chumbo

Fonte: NOGUEIRA, 2016.

DOCE ILUSÃO

Passando rapidamente pelas minhas outras experiências no campo da iniciativa privada, trabalhei como office boy em mais três empresas e quando entrei na faculdade de comunicação, criei uma ideia fixa de entrar em uma empresa jornalística, qualquer que fosse a área, pois estaria a meio caminho andado para chegar à redação.

Em 1984 cheguei a ter uma experiência de um mês no IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), que encerrou suas atividades em 2021. Trabalhei fazendo pesquisa de audiência, batendo de porta em porta, seguindo uma metodologia insana, de tempo cronometrado, e tendo atendimento dos pesquisados que iam de um copo de suco gelado em dias de calor, até soltar o cachorro atrás de mim. Mas uma coisa bacana eu levo daquele lugar, a primeira indicação de uma leitura comunista que não fosse de comedores de criancinhas. Um colega, que não lembro mais o nome, uma figura caricata, cabelos longos e cacheados, brancão, alto, magro e narigudo, usava um óculos redondinho tipo John Lennon e andava sempre com a mesma surrada calça jeans e camiseta Hering branca. Ele não era de se enturmar muito com a galera, estava sempre lendo livro de bolso. Um dia, tomando café antes

de sair a campo, começamos conversar e ele começou falar sobre comunismo, socialismo, e bem fora do contexto do que até então eu tinha ouvido. Percebendo minha atenção e curiosidade, me deu uma indicação de leitura que, segundo ele, era o princípio de tudo para que eu pudesse entender o comunismo: “10 Dias que Abalaram o Mundo, de John Reed”. Disse que seria muito difícil encontrar em livraria, eu só acharia em sebo. Daquele dia em diante fiquei obcecado em encontrar esse livro, e foi exatamente num sebo da rua José Bonifácio que encontrei, uma edição de 1958, e que hoje mandei restaurar e encadernar. O livro traz um relato detalhado dos momentos mais importantes que antecederam a Revolução Russa de 1917. Reed era um jornalista americano simpatizante das ideias socialistas e narra os a queda do governo czarista e a ascensão dos bolcheviques. Com o apoio da maioria dos trabalhadores camponeses e contando com um descontentamento generalizado, a revolução ganha força, depõe o governo conservador e leva os bolcheviques ao poder liderados por figuras como Lênin e Trotski.

Figura 27 - Revolução Russa



Fonte: Acervo pessoal.

Confesso que sou persistente e obcecado quando boto algo na cabeça, consegui entrar na área de distribuição da empresa O Estado de São Paulo, conhecido

como “Estadão”. Trabalhei por 5 anos, começando por carregar caminhão com jornais, depois acompanhar as entregas domiciliares pela madrugada, fui promovido a fiscal de entrega e, por fim, supervisor de qualidade. Sempre arrumei tempo para visitar e me familiarizar com o ambiente da redação, que ainda utilizava máquinas de escrever e cinco laudas carbonadas.

Cheguei a acompanhar alguns repórteres experientes em campo, carreguei equipamento fotográfico, estava disposto a fazer o que fosse preciso para chegar à redação, tinha esperança de que a prática poderia suprir minha deficiência da formação acadêmica. No entanto, no caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no caminho, ou melhor, tinha uma diretora de redação, pessoa com quem nunca cheguei a trocar mais que uma boa tarde, e que fazia questão de sadicamente me lembrar que a ascensão a redação era quase que conseguir a permissão de Zeus para entrar no Olimpo. Ela me disse:

Olha, não é porque trabalha no jornal e está estagiando na redação que conseguirá uma vaga aqui, já te digo que é MUITO difícil entrar; acho que é até mais fácil pra quem vem de fora do que dar oportunidade pra quem está aqui dentro.

Confesso que naquele momento, o pouco de esperança que tinha em juntar e colar os cacos da minha escolha profissional foram triturados na britadeira da desmotivação. Pouco tempo depois, cansado de sujar as mãos na tinta ainda fresca dos jornais, pedi demissão. Mas nem tudo foi só decepção, aprendi a gostar de acompanhar as notícias pelos jornais impressos, reconhecer os estilos de escrita dos repórteres e, principalmente ter jornal de graça.

Uma coisa que me marcou muito foi acompanhar o surgimento da AIDS, seu alastramento e a desesperada busca por uma cura. Lembro d’eu no trem para Mogi das Cruzes lendo o batismo dado pelos cientistas à doença, “**AIDS**” em garrafais na manchete do Jornal da Tarde.

EFEITO BORBOLETA

Vou ter que voltar um pouquinho na minha experiência em Porto Seguro, pois tem uma parte importante relacionada a minha trajetória profissional. Quando saí do Estadão e recebi a minha verba rescisória, fiquei pensando o que fazer, se sairia à

procura de um novo emprego em outro ramo ou botaria o pé na estrada, estava muito necessitado de uma viagem, de sair um pouco de São Paulo. Aliás, vale um comentário: Apesar de ser nascido e criado aqui, não consigo estabelecer um vínculo com essa cidade, todas as minhas saídas foram na tentativa de fixar moradia e não voltar mais, viver em São Paulo não é algo que espero para o resto da minha vida. Bem, decidi juntar o útil ao agradável insistindo na profissão, mas desta vez fora de São Paulo. Fiz um contato com uma empresa jornalística de Fortaleza e marquei uma entrevista em 15 dias. Como havia tempo, resolvi dar uma passada em Porto Seguro para conhecer, e em seguida partir para o meu compromisso no Ceará. Fiquei tão encantado com a cidade e o ritmo de vida que desmarquei a entrevista de emprego e passei a procurar algo que pudesse fazer para me manter por ali. Foi um período e uma experiência interessante, além de despertar o sentimento da paternidade que já citei na trajetória pessoal. Lá também passei por um processo de desintoxicação da ansiedade e do ritmo acelerado, após seis meses de moradia e adaptação, minha irmã foi de férias e ao nos encontrarmos não me reconheceu, me apelidou de Chico Sossego, de tão desacelerado que estava o meu ritmo.

Já fazia um ano e meio que estava em Porto Seguro quando as coisas começaram a ficar difíceis, a pousada em que eu trabalhava e morava ia fechar, a pizzaria em que tive minha primeira experiência como garçom, também; o que eu ganhava na rádio como programador musical seria insuficiente para me manter, enfim, coisas de cidade turística, são cíclicas. Diante deste cenário de aperto, como é natural, a gente volta para onde nos sentimos seguros e, ilusoriamente donos do nosso destino, a terra onde nascemos e fomos criados, a referência mais forte. Retornei para São Paulo, infelizmente para casa da minha mãe em razão da condição em que eu estava voltando, e lá vou eu de novo encher os bolsos de recortes de jornal e sair atrás de trabalho, estava abraçando o que aparecesse, até cheguei a fazer seleção em uma metalúrgica que pagava bem e seria mais um conhecimento acumulado, infelizmente não rolou.

Ainda quando estava em Porto Seguro, preste a voltar para São Paulo, uma amiga - Roberta Lobo - foi passar uns dias na cidade e abri pra ela minha situação e a minha decisão de retorno; ela me falou que estava trabalhando em um serviço que estava sendo implementado pelo governo do estado de São Paulo, e se prontificou a entregar o meu currículo. Eu nem botava muita fé, não tinha entendido muito bem o que fazia, só ficou gravado que era algo para trabalhar com crianças e adolescentes,

que até então eu chamava de “menor”. Estava em casa, pronto para sair em mais um dia de procura de emprego quando recebo um “telegrama” (olha que coisa? Telegrama!) da Secretaria de Estado do Menor me convocando para uma dinâmica e entrevista. Fiquei eufórico com a possibilidade de trabalho, mas em seguida bateu um pânico, pois não era qualquer trabalho, seria algo que eu nunca me imaginei fazendo, nunca havia cuidado ou trabalhado com crianças ou adolescentes.

No dia e horário agendado lá estava eu, rua Piratininga, nº 105 - Brás. Passei pelas fases da seleção e fiquei aguardando um possível contato, apesar de com muito ceticismo. Alguns dias depois sou surpreendido por um telegrama informando a minha aprovação, marcando dia e horário para me apresentar na sede da Secretaria para processo admissional. Fiquei muito feliz por ter conseguido o emprego, mas não fazia a menor ideia de que a partir dali minha vida mudaria totalmente, eu experimentaria algo novo e que definiria todo meu futuro.

Bora lá saber um pouco disso?

DE MENOR A SUJEITO DE DIREITOS

Quando finalmente passou toda a etapa burocrática de contratação, fui encaminhado de volta ao prédio onde passei por seleção, e que também era um centro de formação de educadores sociais. Foi no processo de formação que descobri a quantidade de programas que faziam parte da política, conheci com mais profundidade a proposta da secretaria e do desafio de implementar um atendimento integral às crianças e adolescentes em vulnerabilidade e risco. Faço questão de relacionar os programas existentes para se ter a dimensão e o alcance da Secretaria à época:

- ✓ Programa Casa Aberta
- ✓ Programa Casa Moradia
- ✓ Programa Casa Abrigo
- ✓ Programa Casa da Criança Renascer
- ✓ Programa Ação Integrada da Área Central
- ✓ Programa Clube da Turma
- ✓ Programa Enturmando
- ✓ Programa Circo Escola

- ✓ Programa A Turma Faz Arte
- ✓ Programa de Prevenção e Combate à Violência e à Discriminação Contra Crianças e Jovens
- ✓ Programa SOS Criança
- ✓ Programa de Complementação Escolar
- ✓ Programa de Iniciação ao Trabalho
- ✓ Programa Balcão de Empregos
- ✓ Programa Creche e Pré-Escola
- ✓ Programa Centro de Convivência Infantil
- ✓ Programa de Formação de Recursos Humanos
- ✓ Programa de Informação, Divulgação e Formação Profissional
- ✓ Programa Instituto de Assunto da Família
- ✓ FEBEM

Foi também na formação que entendi a razão por ter sido selecionado sem exigência de experiência anterior, o único critério era ter formação universitária na área das ciências humanas, pois o conhecimento para o exercício da função seria adquirido no programa de formação e na prática do trabalho. Nem preciso dizer que a maciça maioria dos profissionais que compunham o corpo técnico da Secretaria eram formados em Serviço Social e Psicologia, ali começou a minha relação, familiaridade e admiração pelo trabalho dessas duas profissões. O programa consistia neste processo de teoria, prática, teoria, passávamos periodicamente por reciclagem com uma equipe técnica formada por profissionais da própria Secretaria e especialistas no campo da área da criança e da adolescência, na sua maioria procedentes da academia, inclusive da PUC/SP. Após a primeira fase de formação, a equipe de gestão técnica designava qual o programa mais indicado para a atuação de cada profissional contratado. No meu caso - não sei até hoje qual foi o critério utilizado - concluíram que me encaixava no trabalho com adolescentes e jovens autores de ato infracional, portanto, iria atuar na recepção, acolhimento, entrevista e acompanhamento desses meninos e meninas no Programa SOS Criança, porta de entrada para a maioria dos programas da Secretaria.

Figura 28 - Logomarca da Secretaria do Menor – 1987



Fonte: Foto extraída da página do Facebook SOS CRIANÇA – SECRETARIA DA CRIANÇA, FAM. E BEM-ESTAR SOCIAL/TURMA DE 90).

A REVOLUÇÃO COMEÇA AQUI: SEMEANDO MUDANÇAS

A Secretaria do Menor foi criada em 1987, e enquanto secretaria de estado e com esta estrutura, vigorou até 1993, quando houve a passagem para a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social. Neste processo alguns de seus programas foram extintos e outros conveniados com organizações sociais. O modelo até então adotado de contratação das equipes era via autarquias, o que permitia salários atrativos, muitos benefícios e, fatalmente, retenção de talentos.

O conceito que estava por trás da Secretaria era implantar um atendimento humanizado, já se antecipando à doutrina da proteção integral apregoada pelo ECA, era o reconhecimento de criança e adolescentes como sujeitos de direitos. Infelizmente os registros da existência, do funcionamento e dos atendimentos da Secretaria e de seus programas são quase inexistentes, pouco se menciona desse trabalho, a não ser quando é para desqualificá-lo como cabide de emprego, distorção e precarização de profissões como assistente social e psicólogos, pedagogos. O Fato é que talvez tenha sido o último momento em que houve gestão e execução direta do estado na política de atendimento à população infanto juvenil em São Paulo, com exceção da Fundação CASA, também é fato que a Secretaria foi um grande celeiro

de formação de profissionais para atuar com a crianças, adolescentes e jovens em vulnerabilidade e risco social, vários e várias profissionais, com o fim da Secretaria, migraram para ONG's, O.S's, Fundações, Institutos e para as políticas sociais, levando um rico e vasto conhecimento e uma experiência inestimável sobre o olhar e atendimento à população infanto juvenil.

Trabalhar no Programa SOS Criança foi uma grande escola e um lugar de revelação sobre a minha verdadeira vocação, foi um espaço de muito aprendizado, muitas trocas e informações, um ambiente muito diverso e com o desafio de aplicar teoria à prática em tempo real, e em efetiva interação com o agente de intervenção. Não vou entrar nos detalhes e casos trabalhados, pois isso daria um memorial específico, ou até um livro, quem sabe?! Mas fazíamos verdadeiros estudos de casos a cada particularidade a que éramos desafiados, os diversos olhares a partir da história de vida e da formação dos colegas sempre traziam ricos elementos, com destaque ao olhar dos colegas Assistentes Sociais e Psicólogos, afinal passamos todos pela mesma formação da Secretaria, mas a carga de conhecimentos trazidas por esses profissionais era um diferencial enorme.

Figura 29 - Capa do livro da Secretaria do Menor – 1993



Fonte: Foto extraída da página do Facebook SOS CRIANÇA – SECRETARIA DA CRIANÇA, FAM. E BEM-ESTAR SOCIAL/TURMA DE 90)

1.3 PRAZER, EDUCADOR SOCIAL, O GENERALISTA

Apenas para ilustrar qual era a atividade que eu exercia, o adolescente autor de ato infracional era trazido pela autoridade policial, não era permitido que eles entrassem algemados, era obrigado ter feito exame de corpo delito, fazíamos uma entrevista inicial para saber sobre a abordagem dos policiais, se sofreu agressão, depois oferecíamos banho, roupa limpa e alimentação. Em seguida fazíamos uma entrevista para formulação de um relatório social circunstanciado, era recomendável não abordar ou entrar na questão do delito, a não ser que tivesse alguma relevância para o processo que beneficiasse o jovem, e em seguida o encaminhava para uma unidade de internação provisória para retorno em audiência no dia seguinte.

Vale ressaltar que esse relato se refere ao horário do meu plantão, que era das 20 às 08h, em regime de trabalho 12/36. O adolescente passava por audiência com o juiz, que baseado nos autos, na conversa com o jovem e no nosso relatório, sentenciava a medida. Quando o juiz achava por bem conversar com o educador sobre o caso, ele nos intimava a fim nos ouvir sobre a conversa com o adolescente e

saber a nossa impressão. No plantão noturno eram feitos os recâmbios dos jovens remidos às suas famílias, uma dupla escalada saía em kombis, muitas vezes com lotação completa, para levar os jovens às suas residências. Praticamente passávamos a madrugada toda indo de um extremo ao outro da cidade, não era nada simples, ao contrário, em muitas situações a equipe passava apuros e riscos, era comum no retorno destes recâmbios os colegas relatarem provações enfrentadas.

Por fim, o juiz atribuía ao educador de referência o acompanhamento e a evolução dos adolescentes após o cumprimento da medida, ou seja, tínhamos que fazer visita familiar e elaborar relatórios sobre as condições socioeconômicas das famílias, se o jovem estava empregado ou procurando emprego, se havia voltado a estudar, e essas coisas que juiz acha crucial para a vida de jovens pretos e pobres das periferias.

Entendo que todas essas atribuições relatadas e que transversalizava por formações não especializadas são questionáveis e até vistas como precarização do atendimento, mas o fato é que por ter existido há 30 anos foi algo de vanguarda e ratificado por especialistas de diversos segmentos, repito, uma grande escola de formação de educadores sociais e trabalhadores da área da infância, adolescência e juventude.

Figura 30 - Momentos de confraternização entre as equipes de educadores sociais do Programa



Foto: Acervo pessoal.

É Caminhando que se faz o Caminho¹⁵

Quando resolvi sair do SOS Criança em razão do seu desmonte e desvio da missão, fiquei bastante decepcionado e triste, foi um lugar que me despertou a atenção e a consciência para questões que nunca havia me preocupado, uma

¹⁵ Enquanto houver sol - Titãs

atividade em que me senti fazendo algo importante para mudar um estado de coisas, onde passei a olhar com mais preocupação o coletivo e os fenômenos produzidos pelo regime capitalista que produzia mais que riqueza para poucos, produzia injustiça social, pobreza, violência e exclusão, foi um lugar onde eu finalmente havia me identificado, gostava do que fazia e fazia bem feito.

Por ter voltado a aquele estado de falta de perspectiva, de referência, pensei em tentar mais uma vez ingressar na minha área de formação, marquei uma entrevista no extinto jornal Diário Popular. No dia da entrevista recebi a ligação de um ex-colega do SOS Criança me convidando para trabalhar em um abrigo que atendia crianças e adolescentes em situação de rua, Abrigo Educativo Taiguara. Me explicou que havia sido recém-criado, que era um modelo experimental que um educador social espanhol havia implementado na Bolívia e que trazia uma proposta bem interessante. Num primeiro momento recusei, estava decidido a tentar – mais uma vez – algo na minha área de formação. Após muita insistência resolvi dar uma passada só pra um café e pra que aquela conversa parasse logo.

Chegando ao local, não precisou muito para me encantar com o projeto, com a proposta, reacender a chama em voltar a trabalhar com aquela galerinha de novo. De lá mesmo liguei para o jornal desistindo da entrevista. Daquele momento em diante, tive convicção do que queria fazer, onde eu queria atuar, unir trabalho e satisfação pessoal, foi o caminho que decidi seguir ao chegar naquele impasse. Com isso, lá se vão 33 anos de trabalho em projetos e programas sociais voltados ao atendimento de crianças, adolescentes e jovens.

Figura 31 - Foto da fachada do antigo Abrigo educativo Taiguara – Bela Vista, SP



Fonte: Acervo pessoal.

Depois da experiência no Taiguara tive mais duas ou três passagens em projetos similares, atuando no atendimento direto, gestão de projetos, experiência com o poder público e movimentos sociais de defesa de direitos de crianças e adolescentes, enfim, uma trajetória que me proporcionou muito conhecimento e articulação neste meio.

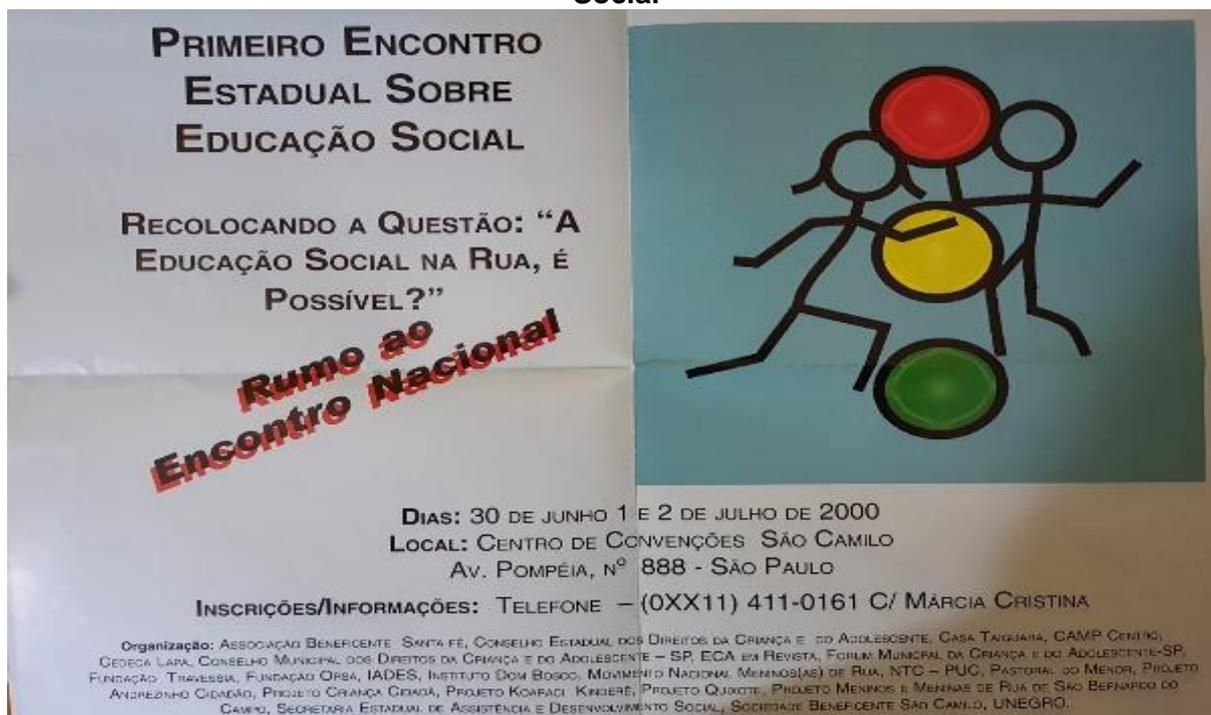
Eu participava de uma rede de diversos serviços de atendimento, de defesa e promoção de direitos, poder público etc., para mapear e traçar estratégias visando fortalecer vínculos institucionais e familiares, evitar sobreposição de atendimento, fortalecer a rede socioassistencial, promover a implementação do ECA, enfim, consolidar uma política para criança e adolescente na cidade de São Paulo. Tive a

oportunidade de ser conselheiro da criança e do adolescente representando o segmento das organizações sociais de atendimento e posteriormente ser conselheiro representando a Secretaria de Assistência Social do município de São Paulo.

Estava cada vez mais atuante no movimento da criança e do adolescente a ponto de me sentir seguro em idealizar dois grandes eventos na capital, um no vale do Anhangabaú para comemorar os 9 anos de promulgação do ECA. Houve a participação de várias autoridades do executivo, legislativo, judiciário e sociedade civil defendendo e cobrando urgência na implementação e efetivação do estatuto, foi um dia inteiro de ato político, mas também de diversas atividades lúdicas e culturais para as crianças e adolescentes organizadas pelas organizações presentes.

O outro evento importante foi a idealização do I Encontro Nacional sobre Educação Social realizado no Anhembi, com a participação de representantes de 16 estados. Os estados participantes se comprometeram a organizar os seus encontros estaduais e vir com uma pauta para o Encontro Nacional. Trouxemos para o debate a atuação do educador social e um primeiro ensaio para a regulamentação da profissão. O mais curioso desses eventos e tantos outros que participei era o espírito colaborativo entre as pessoas e as organizações envolvidas, a maioria desses eventos eram organizados com escasso recurso, rateados entre o orçamento próprio das organizações e utilização de material e mão de obra dos educadores voluntários que se engajavam pela causa.

Figura 32 - Foto do cartaz de divulgação do 1º Encontro Estadual Sobre Educação Social



Fonte: Acervo pessoal.

DO ASSISTENCIALISMO À POLÍTICA DE DIREITOS

No início dos anos 2000 eu passei a integrar a equipe da coordenadoria de criança e adolescente da Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo, era a segunda experiência do PT na gestão municipal, desta vez tendo à frente da Prefeitura Marta Suplicy e à frente da Secretaria de Assistência Social, Aldáiza Sposati. Foi um período em que houve um salto quilométrico no meu conhecimento sobre a política de Assistência Social, intersectorialidade, competência, direitos dos cidadãos e das cidadãs, empoderamento e universalidade, tive a honra de fazer parte do processo de construção do PLAS (Plano Municipal de Assistência Social da cidade de São Paulo) e da reestruturação da rede socioassistencial, costumava qualificar como uma pós graduação no campo, pois era um momento onde o pensar acontecia concomitante com o fazer.

Nos dois últimos anos do mandato, a secretária me delegou a missão de assumir a supervisão de assistência social da região noroeste I que compreendia os bairros da Brasilândia, Cachoeirinha, Freguesia do Ó, Limão e Casa Verde; a minha atribuição era liderar a equipe no processo de reestruturação e implementação da política de Assistência Social conforme as novas diretrizes desenhadas no plano

municipal. Este período foi extremamente desafiador e gratificante, pois meu papel se assimilava ao de um maestro que se senta com sua orquestra, estuda as partituras e depois conduz a regência. Apesar de ter sido o meu primeiro grande desafio dessa magnitude e com uma equipe tão técnica, atuei da forma que sempre acreditei, promovendo a horizontalidade nas relações e uma participação efetiva na construção e na definição de estratégias. Acredito ter atendido tanto a expectativa da secretária, assim como a dos meus colegas de equipe, pois no final recebi um bom feedback.

VIGIAR E PUNIR¹⁶

Depois dessa riquíssima experiência e como preciso de novidade para me movimentar, em 2005 assumi a direção de uma Unidade de Internação da FEBEM em Franco da Rocha. Não completei um ano. No primeiro dia já enfrentei um início de tumulto, onde os adolescentes e jovens tentaram tomar o controle do complexo. Para quem queria emoção e adrenalina eu estava no lugar certo, não lembro de ter passado uma semana sem algum momento de tensão ou me deslocado fora do meu horário de trabalho por conta de problemas com os jovens internos. Foi um período que antecedeu o chamado “ataque do PCC”, então os boatos sobre ordem de levante, de rebelião, corriam solto nos complexos e unidades, era perceptível o barril de pólvora se formando. Tensão a parte, mesmo passando por tudo isso, foi um período que consegui implementar, mesmo que muito timidamente pois a rigidez do sistema da instituição oferecia muito pouca margem de mobilidade, um atendimento mais humanizado e um maior diálogo com os adolescentes e jovens, avancei em concessões que avaliei ter sentido e que não colocava em risco a segurança deles e das unidades de forma geral, isso fortaleceu os nossos laços de confiança, foi possível estabelecermos acordos de convivência e responsabilidades entre ambas as partes.

Não vou aqui acusar alguém de uma pré-disposição para atrair o caos, mas coincidência ou não, naquele momento o secretário de justiça de São Paulo e autoridade maior da FEBEM era o Sr. Alexandre de Moraes.

Bem, a previsão se confirmou e o barril de pólvoras explodiu, várias unidades da FEBEM se rebelaram simultaneamente, porém, foi no complexo de Franco da Rocha que a rebelião tomou uma proporção catastrófica, foram dias de ocupação

¹⁶ Livro de Michel Foucault

desordenada pelos jovens, áreas administrativas e equipamentos destruídos, fogo e inundação nas salas e, infelizmente, lamentáveis casos de estupro com educadoras que estavam naquele momento fazendo seus trabalhos nas unidades. Depois de muito tempo de negociação com os meninos e não se chegar a um acordo para que pusessemos fim a aquela situação, a direção da FEBEM resolveu acionar o batalhão de choque da PM para retomarem o controle do complexo. Isso já era tarde da noite, todos cansados e tentando, mesmo de fora, conversar com os jovens para que parassem os atos de vandalismo e destruição e se recolhessem às unidades. Quando avisei que o choque iria entrar, o desespero tomou conta de todos, a maioria já tinha mais de uma passagem pelo sistema, já haviam passado por rebeliões e sabiam que quando o choque entra, a “chinela canta”.

Os meninos da minha unidade estavam em pânico, dizendo que não participaram do quebra-quebra e não seria justo serem “esculachados” pelo choque (entenda-se espancados). Os meninos tinham razão, e não era justo nem eles nem ninguém ser vítima da truculência e violência policial, eles estavam sob a responsabilidade e tutela do estado, se eu não fizesse alguma coisa, não fizesse jus a confiança que depositaram em mim, o pouco do avanço que eu havia conquistado até aquele momento se perderia. A direção da Fundação já havia orientado a me afastar, pois quando o comando é dado à PM, o controle e as ações são totalmente deles, ninguém apita mais nada.

Resolvi subverter em nome da integridade dos meninos e do trabalho conquistado, chamei o comandante do choque de lado, falei da situação e do trabalho que eu vinha tentando fazer ali e que precisava estar lá dentro com os meninos para não perder a confiança. Ele me autorizou entrar junto com os policiais. Quando entrei na unidade, os meninos já estavam sentados na quadra, apenas de cuecas (procedimento adotado do sistema penitenciário) esperando o pior. Entrei antes dos policiais e me postei em pé no meio do grupo de mais de 100 jovens para que não houvesse o tal do “esculacho”, ali fiquei por cerca de 5 horas até que a polícia fizesse uma varredura e liberasse a unidade.

Mas se estava rolando um trabalho legal com os meninos por que saiu da FEBEM? Então, lembram quando falei que o sistema é rígido e com pouca flexibilidade? Acrescento a isso a excessiva burocracia e a sabotagem.

Passado um tempo de tudo isso que rolou, por várias vezes os meninos me cobraram roupas novas e limpas, pois as deles estavam quase trapos. Era verdade!

Como não podem usar suas roupas habituais, a Fundação disponibiliza aquele uniforme padrão, calça caqui e camiseta branca (também adotado do sistema penitenciário), a velha estratégia de anular a identidade. Eu mandei dezenas de memorando à sede da Fundação requisitando as roupas, sem sucesso. Um belo dia entrei na unidade para uma visita rotineira e só fui conseguir sair 8 horas depois, fiquei como refém deles e só me liberaram com a chegada das roupas. Acreditem se quiser. Consegui contornar o batalhão de choque, mas não consegui contornar o descaso e negligência da Fundação, responsável por garantir dignidade aos internos.

No dia seguinte fui ao complexo apenas para entregar a minha carta de demissão, não havia mais o que eu pudesse fazer e avançar ali. O que mais surpreendeu foi o fato de os meninos formarem uma pequena comissão para conversar comigo e me dissuadir da ideia de sair, eles explicaram que a Fundação muitas vezes só entende esta linguagem, que não iriam fazer nada comigo, mas que o resultado deu certo, as roupas vieram. Falei que tinha tido muita satisfação em trabalhar com eles, foi legal os momentos de convivência e as conversas que tivemos, conhecer as histórias, as expectativas e que estava torcendo para que ao voltarem para o “mundão”, conseguissem ficar por lá, nem pessoas nem animais são feitos para viver engaiolados, mas que se essa era a única linguagem que a Fundação entendia para atender às necessidades básicas deles, eu viraria moeda de troca, sempre que faltasse algo - e iria faltar - eu seria feito de refém, Aí não dá né? Entenderam! Ainda fui até a unidade me despedir do restante e meti o pé para continuar meu trabalho por fora da estrutura.

NÃO VOU, ME ADAPTAR¹⁷

Pouco depois, fui contratado por uma organização voltada à proteção dos direitos das crianças e adolescentes, trabalhando como assistente técnico no programa de apoio aos municípios. No início, fiquei impressionado com a reputação e o papel importante que a organização desempenhava nesse campo, era como se fosse a realização de um sonho após tudo o que eu tinha passado até então. No entanto, com o tempo comecei a perceber que não era o meu lugar, que a minha satisfação estava voltada a uma forma de trabalho mais operacional, direto e efetivo

¹⁷ Música Não vou me adaptar – Arnaldo Antunes e Nando Reis

na causa. Essa forma de atuação distanciada da realidade, um tanto tecnicista, não me cativou, e gradualmente perdi o entusiasmo pelo trabalho.

Quando iniciei o trabalho no campo social, as organizações que tinham legitimidade para falar sobre o trabalho com crianças e adolescentes eram aquelas que ocupavam os espaços de atendimento e participação popular, no campo, com o pé no barro. Com o crescimento do dito “Terceiro Setor” e a sua ocupação por fundações e institutos empresariais, quem fazia perdeu este espaço para quem falava, no fim a gente via a reprodução do modelo capitalista que acontece em outros campos da sociedade, quem tem dinheiro tem poder, quem tem poder ocupa espaço, há também uma divisão de classes dentro do terceiro setor entre quem detém o poder financeiro e ocupa a tribuna de honra, os especialistas que ocupam o púlpito, e na plateia as pessoas que executam o trabalho, sem quase nenhum poder de voz e subjugadas pela escassez de recursos.

PASSAGEM RELÂMPAGO

Passada essa experiência, voltei à minha segunda passagem pela Secretaria de Assistência Social do Município, fui a convite de uma amiga que conheci no Projeto Travessia e que havia sido convidada para coordenar a área de criança e adolescente. A gestão era do Floriano Pesaro, sim, este mesmo, que depois assumiu a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e está no time do Lula/Alckmin em Brasília.

Com pouco tempo de secretaria já havia percebido que deveria procurar algum outro lugar o mais rápido possível, pois quem trabalhou e aprendeu sobre a política de assistência social com a secretária Aldaíza Sposati, seguir os comandos e diretrizes dessa outra gestão significava muito retrocesso. Os astros conspiraram a meu favor, surgiu uma oportunidade em um novo campo, área da cultura, um novo desafio que me encheu de expectativas e gás.

FINALIZANDO COM ESTILO: GRATIDÃO PARA O QUE FOI E ABRAÇANDO O QUE VIRÁ

Foi um processo de seleção longo, demorado, me exigiu um esforço sobre humano para controlar a ansiedade movida por duas razões: Não me identificar com as diretrizes daquela gestão na condução da política de Assistência Social e a expectativa de começar um novo desafio...e tome desafio viu?! Enfim saiu o resultado,

fui selecionado e lá estava eu entrando pro mundo da política de cultura pela Organização Social “Associação Amigos do Projeto Guri”, que anos depois foi rebatizada para Sustenidos – Organização Social de Cultura. Ela era responsável pela gestão do Projeto Guri, programa de ensino musical da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, voltado para crianças, adolescentes e jovens. Era um programa de grandes proporções, extremamente capilarizado, atuando em cerca de 300 municípios e 60 centros de internação da Fundação CASA. Eu só fui conhecer a real dimensão e complexidade do meu desafio quando passei pelo processo de integração, confesso que quanto mais eu conhecia o programa, mais dúvidas eu tinha da minha competência para atender as expectativas da gestão. O organograma consistia em uma diretoria executiva e três outras diretorias diretamente subordinadas a ela, a diretoria administrativa/financeira, a diretoria pedagógica/educacional e a diretoria de desenvolvimento social, esta última a ser implantada e gerida por mim. Até então não havia um trabalho sistematizado e voltado para além da avaliação do resultado técnico musical dos alunos. A intenção de criação de uma diretoria voltada a olhar o lado social do trabalho – acertadíssima na minha opinião – era atender as demandas sociais apresentadas pelos alunos que de alguma forma influenciavam no aprendizado e desenvolvimento musical, estamos falando de um olhar integral.

Então lá estava eu, como pedreiro, assentando os tijolos conceituais, o cimento metodológico, o prumo estrutural e o acabamento de rh, assim se constituía a diretoria de desenvolvimento social. A princípio contei com uma equipe de gestão mínima na sede da organização que ficava na capital. Em seguida, cumpridas as etapas essenciais de consolidação das atribuições da diretoria e sua interface com as demais, foi iniciada a seleção e a contratação da equipe técnica operacional que atuaria no interior e litoral. Eram 15 duplas com formação primordial em serviço social e psicologia, distribuídas estrategicamente em regionais administrativas, a fim de atuar na orientação, formação e suporte técnico dos cerca de 350 polos de ensino musical. Na atribuição da equipe não havia proposta de atendimentos diretos às crianças e adolescentes do projeto e suas famílias, os educadores musicais e coordenação dos polos eram capacitados a fim de ampliar o olhar para além da avaliação técnica musical, reconhecer particularidades de cada aluno, desenvolver uma percepção que pudesse identificar algum sinal de alerta no comportamento e quer requeresses uma melhor investigação. Diante disso, a equipe dos polos, contando com o suporte da

dupla técnica, acionavam o serviço, ou os serviços da rede do sistema de garantia de direitos para atendimento e acompanhamento dos casos.

Foram 13 anos à frente da diretoria que não só cumpriu - na minha avaliação - muito bem com o seu objetivo, como promoveu avanços significativos no campo da inclusão/interação, garantia, promoção e defesa de direitos humanos, diversidade, entre tantas outras ações pioneiras para uma organização de cultura, de ensino musical, onde geralmente prima a técnica, ela esteve na vanguarda de temáticas como igualdade de oportunidade, combate ao racismo, homofobia, transfobia, acessibilidade entre outros. Foi a primeira organização de cultura, a partir da proposta do desenvolvimento social, a negociar um aditivo no contrato de gestão que estabelecia uma meta de 65% das vagas destinadas a alunos em desproteção social, mensurando, de forma isolada ou combinada, critérios de renda per capita conforme CAD-Único, alunos negros, pardos e indígenas, alunos com deficiências, síndromes e transtornos, alunos em situação de violação de direitos, alunos em situação de medidas protetivas, alunos em situação de medidas socioeducativas, alunos transgênero, etc. Entendíamos que como meta não feríamos o princípio da universalidade, que é próprio de qualquer política pública, mas criaríamos estratégias para priorizar o acesso de alunos em desproteção social ao programa.

Deixei a Organização no início de 2022, em meio ao acúmulo de muitas experiências bem-sucedidas, muitas conquistas e, principalmente, muito aprendizado. Tive a sorte e a oportunidade de estar ao lado de gestores e colegas de trabalho extremamente competentes, conscientes do papel social da política de cultura e intransigentes na defesa dos direitos humanos; que em toda ação pensada o usuário era o ponto de partida e de chegada, a prioridade do trabalho e dos resultados, a organização tinha claro o seu papel enquanto executora de uma política pública, resguardado ao Estado - e assim deve ser - a primazia da responsabilidade sobre essa política, enfim, foi uma experiência muito marcante em minha vida profissional.

Figura 33 – 10 anos DDS



Fonte: Acervo pessoal.

1.4 A POESIA PERIFÉRICA E A MINHA RECONEXÃO COM A QUEBRADA



*Quando o sol se pôr de novo, a poesia ainda vai ser parte em cada lugar; A tradição ainda vai ser parte de cada hábito, costume ou ritual de cada lugar; Porque a região Noroeste *e todas as quebradas* é lugar; Lugar geográfico; Porque significa identidade e coração; Não à toa, o mestre Milton Santos já dizia, o lugar é a esperança geográfica; É o ponto onde as tradições são eternas, passadas de geração a geração; Dos mais velhos para os mais novos; Se ressignificando: Quando o sol se pôr de novo, as crianças ainda estarão jogando bola em cima das lajes; Sob a benção do Pico do Jaraguá; Quando o sol nascer de novo...*

(Fernaun, 2022, p. 58)

Como mencionado em algumas passagens, minha trajetória profissional não se limitou apenas à gestão e execução de trabalhos em projetos, programas e serviços, a atividade da militância era algo complementar e que fazia todo sentido para pressionar o avanço nas políticas públicas e conquistas de direitos, fui parte ativa no movimento da criança e do adolescente que se organizou e se fortaleceu a partir da promulgação do ECA, fui membro de Fóruns e Conselhos DCA debatendo o fim do modelo repressor da antiga FEBEM, discutindo a atuação e atribuição e regulamentação da educação social, e mais recentemente me engajando nos movimentos da arte forjada nas periferias, mais especificamente as batalhas de poesias (*Slams*), atuando na articulação e mobilização do movimento a fim promover a sua visibilidade e compromisso com as pautas sociais.

O *Slam* é uma prática relativamente nova no cenário cultural, e que teve uma maior adesão no público juvenil, moradores das regiões periféricas das grandes cidades brasileiras, pelo fato de ser reconhecido como uma vertente do movimento hip hop. Essa juventude encontrou na poesia e na literatura periférica uma forma de expressar sua leitura crítica da realidade e do mundo, além de promover espaços para a reflexão e elaboração de seus processos de vida. Essas batalhas de poesias (Slams) também visam contribuir para o fortalecimento de um reconhecido canal de expressão, de voz da juventude periférica e autorrepresentação das minorias sociais.

A SUBVERSÃO POÉTICA DAS PERIFERIAS PAULISTANA: O SLAM NA VEZ E NA VOZ

Era o ano de 2017, lá estava eu correndo a minha timeline do facebook, despretensiosamente, quando me deparei com um vídeo de uma jovem – Mel Gomes – que com eloquência, firmeza e personalidade recitava uma poesia de protesto e de crítica social, gritando a plenos pulmões, e que logo nos primeiros versos me prendeu a atenção:

*“Oh, quando é que vocês vão entender;
que não tem mais o que vazar;
não tem mais o que transbordar;
não tem mais o que feder pra mostrar;
de todos os vídeos, as provas e os corpo;
quem continua sem os filhos ainda são as mães,
quem ainda continua preso é Rafael Braga que passava perto do ato
com desinfetante na mala e hoje paga com a sua liberdade,
a bomba que nem sempre mata, mas às vezes cega;
o confronto direto contra quem ainda enxerga alguma realidade...”*

Figura 34 - Foto color Kauê Gama



Fonte: Foto p/b extraída do vídeo de Rodrigo Motta - edição do Slam da Guilhermina 2017 - <https://youtu.be/CHy5qjXv-Rc?si=BgCf-YX2CNEf0GzW>

Fiquei tão extasiado em assistir aquela apresentação, que não me contentei com o meio virtual, precisava conferir se a sensação de euforia e êxtase seria a mesma presencialmente. Descobri que aquele evento se tratava de uma batalha de poesias conhecida por Slam, e era organizado por um coletivo chamado Slam da Guilhermina. Acontecia uma vez por mês, sempre na última sexta-feira, em um espaço anexo à passarela do metrô Guilhermina/Esperança, linha vermelha, zona lesta da capital paulista.

Pois bem, a última sexta-feira do mês de agosto de 2017 chegou, e lá estava eu pisando mansinho, fazendo um reconhecimento do território e observando a movimentação. A facilidade de acesso garante a presença de poetas e expectadores das mais diversas regiões da capital e grande São Paulo. Rapidamente o local foi sendo tomado pelas pessoas, em formato circular, parecendo uma antiga “*ágora grega*¹⁸”, tanto no formato como na sua proposta de ser um espaço democrático de manifestação, porém, poética e contemporânea

Observo um lampião a gás, isso mesmo, “lam-pi-ão”! Por trás, amarrado a uma árvore solitária, um banner do Slam da Guilhermina e ao meio três pessoas uniformizadas com a camiseta do coletivo, que mais tarde vim saber que se tratava

¹⁸ A *Ágora* era o nome que se dava às praças públicas na Grécia Antiga. Nessas praças, ocorriam reuniões onde os gregos, principalmente os atenienses, discutiam assuntos ligados à vida da cidade (pólis).

do Emerson Alcalde e Cristina Assumpção, os dois M.C's do Slam, e Uilian Chapéu, o matemático responsável por computar as notas.

SLAMS: LUGAR DE FALA, ESPAÇO DE CURA

A expressão *Slams: lugar de fala, espaço de cura*, está destacando como esses eventos podem servir como um ambiente inclusivo, onde as vozes marginalizadas são valorizadas e onde a expressão poética pode ser uma ferramenta para a cura individual e coletiva. Esse termo é usado como mantra por boa parte dos poetas para se referir a esse local onde expõem as suas experiências e perspectivas individuais por meio de suas obras, assim como também consideram um ambiente seguro e acolhedor para expressarem suas emoções, traumas e experiências pessoais. Para muitos poetas, o ato de escrever e recitar poesia pode ser terapêutico, e os Slams oferecem uma oportunidade para compartilhar e processar suas vivências em um contexto de apoio e compreensão mútua.

Educador social uma vez, educador social sempre! Mesmo ocupando cargos de gestão, nunca abandonei a minha verdadeira vocação: Educador Social. Sempre me mantive alerta à movimentação sociocultural da juventude como forma de pensar novas estratégias de ação e intervenção em realidades, especialmente aquelas em vulnerabilidade social e em riscos de razão da violência.

Passei, a princípio, a frequentar as apresentações do coletivo Slam da Guilhermina, e mais tarde a mapear e frequentar outros coletivos de Slam pela cidade.

Reconheci nos Slams uma força transformadora capaz de recriar regras e propor novos rumos nas histórias de vida de adolescentes e jovens, potencializando-os em sua posição privilegiada de personagens de suas próprias mudanças. Identifiquei este movimento como um potente canal de voz da juventude periférica de São Paulo, que se vale da arte e da poesia para expressar suas experiências, vivências, opiniões, visão de mundo e crítica social.

Motivado por essa possibilidade de intervenção na realidade por meio da arte e da cultura, elegi os movimentos dos Slams como tema da minha pesquisa de mestrado, visando investigar a relação dos sujeitos periféricos com o seu ambiente e a sua produção poética, o despertar da inspiração que transforma sua vivência em poesia, e a arte poética como forma de resistência política e crítica social.

Figura 35 - Edição do Slam da Guilhermina – Praça anexa à Estação Metrô Guilhermina/Esperança



Fonte: Acervo pessoal.

PRÓLOGO

Quero confessar que escrever sobre minha trajetória foi uma experiência única, nunca havia chegado perto de algo assim, existiam os momentos recordados com amigos e amigas, momentos recordados com familiares, momentos recordados com colegas de trabalho, mas tudo sempre fragmentado e de certa forma só ressaltando o agradável. Escrever sobre minhas trajetórias me fez mergulhar em épocas, momentos situações que estavam adormecidas há muito tempo, talvez até como uma forma de preservação.

Em alguns momentos estacionei nos parágrafos, lia, relia, e quando dava por mim estava em transe, revivendo vivamente aquele episódio, uma regressão na história, na minha história. O fato é que posso ter desviado do objetivo principal, mas foi inevitável. Por mais que seja questionável a necessidade de utilizar toda essa narrativa no meu projeto, é imperativo arquivá-lo como um exercício de resgate processual de minha formação nos mais diversos aspectos da vida. Hoje sou um educador social aposentado de direito, mas não de fato, acredito que esse acúmulo de experiências vividas me responsabiliza a continuar contribuindo para a construção

de uma sociedade mais justa e igualitária, me valendo da arte no ativismo, um “ARTIVISMO”.

Figura 36 - “Daqui a 20 anos você vai evocar as suas fotos e perceber, de um jeito que você nem desconfia hoje em dia, quantas tantas alternativas se escancararam a sua frente”¹⁹



Fonte: Acervo pessoal.

¹⁹ *Wear Sunscreen (Filtro Solar)* - Mary Schmich

RESISTÊNCIA CULTURAL: AMPLIANDO VOZES MARGINALIZADAS NAS PERIFERIAS

Ao explorar a interseção entre a vivência cotidiana nas periferias e sua influência no discurso crítico que permeia as narrativas poéticas, torna-se evidente o papel do espaço geográfico como reflexo das dinâmicas sociais, econômicas e políticas. As periferias, conformadas por uma urbanização desigual e sem planejamento levam a condições de vida precárias, com habitações inadequadas e uma série de problemas sociais decorrentes da ausência de infraestrutura urbana e serviços públicos. Essas experiências cotidianas nas periferias não apenas moldam as narrativas poéticas, mas também as enriquecem com uma perspectiva crítica e reflexiva sobre as injustiças e desigualdades presentes na sociedade urbana contemporânea.

No entanto, vale ressaltar as três dimensões exploradas, foram sempre permeadas pela leitura da questão de classe, racial e de gênero, haja vista ser impossível dissociar essas questões do debate, uma vez que desempenham papéis interligados na configuração das desigualdades sociais. A classe trabalhadora, em grande medida, reside nas periferias urbanas, onde a população negra compõe a maioria e enfrentam as condições mais precárias de vida. Esta interseccionalidade entre classe, raça e gênero revela um sistema de discriminação e exclusão que afeta de maneira desproporcional a população negra e pobre, em maior proporcionalidade as mulheres pretas.

A população branca e pobre, por outro lado, não enfrenta as mesmas formas de discriminação racial que a negra enfrenta diariamente. Este fato é evidenciado pela disparidade no acesso a oportunidades de ascensão social, sendo os brancos e brancas favorecidos em comparação aos pretos e pretas. Este fenômeno, conhecido como racismo estrutural, funciona como um mecanismo seletivo que determina quem tem acesso e quem é excluído das estruturas sociais. No entanto, é importante ressaltar que as mulheres pretas enfrentam uma dupla discriminação, sofrendo não apenas com o racismo, mas também com o sexismo. Essa interseccionalidade de opressões faz com que as mulheres pretas sejam ainda mais marginalizadas e tenham acesso ainda mais limitado a oportunidades de ascensão social, educacionais e econômicas. Assim, o racismo estrutural não apenas perpetua as desigualdades

raciais, mas também contribui para a perpetuação das desigualdades de gênero, com as mulheres pretas sendo as mais afetadas por essa dinâmica injusta e excludente.

Um dos aspectos mais impactantes dessa dinâmica é a situação precária da educação nas periferias. Escolas desinteressantes, educação de baixa qualidade e professores mal remunerados e mal preparados contribuem para a formação deficiente da juventude periférica, com maior incidência sobre a população negra que é a maioria nessas regiões. A evasão escolar ou a baixa escolaridade leva a uma concentração maior de pessoas negras em empregos operacionais e precarizados, e durante períodos de crise econômica, o desemprego afeta de forma desproporcional essa parcela da população.

Quanto aos serviços de saúde oferecidos nas periferias, estes são frequentemente insuficientes para atender à demanda, muitas vezes evitável se houvesse um investimento em infraestrutura e saneamento básico. Como resultado, a população negra, especialmente as mulheres negras, muitas vezes recebe um atendimento inadequado, ignorando suas necessidades específicas de saúde, incluindo questões relacionadas à saúde reprodutiva e materno-infantil.

A violência também permeia o cotidiano das periferias, com os jovens negros sendo particularmente vulneráveis à letalidade policial. Estatísticas alarmantes revelam que a cada 23 minutos um jovem negro é vítima de homicídio pela polícia. Essa realidade sombria é um reflexo claro do racismo estrutural que permeia as instituições estatais.

Portanto, a interseccionalidade entre raça e gênero é crucial para entender plenamente as formas de opressão enfrentadas pela população negra, especialmente pelas mulheres negras, sujeitas a todo tipo de violência que tem raízes profundas no patriarcado e no racismo

Os movimentos de cultura periférica têm desempenhado um papel crucial como agentes de denúncia das injustiças e na conscientização sobre as desigualdades existentes. Ao pautarem suas obras em temáticas como o racismo, a divisão de classes, o sexismo, a homofobia, entre outras formas de opressão, esses movimentos vislumbram a transformação social por meio da arte e da expressão cultural.

A arte possui uma capacidade única de tocar as emoções, desafiar as normas estabelecidas e inspirar ações. Nos contextos urbanos, especialmente nas periferias, onde as desigualdades são mais visíveis e profundas, os artistas e ativistas têm

utilizado suas vozes para dar visibilidade às questões sociais e políticas que afetam suas comunidades.

Por meio de performances, intervenções urbanas e ocupação de espaços públicos, os movimentos culturais têm conseguido criar arenas de diálogo e resistência, onde as vozes marginalizadas podem ser ouvidas e valorizadas. Essas iniciativas não apenas oferecem uma plataforma para a expressão individual, mas também promovem a solidariedade e a coletividade, fortalecendo os laços comunitários e inspirando ações coletivas em prol da justiça social e da igualdade de direitos.

Assim, os movimentos de cultura periférica não apenas desafiam as estruturas de poder estabelecidas, mas também reivindicam espaços de representação e pertencimento para as comunidades marginalizadas. Ao destacarem as experiências e perspectivas dessas comunidades por meio da arte e da cultura, esses movimentos contribuem para uma maior conscientização e transformação das realidades locais e, conseqüentemente, a perspectiva de uma sociedade mais justa e inclusiva.

CAPÍTULO 2 – UNIVERSO POÉTICO PERIFÉRICO

Da vivência à reflexão:

Da reflexão à elaboração:

Da elaboração à construção da narrativa escrita, da voz e do corpo.

A vivência cotidiana nas periferias urbanas, marcada pelo paradoxo entre potência e carência, exerce uma influência significativa na produção do discurso crítico que reveste as narrativas poéticas dos sujeitos periféricos. Nesse contexto, a expressão artística surge como uma forma de resistência e de denúncia das injustiças sociais vivenciadas por essas comunidades marginalizadas. As poesias produzidas pelos artistas periféricos muitas vezes refletem não apenas suas próprias experiências pessoais, mas também as lutas coletivas por justiça, igualdade e reconhecimento.

A compreensão do processo de construção da escrita poética a partir das vivências periféricas revela uma relação intrínseca entre a vida e a arte. A escrita poética se torna uma expressão autêntica de suas vivências, uma forma de transcender as adversidades e dar voz às suas realidades muitas vezes silenciadas.

Além disso, a produção artística nas periferias desafia as narrativas dominantes sobre esses espaços urbanos, que muitas vezes são estigmatizados e estereotipados pela mídia e pela sociedade em geral. No caso dos poetas, ao contar suas próprias histórias e representar suas próprias realidades, reivindicam uma narrativa autêntica e multifacetada de suas comunidades, desafiando noções simplistas e preconceituosas.

A diversidade cultural das periferias também desempenha um papel crucial na produção poética, inspirando a criação de obras que incorporam uma multiplicidade de vozes, sotaques, ritmos e tradições. Bebendo nessa multiplicidade, a poesia periférica muitas vezes se inspira em formas variadas, que vão desde o rap, o samba, e o forró até as escritas tradicionais como o repente, refletindo a riqueza e a vitalidade das diversas culturas que se cruzam nas periferias.

Além disso, é importante destacar que a poesia das periferias não se limita apenas à representação das dificuldades e desafios enfrentados por essas comunidades, mas também serve de representação das potências, resistência, e reivindicação de direitos e conscientização social.

Figura 37 - É geográfico!!! ²⁰



Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019

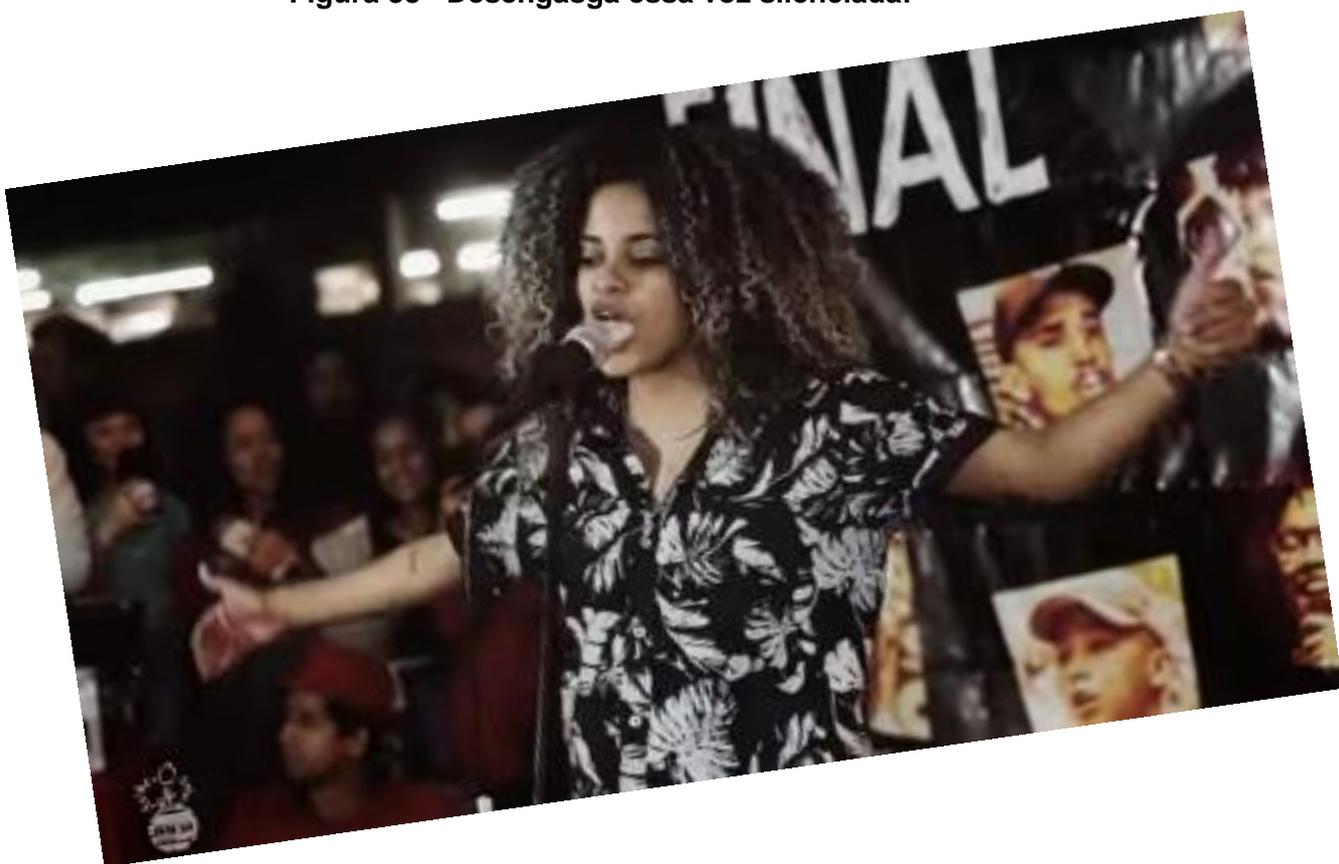
*Juliana Jesus me disse um dia;
realidade que se vive é diferente de realidade
assistida;
da ponte pra lá tio, é outras ideias, é outra fita.
(MARQUES, Humberto 2022, p. 94)*

Na sequência, a análise se propôs a investigar se o ato de compor poesias sobre experiências pessoais e cotidianas pode ser identificada no conceito de Escrivivência, conforme concebido por Conceição Evaristo. Este conceito vem sendo debatido e aprofundado na perspectiva de fortalecê-lo enquanto empoderamento da mulher negra. Conceição Evaristo, na publicação produzida pelo Itaú Cultural *Escrivivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (DUARTE; NUNES, 2020), ressaltou como a escrita se torna uma ferramenta de emancipação para as mulheres negras, permitindo-lhes reivindicar seu corpo-voz, após séculos de opressão e silenciamento durante a escravidão. No entanto, nessa mesma publicação, Evaristo reconheceu que as experiências de exclusão compartilhadas pelas minorias sociais as levam a se identificar emocionalmente com

²⁰ Frase constantemente proferida pelo poeta e geógrafo Fernaun, a partir da definição de Milton Santos que entende que o **espaço geográfico** corresponde ao **espaço** construído e alterado pelo homem; e **pode ser definido** como sendo o palco das realizações humanas nas quais estão as relações entre os homens, e desses com a natureza. ... O conjunto de atividades desempenhadas pelas sociedades continuamente promove a modificação do **espaço geográfico**.

personagens que enfrentam desafios similares, fortalecendo assim a conexão entre leitor e narrativa. Portanto, a escrevivência, como conceito transcende a questão racial e se torna uma ação poderosa para dar voz e visibilidade às experiências marginalizadas na literatura e na sociedade em geral. Nesse contexto, o poeta busca não apenas transmitir emoções por meio de suas composições, mas também estabelecer uma conexão íntima com o público, despertando a empatia e incentivando a reflexão daqueles que se envolvem com sua obra, contribuindo assim para a ampliação do diálogo sobre as experiências e realidades compartilhadas. Escrever poesia não se limita a uma simples biografia, mas sim a uma experiência profunda de escrevivência, onde as emoções, os conflitos e as esperanças se entrelaçam para criar uma expressão artística única e poderosa.

Figura 38 - Desengasga essa voz silenciada!²¹



Fonte: Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019.

²¹ Frase extraída da poesia “Um poema chamado José” do artista Kleber Fernando

*É que poesia marginal é mais que texto com
palavras bonitas pra gente rica fazer reflexão;
isso aqui é papo de salvação;
Pra mim, o verbo solto;
pra vocês, que o verbo prenda;
e pra qualquer um que duvidar da nossa
competência, que o verbo rasgue;
porque aqui é essência.
(THEODORO, Tawane 2022, p. 17-18)*

No terceiro e último momento deste trabalho de pesquisa, o foco está na análise dos movimentos de Slams como espaços de expressão democrática e manifestação das vivências da juventude em ambientes periféricos. Estes Slams frequentemente assumem o papel de ágoras contemporâneas onde questões sociais são debatidas, refletindo as realidades vivenciadas nas comunidades periféricas. Ao proporcionar um espaço vital para a expressão artística e política, esses eventos servem não apenas como locais de debate, mas também como pontos de encontro e solidariedade entre os participantes.

Nesse contexto de ágoras contemporâneas, os Slams assumem um papel sociopolítico fundamental na ocupação dos espaços públicos e na amplificação das vozes periféricas. Esses eventos não apenas proporcionam um espaço de expressão e de reconhecimento para os poetas das periferias, mas também se tornam plataformas de resistência e de mobilização social. Ao compartilharem suas poesias diante de uma audiência diversificada, esses poetas desafiam estereótipos, confrontam injustiças e promovem a solidariedade e a conscientização coletiva.

Além disso, esses espaços também oferecem um alívio para poetas e público processar e compartilhar experiências – vivenciadas ou observadas – de opressão, sofrimento e resistência. Esses eventos despertam formas de lidar com as angústias e reavivam sentimentos de comunidade e resistência coletiva.

Figura 39 - A poesia na vez e na voz²²



Fonte: Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019.

*Domingo eu tenho direção, tenho meta e tenho um dever a cumprir;
 não por mim, mas pela mina de 16 anos que tinha o sonho de fazer faculdade de graça, e fez; pelas bolsas Prouni, que colocaram pretos e pobres na Universidade que era cheia de burgês; pelos cursinhos populares que andam driblando os macetes dos vestibulares;
 colocando meninas como eu, na Universidade, colocando adolescentes na frente de debates;
 escutando adolescentes como eu que sonhavam com uma educação de qualidade.
 (CAMPOS²³, Jéssica, trecho extraído do vídeo poético “Domingo eu voto 13”)*

A conexão entre essas três dimensões – o reconhecimento do território enquanto ambiente que influencia a produção de narrativas poéticas, a análise se a escrita poética a partir das vivências periféricas se insere no conceito de Escrivivência de Conceição Evaristo, e a utilização sociopolítica dos Slams como movimento fundamental para compreender o papel transformador da arte nas periferias urbanas. Esses aspectos, permeados pela compreensão das problemáticas sociais que afetam as periferias de São Paulo, especialmente as questões de classe social, questões

²² Frase que a poeta Jéssica Campos costuma usar para fechar a declamação de uma poesia

²³ Campos, Jéssica. Domingo eu Voto 13 - Poema publicado no instagram da poeta: @jeje_h_campos

raciais e questões de gênero, evidenciam a potência e a relevância da produção poética como instrumento de resistência e de construção de novas narrativas de empoderamento e de esperança.²⁴

2.1 É GEOGRÁFICO!!!

Humberto Marques Messias, nome artístico Kenyt, 30 anos, nascido no bairro do Itaim Paulista, morou em Itaquaquecetuba e atualmente mora no bairro de Ermelino Matarazzo, todos locais na periferia da zona leste de São Paulo. Viveu sua infância entre a casa da mãe e do irmão mais velho (Rafael) em Itaquaquecetuba, a casa da avó materna e avó paterna que eram vizinhas no bairro do Itaim Paulista e, nas férias escolares, ficava com o pai, que havia constituído nova família e morava em Guaianases, a madrasta e mais três irmãos.

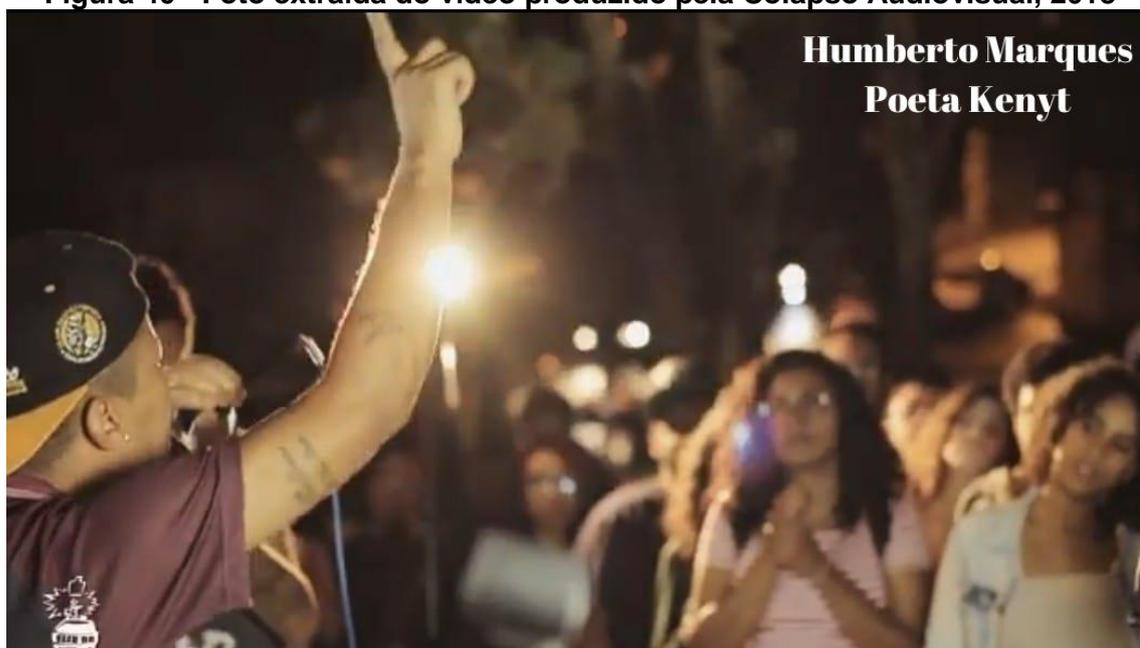
Kenynt confessa ter sido o irmão, conhecido artisticamente por DIOP KMT, sua grande fonte de inspiração no RAP (Rhythm and Poetry), uma das linguagens do movimento hip hop. Diz que ele hoje mora no estado do Maranhão, mas que foi como compositor e cantor de rap, e que sempre o incentivava a estudar para compor letras de rap consciente:

Ele queria que eu fosse um moleque inteligente, mano. E ele fazia questão de tipo assim, você não vai ser um moleque alienado, tá ligado? (Poeta Humberto Marques - Kenyt – maio de 2023)

Kenynt conheceu o movimento de Slams em 2016, a convite de sua prima, para assistir à final do campeonato Slam Br. Hoje ele é poeta, Mc, ator, escritor e produtor cultural e um dos organizadores do Slam Fluxo que acontece aos sábados, na sede da Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo

²⁴ Nota do autor: Vale ressaltar que apesar de ter buscado explorar junto aos poetas pesquisados suas percepções conforme a ordem das dimensões citadas, em razão da riqueza de informações e detalhes surgidos ao longo da conversa, avaliei não ser pertinente desconsiderar essas contribuições em nome de um enquadramento estético. Portanto, em alguns momentos da construção do texto será possível verificar citações dos poetas atravessando o conteúdo e subvertendo a ordem. No entanto, para manter a coerência da linha de raciocínio, estarei sempre destacando esses momentos para alertar o leitor.

Figura 40 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2018



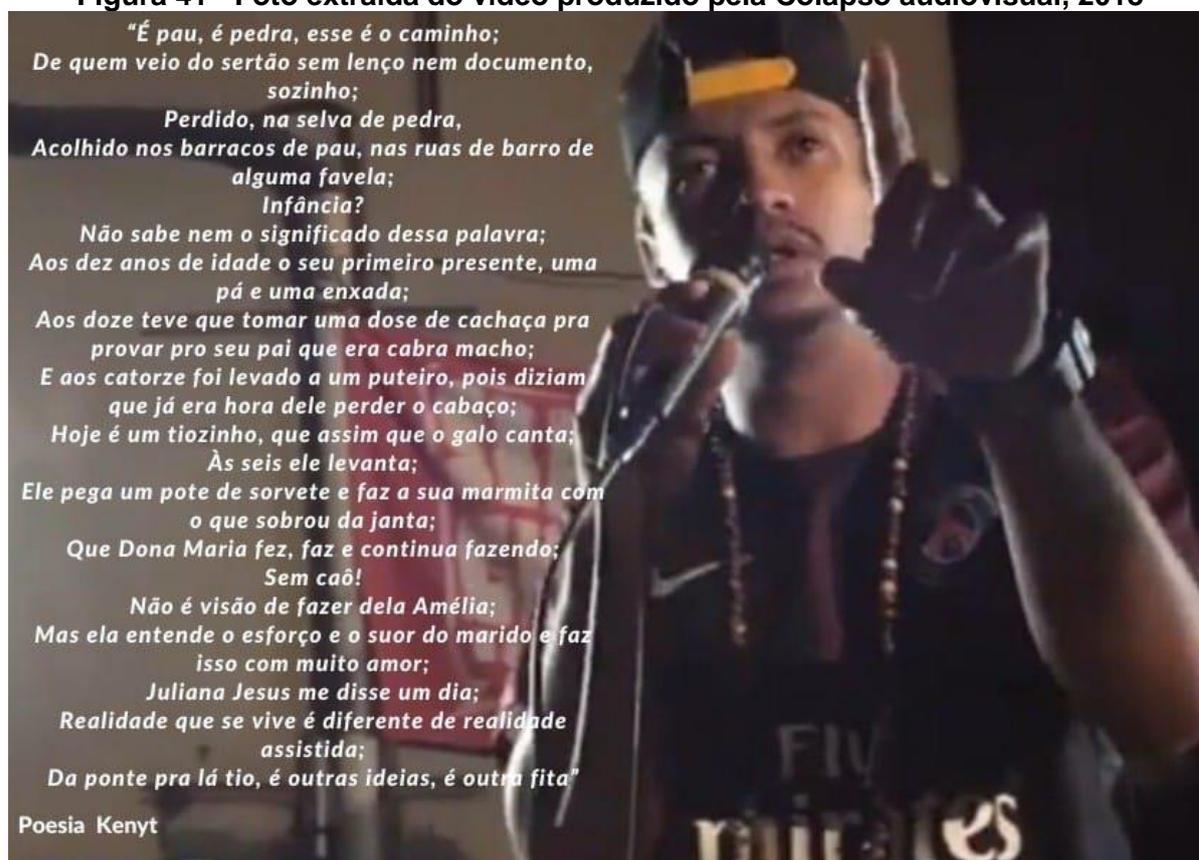
Fonte: Acervo pessoal.

O ponto inicial desse estudo partiu exatamente da curiosidade em conhecer como nasce a relação de “pessoas comuns” com a poesia, a vivência na comunidade e o olhar sensível que tudo vê e se traduz em poesia, a inspiração na realidade e o processo de transferência dessa cotidianidade para a construção poética.

Alessandra Simões Paiva, usa o termo “cidade-suporte” para definir a cidade como um espaço receptor ativo dos mais variados estilos de manifestação artística urbana e decolonial. A isso eu acrescento a condição de “fornecedora” de insumos para que artistas das mais variadas linguagens, e focando nos poetas, se inspirem na construção de sua arte, além de considerar a cidade em seus microterritórios, suas identidades e dinâmicas próprias. Assim ela discorreu sobre este tema:

A arte é o território por excelência para a prática de um olhar cidadão, isto é, o olhar que se apropria de seu meio a partir de uma posição estética e política {...} A utilização do espaço urbano como suporte para a manifestação artística vai ao encontro do fenômeno da decolonialidade nas artes, uma vez que a cidade física se relaciona com a cidade subjetiva de forma intrínseca. (PAIVA, A. Simões, 2022, p. 98)

ÊXODO

Figura 41 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018

Fonte: Messias, Humberto Marques de – *Inté Aqui: Pode me chamar de Kenyt*, p.94 - 1.Ed. São Paulo – Ed. Do Autor, 2022

O êxodo de migrantes para as grandes capitais do sudeste brasileiro, região prospera e com maior nível de desenvolvimento do país, teve início na década de 1930, com uma movimentação milhões de migrantes e suas famílias. Esta massa de pessoas se viu atraída pelo forte investimento na industrialização daquele período, oportunidade para fugir da seca e da pobreza que assolava boa parte do nordeste brasileiro.

No entanto, a partir dos anos 1980 essa promessa de melhores condições de vida começou a dar sinais de esgotamento, em função da crise econômica, das profundas mudanças do sistema produtivo, que derivaram no fechamento de postos de trabalho e no aumento do desemprego. Na capital paulista, agudizava-se o processo de adensamento das periferias e caráter gentrificado da cidade, ou seja, a grande valorização para o mercado das áreas mais próximas às regiões centrais, o que provocou um expressivo deslocamento de trabalhadores para áreas não urbanizadas e de baixos valores imobiliários e de aluguéis. As precárias condições

dos serviços a que eram submetidos/as e, conseqüentemente os baixos salários, também foram fatores fundamentais que limitavam a mobilidade além das franjas da cidade.

Resgatando o início do meu memorial apresentado no primeiro capítulo desse trabalho, há, sem sombra de dúvidas uma correlação, mesmo que compreendida tardiamente, com o fenômeno de migração e gentrificação ocorrida em São Paulo, já na decadência da chamada era de industrialização. No final da década de 1960, saímos de uma região hoje conhecida como bairro Anália Franco, um dos metros quadrados mais valorizados da zona leste, para nos alojarmos em Guaianases, ainda hoje o maior exemplo de urbanização desordenada, com altíssimos índices de densidade populacional, pouco e ineficiente atendimento de políticas públicas e elevado nível de violência urbana. Como bem descreveu a Prof^a Dirce Koga neste artigo:

As mediações das classes sociais nos territórios urbanos se constituem de mediações políticas; a segregação residencial, social, de acesso a direitos é expressão dessa lógica político-econômica que impõe aos sujeitos sociais a forçosa expulsão de certos espaços da cidade e a imposição sem alternativas dos lugares de vida, tipo de habitação. Assim, a periferia é uma construção antagônica no jogo de forças da produção do espaço urbano, é o lugar definido para as classes trabalhadoras, para os pobres e subalternos da cidade. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce 2022, p. 644)

Com isso, ficamos expostos a toda sorte do descaso e precarização que corroía as políticas públicas, e ao desordenamento da urbanização que agravava a questão fundiária nas periferias. Nesse contexto, a minha trajetória, assim como a trajetória de muitos adolescentes das periferias de São Paulo combinava a nossa incursão na alfabetização, em salas de aulas improvisadas de metal (salas de lata), devido o número excessivo de alunos, configurando um ensino fundamental e médio totalmente adaptado ao modelo de “educação bancária”, tão combatido pelo educador Paulo Freire; a entrada precoce no mundo do trabalho e em condições indigna e humilhantes; o lazer se restringindo a poucos Centros Desportivos Municipais (CDM's), campos de futebol de várzea e ruas de lazer; saneamento zero e carência total no atendimento de saúde, com hospitais apenas em bairros mais estruturados, o que se tornava insuficiente para atender um contingente tão grande de pessoas. A saída era contar com a “sabedoria” dos “farmacêuticos” do bairro.

Ficava evidente o processo de (de)formação das periferias a partir de uma urbanização desigual e sem planejamento, marcado por o que Lúcio Kowarick, sociólogo e estudioso dos processos de urbanização e desigualdades estruturais, classificou como “espoliação urbana”. Segundo o estudioso, espoliação urbana refere-se ao processo pelo qual determinados grupos sociais e econômicos se apropriam dos benefícios gerados pelo crescimento urbano, enquanto outros grupos, geralmente a classe trabalhadora e suas famílias, sofrem as consequências negativas desse crescimento, como o aumento dos custos de moradia, a falta de acesso a serviços básicos, o que provoca uma degradação das condições de vida da força de trabalho, forçando-a a habitar locais cada vez mais inadequados e insalubres como favelas, assentamentos informais em encostas e morros, com uma série de problemas sociais decorrentes da falta de infraestrutura urbana e serviços públicos (KOWARICK, 2009).

Ainda no artigo produzido pela Prof^a Dirce Koga (2022), é feita uma análise sobre a ocupação dos espaços urbanos a partir da divisão de classes, referenciada na produção do geógrafo Roberto Lobato Correa que afirma:

Cabe destacar que a luta de classes e os seus antagonismos marcam historicamente a produção do espaço e a sociedade de classes delinea de forma direta a segregação residencial. Em outras palavras, a sociedade classista diferencia os espaços urbanos em termos de sua distribuição residencial e vivencial, e as classes sociais constituem um dos conteúdos essenciais do processo de segregação e exclusão do esquadramento urbano. A primeira força de produção do espaço na sociedade capitalista é a própria divisão de classes, a dos proprietários dos meios de produção e daqueles que têm apenas a força de trabalho para vender. (VASCONCELOS; Paulo de Almeida, CORRÊA; Roberto Lobato, PINTAUDI; Silvana Maria 2013, p. 41)

Complementando a análise sobre a formação dos territórios periféricos, a Dr^a Patrícia Laczynski, publicou em 2020, no Blog Gestão, Política & Sociedade do Estadão, o seguinte:

São Paulo é um município caracterizado por uma segregação de renda, de gênero, étnico racial e de acesso a serviços e equipamentos públicos. A cidade é visível e geograficamente desigual, com um centro mais branco e rico e com suas periferias, mais pobres e negras. São nas periferias que a população não tem saneamento básico, vivem aglomeradas em casas pequenas, muitas vezes de apenas um cômodo, e com pouco acesso aos equipamentos de saúde. São nas periferias que vivem as empregadas domésticas, os porteiros, os motoristas de aplicativo, os entregadores, os comerciantes locais que

não podem suspender suas atividades ou os trabalhadores informais que precisam estar no ônibus e no metrô vendendo seus produtos. (LACZYNSKI; Patrícia 2020, p. 27)

Este histórico da grande movimentação de massa humana em busca de uma vida promissora, ou basicamente para garantia da própria sobrevivência, produziu um resultado que desafia as políticas públicas até os dias de hoje, qual seja: questão fundiária e desordenamento no processo de urbanização da cidade.

Na primeira estrofe da poesia “Mãos à Obra”, o poeta demonstra ter consciência desse processo, a partir de uma leitura empírica de uma realidade observada e vivenciada:

*É pau, é pedra, esse é caminho;
De quem veio do sertão,
Sem lenço, sem documento, sozinho;
Perdido na selva de pedra, acolhido nos barracos de pau;
Ou nas ruas de barro de alguma favela;
Infância, não sabe nem o significado dessa palavra;
Aos dez anos de idade, seu primeiro presente:
Uma pá e uma enxada.
(MARQUES, Humberto, Kenyt)*

No decorrer da poesia, Kenyt se valeu de sua experiência e observação para dar o fundamento à narrativa poética, sua conexão com a vida cotidiana e a importância da experiência pessoal. Ele destaca a importância das pessoas ordinárias, que apesar de serem fundamentais para garantir a existência e bem-estar, da população, são constantemente invisibilizadas. Em contato direto com essa realidade, se concentrava naquela dinâmica e percebia as ideias surgindo e se encaixando em rimas, acreditou ser essa a essência de sua criação, vivenciar para escrever tudo isso.

Eu comecei no dia a dia a reparar, tá ligado? Pra aguentar o tranco e me distrair, eu ia prestando atenção nas ideias e rimando {...} quando eu falo no final lá: valeu Zé, valeu Chico, valeu Raimundo, Raimundo é o meu tio, a vida inteira ele foi pedreiro {...} o Chico era um cara lá da rua que eu lembrava, eu lembrei dele na hora tá ligado? {...}foi uma observação que eu já tinha lá na obra que eu tava trampando, E aí é louco porque essa é a poesia que mais toca quem nunca escutou poesia {...} eu queria mostrar mano, de fato, tá ligado? E eu só consegui fazer isso porque eu estava lá, talvez é isso que eu falo para escrever tudo aquilo se eu não tivesse vivido. (Humberto Marques – Kenyt, maio de 2023)

Na produção “Direito à moradia e à cidade: concepções e referenciais teóricos e metodológicos para a avaliação”, da Prof^a Carola Arregui, este fenômeno é abordado a partir da comprovação do impasse da questão fundiária e de uma política de habitação que nega o direito à moradia adequada e à cidade:

Assim, os processos de urbanização supõem a ação do Estado, inclusive, quando sua omissão e/ou ação revelam a afirmação da reprodução de formas precárias e violentas de inserção da população na cidade e, portanto, a negação do direito à moradia adequada e do direito à cidade. A convivência do poder público aos interesses do capital, à especulação imobiliária e à apropriação privada violam direitos sociais construídos, embora tardiamente, que precisam ser considerados como parâmetros e referenciais dos processos de avaliação dos programas habitacionais, e especialmente, dos programas de interesse social. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce; 2022, p. 46)

A urbanização, muitas vezes, é moldada pela intervenção do Estado, que pode tanto promover condições adequadas de moradia e acesso à cidade, quanto perpetuar formas precárias e violentas de inserção urbana. A convivência do poder público com interesses do capital e especulação imobiliária viola direitos sociais conquistados, como o direito à moradia adequada e à cidade.

(...) A negação da moradia como direito social, e a sua subjugação à condição de mercadoria, resulta na reprodução de processos de urbanização nos quais o mercado e o Estado não somente produzem privadamente a cidade, mas também produzem e reproduzem as desigualdades sociais. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce; 2022, p. 46)

A mercantilização da moradia, ao negar seu status como direito social, contribui para a urbanização desigual, onde mercado e estado não apenas moldam a cidade de forma privada, mas também perpetuam desigualdades sociais, reforçando a exclusão e marginalização de certos grupos da sociedade.

2.2 UMA CIDADE MAIS NOSSA²⁵

Figura 42 – Amo minha Quebrada



Foto extraída do vídeo gravado pela RedBull Staiton – SOFALA.

A poeta Mídria da Silva Pereira, moradora do extremo leste de São Paulo, formada em ciências sociais pela USP e uma das criadoras do coletivo de Slam USPERIFA, assim como os demais poetas que sintetizam questões sociais e políticas complexas em três minutos, e em linguagem artística, assim define essa situação de urbanização e apropriação da cidade, por meio da poesia Cidade Linda:

Uma vez um garoto de 10 anos foi até o Museu da Língua Portuguesa. Na entrada pediram: escreva nome, e-mail e cidade; Cidade....cidade.... cidade, Cidade Tiradentes; O garoto de 10 anos era paulistano e nem sabia; mas eu indago; afinal de contas o que é ser paulistano, o que é ser paulistana, o que é São Paulo; É ou não é uma cidade? Mas independentemente da idade; O que dá para se ver, é que tem muita gente que sente como se não pertencesse a essa Paulicéia desvairada; Cidade linda para quem? Porque enquanto o cartão postal continuar a ser a Avenida burguesa Paulista; O resto da cidade vai continuar sendo sempre o resto, o relegado, o deixado de lado; A borda, horda, várzea, periferia; E não tem problema nenhum ser da periferia; inclusive eu amo a minha quebrada (Poeta Mídria)

Mídria levanta a questão sobre o sentimento de pertencimento e de identidade, em uma cidade tão grande e desigual como São Paulo, que ser paulistano vai além de uma simples localização geográfica. Ela questiona o significado de ser paulistano

²⁵ PEREIRA, 2022

e quem se beneficia da beleza da cidade, acusando desproporção entre o centro rico e a periferia negligenciada

A poesia ressalta a importância de reconhecer e valorizar todas as partes da cidade, não apenas as áreas privilegiadas, e celebra a identidade e o orgulho de ser parte da periferia paulistana.

(...) Eu peço a essa cidade; Eu quero que meu bairro não seja mais um bairro dormitório; Eu quero que ele tenha vida; Seja noite ou seja dia; Porque eu quero viver São Paulo; Eu quero dar a nossa cara ela; E se for necessário; A gente dá a cara a tapa; Pra que essa cidade seja sempre mais nossa; E menos deles (Poeta Mítria)

Aqui ela expressa um desejo profundo de dar vida ao bairro, reconhecendo-o como um espaço vibrante e ativo e não bairro dormitório. Há um desejo por uma cidade mais inclusiva e participativa, onde os habitantes se sintam verdadeiramente parte dela.

CÍRCULO VICIOSO DA POBREZA, UM PROJETO PARA AS PERIFERIAS

A negação aos direitos básicos e ao acesso e a apropriação da cidade se torna um círculo vicioso de produção e reprodução das desigualdades estruturais e de perpetuação da pobreza e exclusão social. Mas como afirma, Raquel Rolnik, urbanista brasileira:

Essa situação de exclusão é muito mais do que a expressão das desigualdades sociais e de renda: ela é agente de reprodução dessa desigualdade. Em uma cidade dividida entre a porção legal, rica e com infraestrutura, e a ilegal, pobre e precária, a população que está em situação desfavorável acaba tendo muito pouco acesso a oportunidades de trabalho, cultura e lazer. Simetricamente, as oportunidades de crescimento circulam no meio daqueles que vivem melhor, pois a sobreposição das diversas dimensões da exclusão incidindo sobre a mesma população fazem com que a permeabilidade entre as duas partes seja muito pequena. (ROLNIK, Raquel; 2006, p. 200)

Isso remete ao cerne da dinâmica da produção desigual da cidade, pois quanto mais carente de infraestrutura urbana e serviços a região, mais confinada a um “aparente ciclo vicioso da pobreza” a população dessas quebradas permanece. Há 40, 50 anos, era mais evidente as camadas de desenvolvimento local sob a ótica

econômica. Alguns bairros eram mantidos em condição de isolamento relativo em termos de oferta de serviços e comércio, forçando que a sua população orbitasse pelos bairros vizinhos que detinham centros comerciais mais estruturados, o que colaborava para o seu desenvolvimento.

Ir ao centro da cidade exigia todo um planejamento logístico o que destacava a distância geográfica e a desconexão entre a periferia e o centro urbano. Essa situação podia ser interpretada como um reflexo das desigualdades sociais e econômicas presentes nas grandes metrópoles, onde os bairros periféricos muitas vezes carecem de infraestrutura e serviços básicos, forçando os moradores a deslocamentos complexos para acessar recursos essenciais.

Apesar de suas particularidades e, de certa forma oferecer benefícios às regiões mais empobrecidas que se avizinhavam, esses territórios não devem ser vistos como exceções à lógica de produção do espaço urbano, espaços negligenciados ou marginais, mas espaços com um papel definido na dinâmica urbana e na economia capitalista. O Profº Rodrigo Diniz, também em artigo para a Revista Políticas Públicas de 2022, reflete que:

Os territórios periféricos centram-se não sob a lógica de exceção da produção dos espaços urbanos, mas constituem elementos próprios e metabólicos da produção do espaço sob os vértices da economia capitalista. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce; 2022, p. 642)

Ouvindo os relatos do poeta Kenyt durante a entrevista em maio de 2023, uma sensação de nostalgia tomou conta de mim, lembrei da minha infância. Ele falava das partidas de futebol na rua, das brincadeiras que só tinham fim quando éramos chamados de volta para casa, coisas simples que a vida na periferia permitia

Agora lá na minha rua, na casa da minha avó, quando ia para lá para o final de semana mano, era onde eu vivia tá ligado? Porque lá eu jogava bola, sempre gostei muito de futebol, então lá meus primos estavam jogando bolas, na rua jogava bola. Então eu só queria ficar na minha avó, então de segunda à sexta eu ficava com a minha mãe, no final de semana eu tava com a minha avó e nas férias eu ficava com meu pai que aí já era outro lugar mano. (Poeta Humberto Marques – Kenyt, maio de 2023)

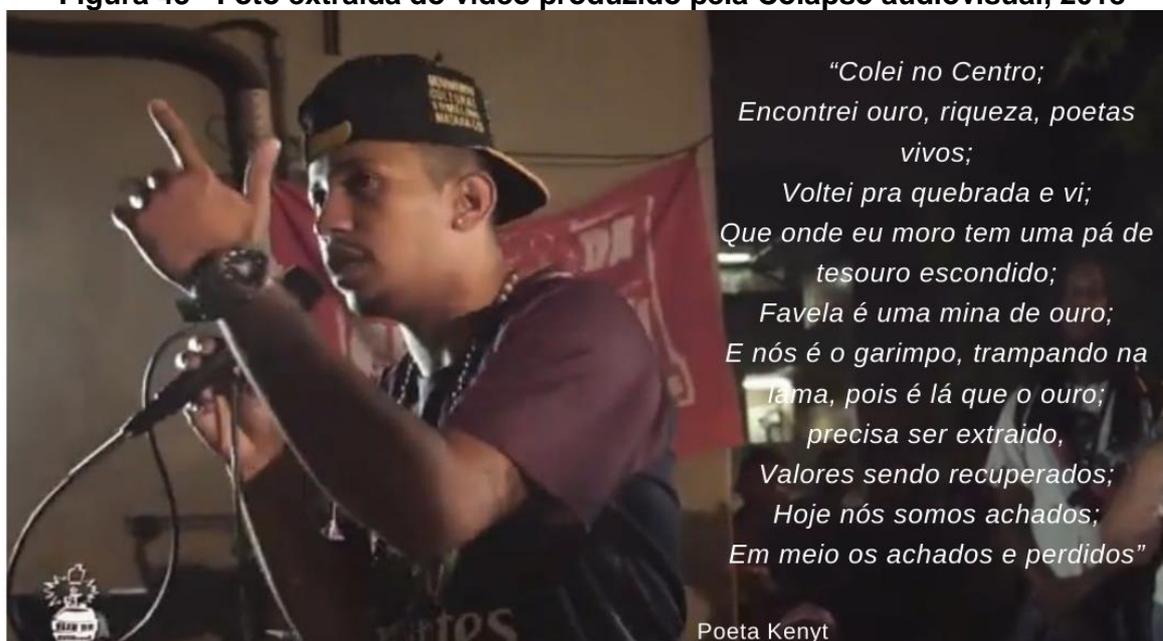
Mas quando ele me relatou a seguinte frase:

Mas aí, minha prima me levou pra conhecer o Slam na final de 2016, tá ligado? Aí o Slam foi num lugar que eu falei: caraio mano!!! {...} Foi a final do Br que foi lá no Itaú {...}. Aí ela falou: campeonato brasileiro de poesia e tal.... Aí eu falei: vamo lá mano...nunca tive na Paulista, centrão de São Paulo {...} 23 anos, nunca tinha ido na Paulista, só visto pela televisão... E é muito loco por quê...Foi o maior choque de realidade (Poeta Humberto Marques – Kenyt, maio de 2023)

Percebi o quanto é alarmante e revelador que um jovem de vinte e três anos, há menos de 10 anos, oriundo das periferias de São Paulo, nunca tenha tido a oportunidade de visitar a Avenida Paulista, um dos ícones da cidade. Esta lacuna em sua experiência demonstra as profundas disparidades socioeconômicas e culturais que persistem dentro da metrópole. Enquanto a Paulista representa o epicentro da vida cultural, econômica e social da cidade, para muitos jovens das periferias, ela permanece distante, acessível apenas através das telas da televisão.

CAÇA AO TESOURO

Figura 43 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018



Fonte: Messias, Humberto Marques de – Inté Aqui: Pode me chamar de Kenyt, p.58 - 1.Ed. São Paulo – Ed. Do Autor, 2022

As descobertas amargas que fui tendo ao longo dessa minha trajetória como morador de periferia e o choque de realidade que o poeta Kenyt relatou ao conhecer a Avenida Paulista há apenas 7 anos, são importantes passos trilhados para o despertar de consciência e a consolidação do sentimento de orgulho em se

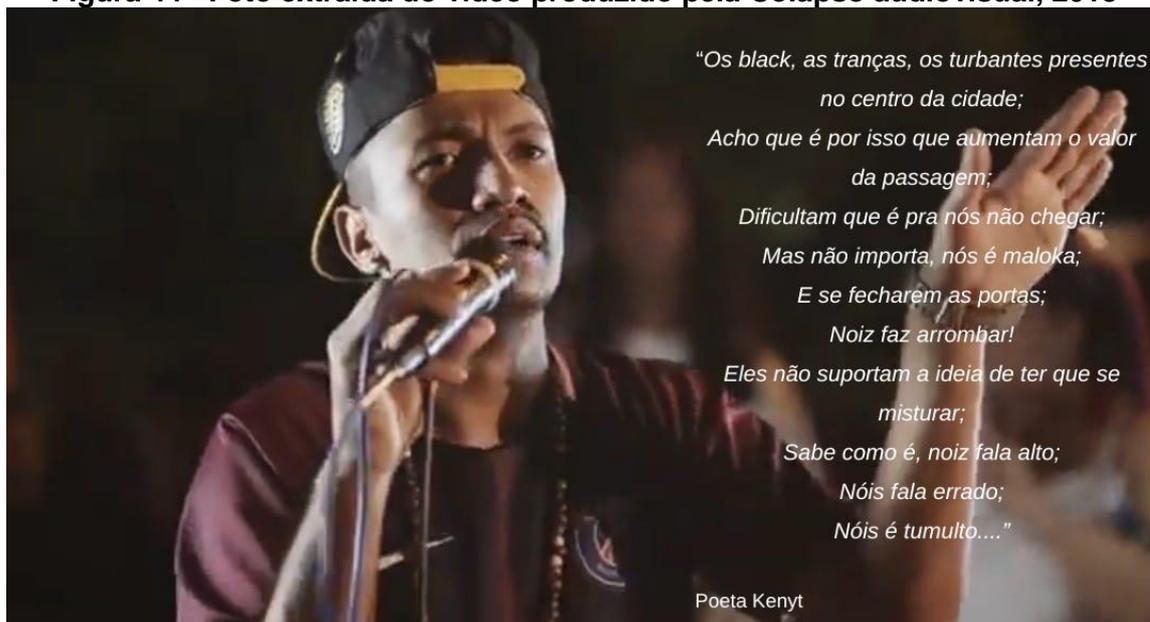
reconhecer como sujeito periférico, termo empregado pelo Professor, sociólogo e morador da periferia, Tiarajú D'Andreia.

A consciência periférica do pertencimento possui um forte componente urbano. Ela surge da vivência cotidiana da percepção de distribuição desigual de riqueza. Esta percepção também se comprova na vivência de segregação socioespacial, com demorados deslocamentos no trajeto trabalho-moradia: nas dificuldades no mercado laboral, na dificuldade de acessos a serviços públicos, na escassez de opções de lazer e cultura, na visível precariedade e pobreza dos bairros populares, dentre outras expressões de desigualdade facilmente perceptível{...} Quanto maior for o uso de distintas localizações da cidade maior for o trânsito em territórios de sociabilidade burgueses, mas fácil emergirá uma consciência periférica. (D'ANDREA, Tiarajú 2022, p. 217-218)

Acrescento que isso também tem um sentido disparador no sujeito periférico quanto o seu papel em cobrar por melhores condições para a sua quebrada, pois diferente do que possa se pensar, o sujeito periférico quando se desenvolve econômica e intelectualmente, não quer sair de sua quebrada, ele quer ficar e mudar aquela situação, existe um forte sentimento e identidade com o local, a consciência política de pertencimento à periferia.

A REAÇÃO DAS QUEBRADAS

Figura 44 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018



Fonte: Messias, Humberto Marques de – Inté Aqui: Pode me chamar de Kenyt, p.90 - 1.Ed. São Paulo – Ed. Do Autor, 2022

Diferente do olhar que se tinha para a periferia nas três últimas décadas, um lugar apenas de privação, vulnerabilidade socioeconômica e violência, as pautas de quem discute ou pesquisa esses territórios e seu modo de vida hoje, trabalha sob a ótica da potência, não uma potência individual que tão traiçoeiramente o mercado capturou para fortalecer o discurso da meritocracia, mas uma potência emancipatória e de valorização cultural, política e social de quem vive e convive nas quebradas.

A palavra periferia passou a ter novo sentido cultural (e político) para além da sua dimensão geográfica. Periferia passou a ser a afirmação de uma identidade forjada por uma condição histórico-social. (ALMEIDA, Renato Souza, JESUS, Marcello Nascimento, 2021, p. 46)

A conjunção de conhecimento, criatividade e soluções que emergem cotidianamente dessas comunidades desempenha um papel fundamental na maneira como elas enfrentam os desafios e constroem suas identidades. Essa força está enraizada na determinação de superar obstáculos, na solidariedade entre os membros da comunidade e no espírito resiliente que permite que as pessoas se mantenham firmes em face das adversidades. Diante de recursos limitados e desafios complexos, as comunidades periféricas muitas vezes desenvolvem abordagens criativas, iniciativas coletivas, projetos artísticos e culturais, e estratégias de subsistência que aproveitam ao máximo os recursos disponíveis. Nas periferias, a resistência muitas vezes se traduz em uma atitude de não desistir, de encontrar maneiras de seguir em frente mesmo quando os obstáculos parecem insuperáveis.

Se o capão fosse reconhecido; Se nossa história fosse citada; Se você ao pisar no chão sentisse o cheiro da bala; O gosto do sangue, a dor dos calos; Se você tivesse lido que há 10 anos atrás a zona sul era o lugar mais perigoso de São Paulo; Acho que só assim você entenderia; Que é difícil pra caramba; Ter que explicar ter orgulho do Capão todos os dias; Não sabem nem da história, nem como surgiu; Mas saem falando aos quatro cantos do mundo: Lá os moleque anda armado; Todo mundo tem glock, fuzil; Mas se você soubesse que o nome nem era Capão Redondo; E sim Guaravirituba; Nome indígena; Que os córregos que passam pelas casas na quebrada; Era um rio que tinha água limpa; Se você entendesse que a nossa história foi escrita pela mão do povo marginalizado. (CAMPOS, Jéssica; 2020, p,99)

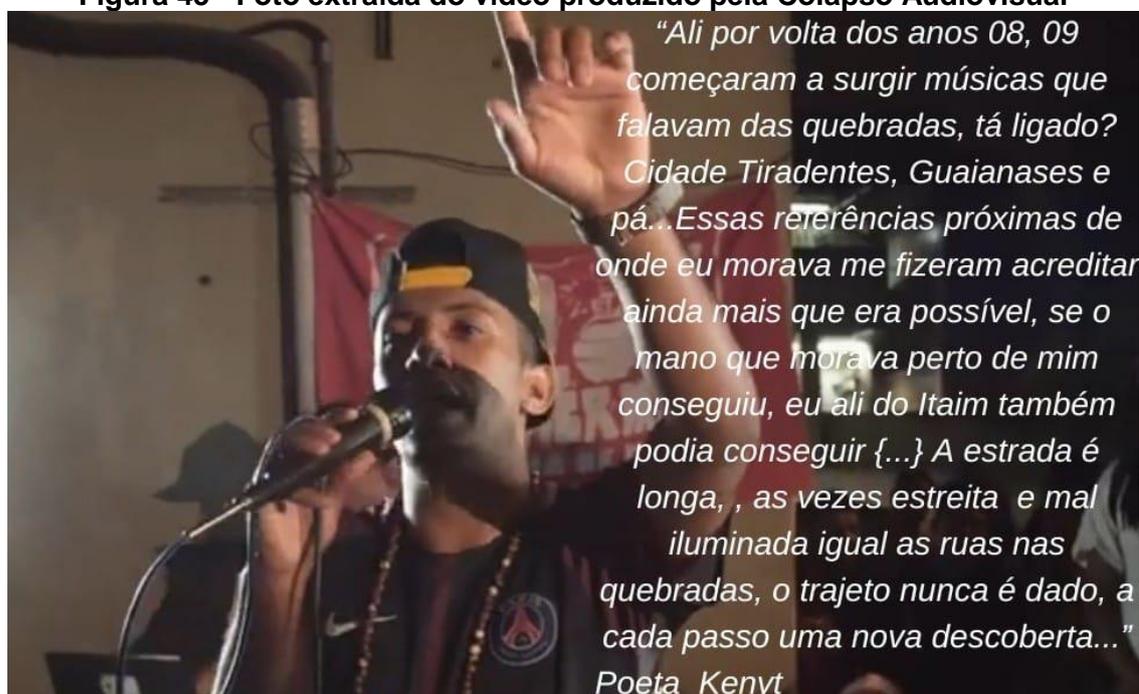
Essa luta por interesses em comum muitas vezes aproxima as pessoas que vivem em áreas periféricas, criando um senso de comunidade e solidariedade. Quando enfrentam desafios semelhantes, essas ações e esforços coletivos não

apenas aproximam as pessoas das periferias, mas também têm o potencial de gerar mudanças significativas e melhorias nas condições de vida dessas comunidades. A união em torno de objetivos comuns pode fortalecer o senso de identidade e pertencimento à comunidade, promovendo o bem-estar geral.

Embora a periferia possa ser a síntese de um processo de formação social desigual, é preciso considerar a sua pluralidade em relação e extensão, uma vez que os territórios periféricos são espaços heterogêneos e de coexistência de precariedades e de forças, de tempos e ritmos distintos que se conjugam na produção de territorialidades periféricas. Neste sentido, a periferia se constitui território da classe trabalhadora, porque a abriga e contém suas formas de vida, suas experiências comuns. São lugares onde a classe trabalhadora tece a vida em comum nas tramas e na relação com a cidade desigual, forjando vivências, modos de vida, reúnem elementos objetivos, subjetivos, formas de sociabilidade, de festejo, de morar, de conviver, de organizar esteticamente sua cultura em linguagens, estilos, vestimentas próprias. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce, 2022, p. 645)

ORGULHO DE SER PERIFÉRICO

Figura 45 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual



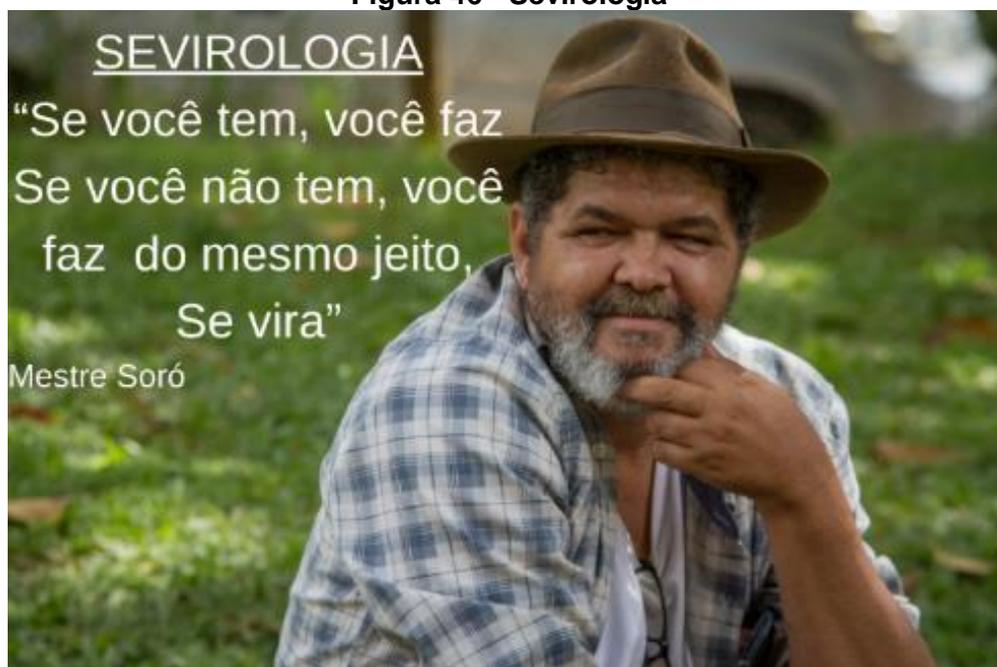
Fonte: Acervo pessoal.

A população das quebradas que há muito vivia sob o estigma da fragilidade e da precariedade, buscou formas de reagir e se reinventar diante dos desafios

impostos pela onda de violência, altas taxas de desemprego, pobreza e políticas públicas insuficiente que assolava as periferias na década de 90. Lideranças e movimentos sociais, buscando soluções que superasse essa situação e apaziguasse as quebradas, focaram no fortalecimento de sua identidade enquanto morador periférico, combatendo estigmas e preconceitos e passando a valorizar o potencial e a criatividade das quebradas, a dificuldade cria a oportunidade. Apesar de reconhecer as potências e qualidades que brotam das periferias, precisamos ter cuidado para não cair no “Canto da Sereia”, romantizar as carências, e sermos vítimas da armadilha do “nós por nós” ou a favela venceu”. Isso pode representar uma transferência de papéis, despertando um falso sentimento de empoderamento, e desobrigando o estado do seu compromisso enquanto provedor de políticas públicas.

Voltando à reação das quebradas, não poderíamos deixar de citar aqui o grande amigo e educador popular, Mestre Soró (Comunidade Cultural Quilombaque), que infelizmente nos deixou em 2019, e que escupiou o termo “*SEVIROLOGIA*”

Figura 46 - Sevirologia



Fonte: Foto Léo Britto, 2022.

Este processo, muitas vezes cheio de dúvidas e doloroso, incorreu numa transformação no jeito de “ser e do estar” no mundo, firmar a sua identidade enquanto um sujeito periférico, o sujeito não apenas da carência, mas sim o sujeito da potência, o sujeito com “orgulho de ser periférico”.

É um “espaço social, geográfico” e, acrescentamos, de classe, com o qual se defrontam as dobraduras do cotidiano; espaço saturado de experiências, de ações de ordem prática para a produção e reprodução da vida em meio às exclusões, desigualdades, mas também é potência de criação, de resistência, de enfrentamento das durezas da vida não como se quer, mas como se pode. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce, 2022, p. 645)

Aqui vou procurar me aprofundar mais nesse tema da identidade do sujeito periférico, pois dialoga transversalmente com a abordagem deste trabalho. Para isso, vou beber, como já venho fazendo, na fonte da produção teórica de Tiarajú, haja vista que sua tese de doutorado foi uma investigação minuciosa sobre a formação dos sujeitos periféricos e a cultura enquanto instrumento de resistência nas periferias.

A construção da identidade do sujeito periférico sugere a maneira como ele percebe a si mesmo, sua autoimagem, sua compreensão de quem é e como se encaixa no mundo. No seu contexto essa identidade é moldada por uma série de fatores, suas experiências num ambiente de produção e reprodução de desigualdade social, como já falamos anteriormente, e de reação a isso, numa mudança de perspectiva que reconhece a sua capacidade de ação, agência e resistência e potencial de influenciar, transformar e contribuir para mudanças sociais e políticas no seu meio. Muitos sujeitos periféricos desenvolvem formas de resistência cultural e social para enfrentar as injustiças e opressões. Essas estratégias podem ser expressas por meio de movimentos sociais, arte, música, literatura e outras formas de expressão cultural. O poeta Kenyt não fugiu à regra:

A literatura me ajudou a entender melhor os culpados, tá ligado? Eu acho que tipo assim a violência nós já convive com ela, mas às vezes muita das vezes a gente acha que o inimigo é o vizinho, tá ligado? Então eu acho que a literatura ela me trouxe esse lugar e tipo assim, entende o porquê a causa tá ligado? eu acho que nós convive muito com o efeito. mas vive mesmo num bagulho violento. A literatura me trouxe tipo mano, porquê que nós vive de uma forma no lugar violento, tá ligado? Então eu acho que a literatura viu muito disso e com certeza, né, mano? As inspiração, ela tá dentro do nosso cotidiano, da gente. Tá ligado? (Poeta Humberto Marques – Kenyt, maio de 2023)

Apesar da heterogeneidade da periferia em razão de ser composta por diversos grupos e identidades multifacetadas com base dimensões sociais, culturais, geográficas, econômicas etc., Tiarajú, se baseando nos estudos do historiador E. P. Thompson (1987) sobre experiências na formação da consciência de classe, traz essa

leitura para entender a formação do sujeito periférico e apresenta a seguinte conclusão:

Morar na periferia pode possuir diversas formas, adquirir distintos contornos e apresentar múltiplas facetas. No entanto, existe uma série de experiências comuns que contribuem para a formação de um sentido de pertencimento a uma situação social compartilhada. (D'ANDREA, Tiarajú 2022, p. 209)

Tawane Theodoro, uma das poetisas entrevistadas e que aparecerá em seguida na apresentação desse trabalho, confirma essa tese de Tiarajú em sua percepção como moradora periférica:

Eu acho que além de tudo esse lugar, ele me criou também, né? Para mim ser a pessoa que eu sou hoje e tudo mais é tudo influência do local aonde eu cresci e tudo mais... então além de de vim essa vivência, quando eu falo de quebrada, é dessa quebrada que eu tô falando, né? Eh ela me influencia muito, tipo pra adulta que eu sou hoje assim...então todas as minhas escritas, elas dependem de quem eu sou né? Então ele vem na construção minha como ser humano e também quando eu penso em quebrada é dessa que eu tô falando assim sabe? {...} tudo na minha construção é aqui, né? (Poeta Tawane Theodoro, abril de 2023)

Essas experiências e vivências em comum, originárias de toda uma trama de relações, interesses e contextos que acontecem no ambiente das periferias é o “engatilhar” do processo de desenvolvimento do sentimento da “consciência periférica de pertencimento”, que só se confirma com o “disparar” que acontece por meio da comparação com uma outra realidade que ressalte as características da periferia. Como explica Tiarajú:

A história tem demonstrado que os processos de consciência de pertencimento à periferia ocorrem, na maioria das vezes, a partir de uma experiência social com um outro urbano, na qual as características periféricas ficam ressaltadas {...} a consciência periférica de pertencimento surge da vivência cotidiana de percepção de distribuição desigual de riqueza. (D'ANDREA, Tiarajú, 2022, p. 217)

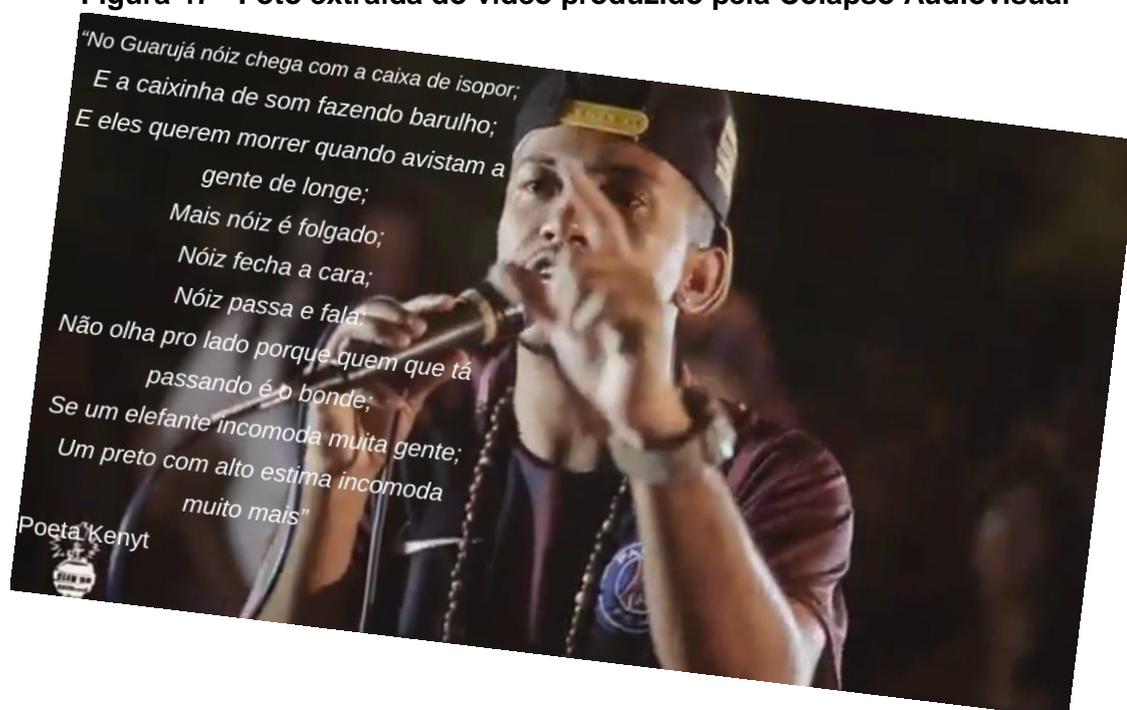
Enquanto nos anos 1990 a periferia estava voltada exclusivamente para a solução dos seus problemas internos, por meio do fortalecimento do conceito de identidade periférica, nos anos 2000 em diante isso passou por uma reconceitualização baseada na consciência de pertencimento, quando provocada pela sua ascensão

social e maior contato com o ambiente externo, passa a se perceber num mundo diferente do qual ele não faz parte e, em alguns casos nem é bem-vindo.

A entrada de jovens periféricos nas universidades ou a ascensão em postos de trabalho faz com que estes jovens percebam que quanto mais sobem na escala social, mais cercados estão por pessoas de outra classe social, outros locais de residência e quase sempre outra cor de pele {...} Essa sensação de não pertencimento gera consciência e necessidade de afirmação de uma identidade. (D'ANDREA, Tiarajú 2022, p. 215)

A CASA GRANDE SURTA

Figura 47 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual



Fonte: Messias, Humberto Marques de – Inté Aqui: Pode me chamar de Kenyt, p.88 - 1.Ed. São Paulo – Ed. Do Autor, 2022

Quando o território periférico, que por muito tempo foi sinônimo de carência e pobreza, um lugar estigmatizado pela falta e pela violência, desperta para ocupar seu verdadeiro lugar de potência e produção de cultura e conhecimento, contrariando setores que há muito se beneficiavam dessa subalternidade, há uma tentativa de desmobilização ou sabotagem dessa reação pelos setores da elite que se sentem ameaçados em seus privilégios. Com isso, adota estratégias em atacar e desqualificar a produção originária das periferias como parte de seu processo de dominação e de alienação, e busca reforçar no imaginário coletivo a ignorância, o atraso e a limitação

do sujeito periférico, e que para atingir um grau de “civildade”, deve abdicar de seus hábitos, usos e costumes em detrimento do modelo imposto por essa elite, conforme bem e ilustra Tiarajú D’andrea:

Quando a classe trabalhadora moradora das periferias não deixa que seu conhecimento seja apropriado e não se deixa ser apagada da história, suas iniciativas passam a ser atacadas. Algumas vezes pela direita, outras vezes por setores progressistas de classe média. Ambos os setores, historicamente beneficiados pela estrutura social, querem destruir qualquer iniciativa que ameace seu protagonismo e suas posições. (D’ANDREA, Tiarajú 2022, p. 59)

Os territórios periféricos são espaços recheados de contradições, da falta e da produção, são essenciais na dinâmica da cidade nos mais variados aspectos. É de fundamental importância compreender as periferias não apenas como espaços geográficos, mas como territórios que carregam profundas implicações históricas e sociais na sociedade.

(...) periferia não é apenas um espaço localizado de segregação social, econômica e política dos locais mais pobres das cidades, mas é um dos traços constitutivos da dinâmica da vida social, econômica e política da sociedade brasileira. É um dos traços da formação social do país que se presentifica de modo latente nos contextos urbanos. As periferias são heranças e desdobramentos do processo de escravização, é a colonização ainda em curso e presente na realidade cotidiana da sociedade brasileira. (DINIZ, Rodrigo, et al., 2022, p. 645)

Algumas circunstâncias foram apontadas por Tiarajú como sendo fundamentais na construção do ser periférico, e sua forma de estar e se relacionar com o mundo, a utilização de periferia como classe, como posicionamento político, conceito, orgulho, organização, entre outras. No entanto, quero me deter em um apontamento específico para poder me aprofundar no tema da arte, da cultura e dos coletivos de batalhas de poesia, ou seja, a arte e a cultura como aliada política. Ainda em seu livro, aponta a importância do papel da cultura na expressão de voz e de pensamento das periferias, além de ser um significativo instrumento de conscientização política e social:

O principal produtor e veiculador de uma narrativa ressemantizadora de periferia foi o movimento artístico e cultural, que também auxiliou no processo social de tomada de consciência de pertencimento a um determinado espaço por parte de moradores. (D’ANDREA, Tiarajú, 2022, p.36)

2.3 DESENGASGA ESSA VOZ SILENCIADA!

Tawane Silva Theodoro, 24 anos, moradora desde sempre no bairro do Capão Redondo, reside com os pais e com a irmã mais nova, é nutricionista de formação e poeta e escritora por vocação. Tawane jogou basquete dos 10 aos 16 anos de idade, era sua paixão e, até então, planos de profissionalização. No então, se desencantou em razão do baixo apoio e incentivo ao esporte feminino. No cursinho popular pré-vestibular Carolina de Jesus foi apresentada à poesia pelos professores, e assim começa sua trajetória como poeta e escritora. Em um de seus versos ela descreve esse momento com a seguinte frase poética: “Tropecei na poesia e essa foi a minha melhor queda”. Além de poeta e escritora, é poeta formadora no Slam Interescolar, uma das organizadoras do Sarau do Capão e do Slam do Bronx.

Tawane se diz uma pessoa tímida, ressaltando as resistências que enfrentou até conseguir coragem para recitar suas poesias em público, conta que no início se valia das letras escritas no celular por falta de confiança e dificuldade em decorar as próprias poesias. Hoje, Tawane é um dos ícones da voz feminina e feminista na cena dos Slams e uma incansável crítica combate à opressão e violência às mulheres. Com escrita provocativa, por vezes revestida de sarcasmo e vigorosa entonação de uma voz grave e marcante, faz de sua presença no palco um momento eletrizante.

RESPEITA A MINHA FALA

Figura 48 - Fonte: Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2018

Fonte: Acervo pessoal.

Antes mesmo de entrar na temática da construção das narrativas poéticas, me vejo na obrigação de tratar de uma questão que tive que lidar algumas vezes, quando encantado pela descoberta vigorosa da poesia periférica que encontrei nos Slams, me senti estimulado a apresentar para as pessoas do meu meio, a fim de compartilhar daquele sentimento arrebatador que me tomou repentinamente.

Infelizmente, para minha decepção, em algumas dessas situações a reação não foi a esperada, pior, foi de crítica a algo que conhecemos como “preconceito linguístico”. O que vem a ser?²⁶

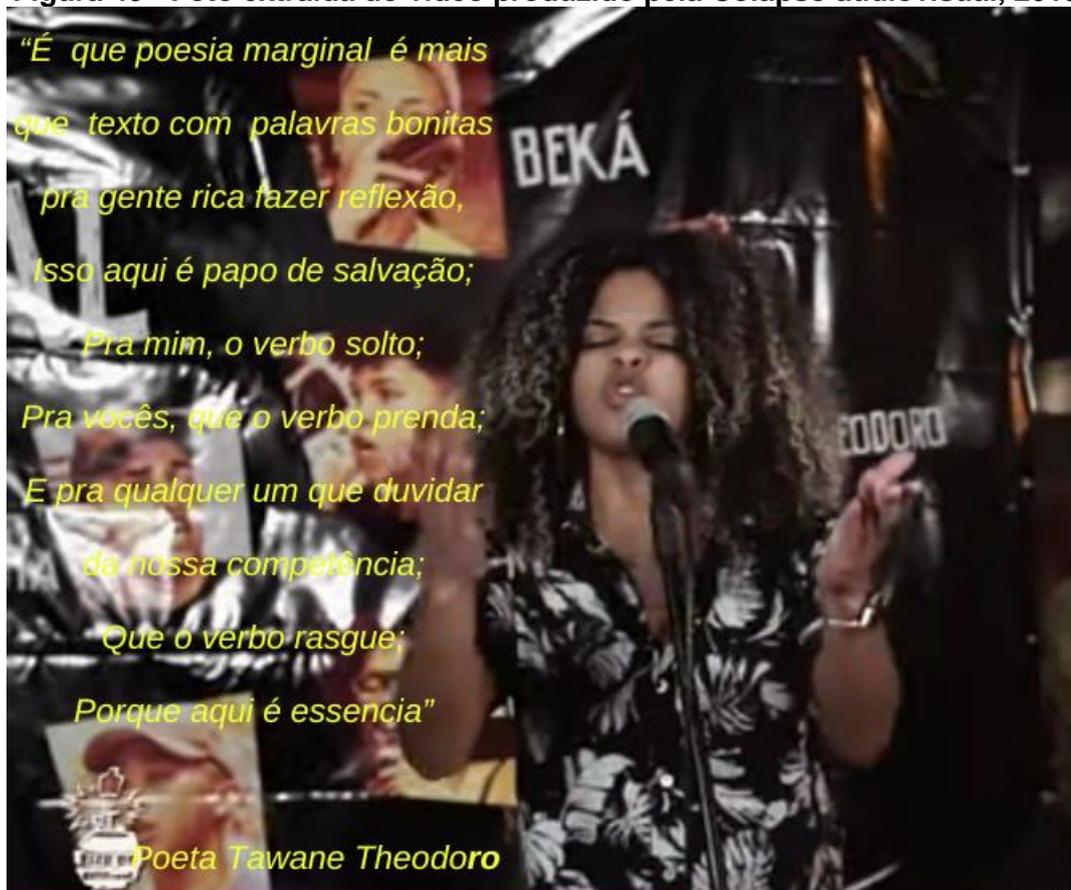
Ao invés de captarem a mensagem contida na poesia, na “força da palavra”, reduziram a mensagem a um julgamento linguístico, perdendo a oportunidade de reconhecer a poesia periférica no seu aspecto político contestador e não reconhecendo que as variações linguísticas são parte importante da diversidade humana, relacionadas a questões históricas, geográficas, culturais e intergeracionais

²⁶ Nota do autor: O preconceito linguístico refere-se a atitudes negativas, estereótipos ou discriminação que são direcionados para variações linguísticas específicas ou para determinados dialetos, sotaques ou formas de fala. Isso pode ocorrer quando uma variedade linguística é considerada inferior, inadequada ou menos prestigiosa do que outras. O preconceito linguístico está enraizado em normas sociais, culturais e educacionais que muitas vezes valorizam certas formas de linguagem em detrimento de outras.

Importante ressaltar que combater o preconceito citado é promover a valorização de todas as formas de linguagem.

MAIS QUE RIMAS DE PALAVRAS OU EXPOSIÇÕES ESTÉTICAS

Figura 49 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2019



Fonte: Trecho da poesia O peso da Palavra, p.17 - A pluralidade da poeta / Tawane Theodoro – São Paulo: Blucher.

Marx, ao tratar do desenvolvimento dos sentidos do homem, rebate diretamente o pensamento de Feuerbach, que vê na arte uma ponte, uma forma de ligação do homem à sua essência natural, seu retorno harmônico e integrado à natureza. Marx defende que os sentidos acompanharam o homem em seu processo de desenvolvimento e afastamento da sua relação com a natureza.

O desenvolvimento das forças produtivas é que regem o comportamento e o sentido dos homens, ou seja, a atividade humana sobre a natureza que promove a transformação material, tem impacto direto no desenvolvimento dos sentidos. Marx aponta que a contradição entre o homem objetivado e a sua essência, causa da interferência do modelo industrial que passa a reger a vida do homem, é danosa para

o desenvolvimento dos sentidos, fazendo com que não haja sensibilidade para apreciar uma atividade artística. Nas palavras do sociólogo Celso Frederico:

Os bloqueios sociais impõem-se ao homem e atrofiam os seus sentidos. Mas estes, mesmo quando livres de barreiras, não têm um desenvolvimento espontâneo garantido. Entendidos como atividade, os sentidos dependem de uma permanente educação. "Se queres desfrutar da arte, diz Marx, necessitas de uma formação artística, é a música que desperta no homem a sensibilidade musical. (FREDERICO, Celso; 2013, p. 477)

Aproveitando o que foi falado sobre os sentidos até o momento, insiro, a partir daqui uma análise temporal com as forças insurgentes dos movimentos artísticos periféricos, entendendo seu papel nessa formação defendida por Marx.

Essa condição de alienação que bloqueia o desenvolvimento dos sentidos e mantém o homem insensível diante de uma produção artística, só pode ser superada por algo que efetivamente o tire dessa "hipnose", o quanto mais essa atividade se aproximar de sua realidade e dialogar com o seu cotidiano, maior identificação e atenção conseguirá despertar.

Existe uma representação feita pelo sociólogo francês, Lucien Goldmann, onde trata uma forma de resistência à violência e opressão exercida pelas camadas dominantes, ele diz que essa violência e opressão tem um caráter global e circular e não poderia ser rompida num ponto particular sem que a brecha seja imediatamente colmatada pela pressão exercida nos outros setores do círculo. Significa que toda ação de resistência deve apresentar idêntico caráter circular e global. Portanto, esse despertar do homem a fim de garantir a continuidade do processo de desenvolvimento dos sentidos é algo inerente aos movimentos artísticos periféricos.

As Batalhas de Poesias, os Slams, são verdadeiras Ágoras Periféricas, onde jovens se reúnem para exporem as contradições sociais do seu cotidiano e as relações com o território de convivência e circulação, por meio de suas poesias. Essas poesias não são apenas rimas de palavras ou exposições estéticas, são manifestações de "resistência e de existência", pelas quais poetas expressam suas vivências, um potente instrumento político de denúncia e de transformação. (RODRIGUES, F. Cesar; 2021, p. 24)

Figura 50 - Foto de acervo pessoal de uma edição do Slam da Guilhermina no bairro Guilhermina/Esperança. Fala de apresentação e abertura da competição



Fonte: Acervo pessoal.

Esse campo de “resistência e reexistência” acontece nas franjas das cidades, que, como vimos, reservam aos trabalhadores espaços densos demograficamente, sem infraestrutura adequada, com políticas públicas insuficientes e, em alguns casos, ineficientes, com exceção da política de segurança pública. Em contrapartida, são nessas condições que emergem os movimentos de resistência, demonstrando que os sujeitos dessas franjas, dessas periferias, não só consomem cultura, como forjam as suas próprias manifestações culturais a partir das realidades vividas. Que tanto exercem uma influência conscientizadora como também de um potente canal de voz e de denúncias das condições às quais são submetidos. São verdadeiros celeiros de produção cultural e, diferente do que se pensam, esses sujeitos não querem mais, necessariamente, se mudar das periferias, querem mudar as periferias se valendo da arte como ação de conscientização e transformação.

A arte não se limita à contemplação passiva do mundo ou à admiração romântica da humanidade; ela é um ato prático e fundamental no processo de

formação pessoal e coletiva. Por meio da arte, os indivíduos se envolvem ativamente na construção de significado, interpretando e reimaginando a realidade ao seu redor. É um ato de autodescoberta e expressão, onde a criação artística se torna um ato de dar forma ao próprio ser e de compreender o mundo de maneiras profundas e multifacetadas.

Arte não é observação desinteressada das estrelas vagando pelo firmamento e nem contemplação deslumbrada da essência humana em toda parte vista e reconhecida pelo olhar amoroso de um homem eternamente apaixonado. Como atividade prática, a arte é um momento decisivo do processo de autoformação do gênero, de apropriação da realidade e doação de sentido (...) Em diversos momentos dos Manuscritos econômico-filosóficos a arte aparece relacionada ao trabalho. Com os seus recursos próprios, ela dá continuidade ao processo de apropriação do mundo exterior, de sua humanização permanentemente ampliada pelas objetivações do ser social. (...) Quando fala em arte, ao contrário, ele se concentra na exposição de seu caráter humano e humanizador, o que talvez se explique pelo fato de a arte, diferentemente do trabalho, realizar-se fora do círculo imediato das necessidades de sobrevivência, ou ainda porque queria denunciar os efeitos embrutecedores do capitalismo sobre "as forças essenciais do homem. (FREDERICO, Celso 2013, p.53)

O recorte deste trecho dos registros de Marx vem a corroborar a importância e o papel da arte na intervenção da vida e da realidade, não se limitando apenas ao aspecto estético e de entretenimento. Tratando especificamente da poesia construída pelos sujeitos periféricos a partir de suas vivências e do seu cotidiano, a professora Cynthia Agra, docente de pós-graduação de linguística aplicada da Unicamp, transcreve.

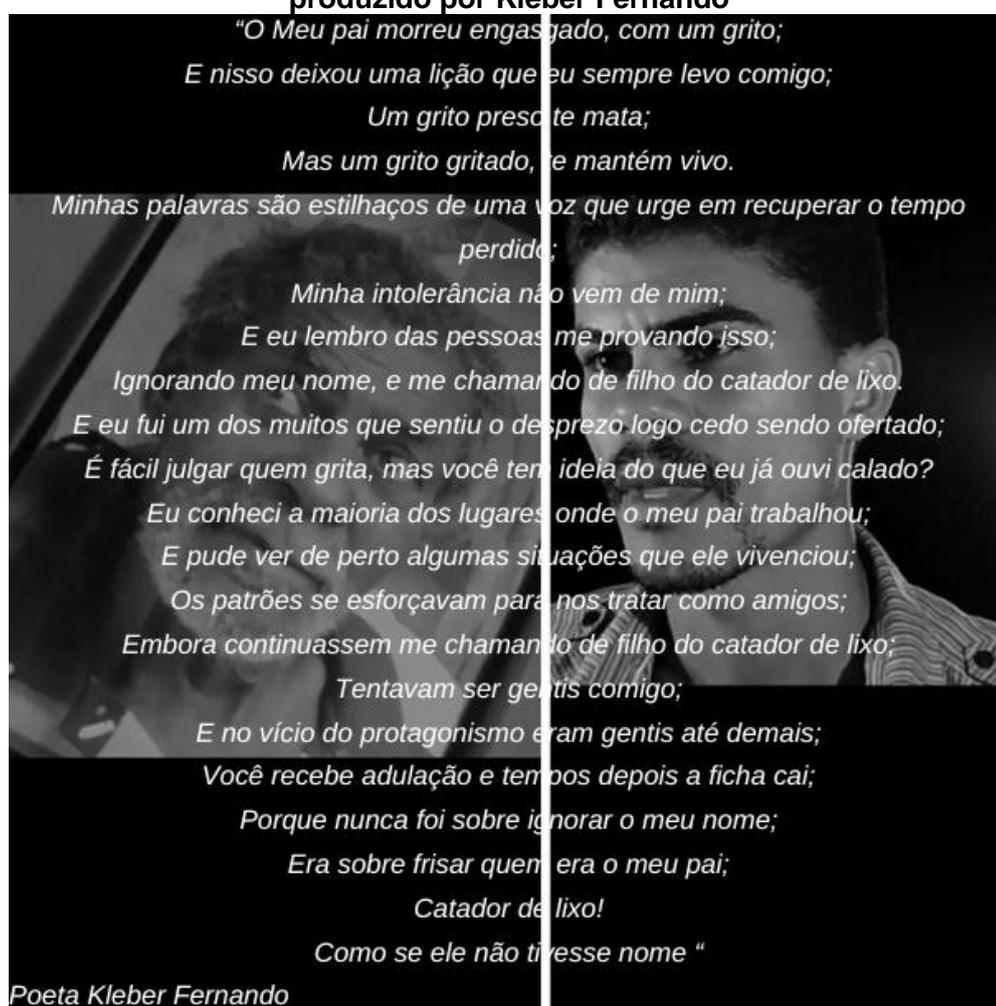
Slams – competições ou batalhas de poesias que dão vez e voz a poetas da periferia, os quais versam sobre as adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, sempre de teor crítico e engajado, que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público-ouvinte. (NEVES, C. Agra 2017, p. 92)

Quando considero a reflexão da professora, reconheço na prática das poesias recitadas por esta juventude periférica uma comunicação que convida à reflexão de grandes questões que giram em torno da denúncia da realidade que se está inserido, da crítica às desigualdades sociais, essas poesias não são apenas rimas de palavras ou exposições estéticas, são manifestações de “resistência e de “re”existência, pelas

quais poetas expressam suas vivências por meio da palavra escrita, um potente instrumento político de denúncia e de transformação. É de denúncia porque aborda de forma crítica e contundente temáticas vivenciadas pelos seus autores, e é de transformação porque provoca a consciência crítica, a organização coletiva e a ocupação do território por grupos jovens que reivindicam seu espaço de voz.

ESCREVIVÊNCIA POÉTICA

Figura 51 - Imagem e trecho poético extraídos do vídeo Um Poema chamado José, produzido por Kleber Fernando



Fonte: Acervo pessoal.

Refletir sobre o conceito de Escrevivência à luz das narrativas poéticas periféricas nos leva a considerar um conjunto de significados que se entrelaçam no centro desse conceito, na sua essência, não apenas como uma escrita ou um som, mas como a criação de uma sequência de sentidos na qual o conceito se fundamenta e inicia sua trajetória de evolução.

Esse processo de interpretação e reescrita em outras palavras envolve a compreensão da Escrivivência como uma experiência que transcende fronteiras geográficas e culturais, encontrando um terreno fértil na poesia periférica. Ela se revela como uma manifestação da resistência e da capacidade humanamente intrínseca de expressar a existência, identidade e luta por meio da escrita poética e das narrativas que se nascem nas margens das cidades e ecoam como uma voz que desafia as normas e as estruturas.

No entanto, segundo sua Conceição Evaristo, criadora do conceito de Escrivivência, o termo foi inicialmente pensado como uma prática de escrita das mulheres negras. No passado, o corpo e a voz das mulheres negras escravizadas estavam sujeitas ao controle dos senhores de escravizados, negando-lhes qualquer autonomia na expressão de suas próprias experiências. Hoje, a escrita é um instrumento de empoderamento para que mulheres negras se apropriem da narrativa e da representação de suas próprias vidas. Ao valorizar a oralidade e a escrita, legitima-se a herança cultural e a resistência ancestral.

Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, Conceição; 2020, p. 30)

A autora reconhece que embora outros grupos sociais e campos possam se envolver na escrivivência, é importante reconhecer e honrar a base fundadora dessa prática nas experiências e vozes das mulheres negras.

Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (EVARISTO, Conceição; n.p. *apud* SANTANA; ZAPPAROLI, 2020, n.p.)

A prática da escrevivência, como concebida por Conceição Evaristo, é indiscutivelmente fundamentada na experiência e na voz das mulheres negras, oferecendo uma maneira de recontar suas histórias e desafiar narrativas dominantes que as marginalizaram por tanto tempo. No entanto, ao reconhecer a importância e a legitimidade dessa prática, é essencial também considerar sua aplicação em contextos mais amplos e diversos.

Ao explorar as poesias que brotam das periferias, fica evidente uma conexão significativa com a essência e o conceito da escrevivência. Assim como as mulheres negras utilizam a escrevivência para reivindicar sua identidade e narrar suas próprias histórias, os artistas periféricos encontram na poesia uma forma para expressar suas experiências, lutas e aspirações de forma autêntica e poderosa. Nessas poesias vemos uma ressonância com os princípios da escrevivência: a reivindicação da voz, a subversão de estereótipos e a afirmação da identidade.

Diante disso, e com a anuência da própria autora, neste trabalho amplio o escopo da escrevivência a fim de incluir as poesias construídas por artistas periféricos, entendendo que de forma alguma estou desvalorizando ou banalizando sua origem e identidade junto às mulheres negras. Pelo contrário, acredito na riqueza e a diversidade das vozes que contribuem para essa narrativa de resistência e empoderamento. As poesias periféricas dos Slams, assim como a escrevivência, representam uma forma de reescrever a própria história, dando voz aos marginalizados e desafiando as estruturas de poder que os oprimem. Nesse sentido, a inclusão dos Slams na prática da escrevivência amplia seu alcance e relevância, enriquecendo ainda mais sua capacidade de transformação e emancipação.

A partir dessa reflexão sobre o conceito de Escrevivência e reconhecendo seu entrelaçamento com as narrativas poéticas produzidas nas quebradas que, conforme entende Conceição Evaristo, ser o *“descrever, por meio da escrita, a experiência que surge da vivência pessoal e coletiva”*, Maria Nazareth Soares Fonseca concebe a seguinte interpretação:

A Escrivência passa então a se constituir como um termo-conceito que legitima a construção de estratégias semelhantes às percebidas por Deleuze e Guattari (1977 p.26-27) como próprias de uma literatura que precisa furar o cerco de intolerância que a reprime. Os teóricos referem-se a uma literatura que, como a produzida por Kafka em língua alemã, nasce em terreno minado por violência e segregação e, na qual “o caso individual é imediatamente ligado à política” e, por isso, nela tudo adquire um valor coletivo (NAZARETH, M.S. Fonseca, 2020, p.63)

Em uma entrevista concedida em 2020, para compor um artigo do livro *Escrivência, a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Conceição Evaristo explica que costuma dar pouco espaço a pessoas brancas em suas obras, privilegiando o destaque de pessoas pretas, geralmente mulheres, mas mantendo-se fiel ao modelo hegemônico e patriarcal da sociedade em que vivemos como forma de denúncia a essa condição. Mesmo tendo pouco destaque, os personagens continuam ocupando lugares de privilégio e de poder. Em Ponciá Vicêncio, ela descreve o tratamento diferenciado que pessoas recebem por causa de sua cor e classe social:

Um dia Biliza percebeu que o rapaz pegou o dinheiro dela, suas economias guardadas com tanto sacrifício. Ao relatar o acontecido, a reação da patroa foi de humilhar Biliza, buscando atingir a moral da empregada, embora soubesse que o rapaz frequentava o quarto da moça. (EVARISTO, Conceição; 2020, p.28)

A dupla moral das pessoas brancas e de classe mais abastada é um problema enraizado na nossa sociedade, herança do modelo colonialista e escravocrata que moldou a sociedade. Historicamente as pessoas ricas e brancas são beneficiadas por estruturas de poder que lhes conferiram e ainda conferem privilégios, enquanto as pessoas pobres e pretas enfrentaram barreiras sistemáticas nas mais diversas áreas.

A exemplo dessa forma de narrativa, a poesia periférica também traz essa questão do privilégio e do racismo de forma muito contundente, em razão dela permear o cotidiano de forma muito presente.

Nunca pisou na quebrada; Ignora os meus na rua; Subestima na entrevista; Não acredita nas nossas conquistas; No final, ainda gourmetiza a nossa cultura; Paga de quebrada na hora que lhe

convém; Porque nós tá ligado; Que tú só sobe o morro; Pra gastar o seu bic com os nossos beck de 100; Sem remorso, sem peso na consciência; Pois quando tú é enquadrado na rua; Tudo é só coincidência; Pois é óbvio, Quantidade de maconha permitida; Quando você tem inocência; Sua carência de vivência me causa demência; Pois é causado pelo caos causado por aquele burgês safado;

*Era apenas mais um jovem branco, rico que seguiu o caminho errado.
(Jéssica Campos – Final do Slam da Guilhermina 2019 - https://youtu.be/XGAjc0_zDrM?si=j4s4xlyDMgT6Sq9m)*

2.4 EMPODERAMENTO E VOZ

Figura 52 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2019



Fonte: Acervo pessoal.

A relação entre as poesias de Slam e o conceito de escrevivência é profundamente enraizada na narrativa de experiências individuais e coletivas, particularmente aquelas vividas por grupos historicamente marginalizados e silenciados. Nas poesias de Slam há uma valorização da importância de compartilhar histórias e vivências autênticas, muitas vezes utilizando as próprias vidas dos artistas como fonte de inspiração para suas criações. Ao fazê-lo, estão contribuindo para a construção de narrativas mais inclusivas e empáticas, que celebram a diversidade de experiências humanas e a transformação.

Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (EVARISTO, Conceição; 2020, p. 35)

Jéssica Campos, que foi uma das poetisas entrevistadas, exemplifica a interseção entre poesia de Slam e escrevivência. Em suas performances, ela compartilha histórias pessoais e coletivas, destacando as experiências de mulheres negras e periféricas. Ao mergulhar em questões de identidade, resistência e superação, as poesias de Jéssica Campos ressoam como testemunhos autênticos de vida, contribuindo para a construção de narrativas mais inclusivas e empáticas que celebram a diversidade humana.

(...) mano, eu acho que elas tão sempre entendendo? Porque quando eu falo da minha realidade, não falo da minha realidade isolada, eu falo da minha realidade que conversa na realidade muita gente, porque a nossa realidade é muito parecida, né? E eu acho que eu escrevo muito menos pensando no outro, eu escrevo muito pouco falando “eu vou escrever essa poesia, vou fazer essa frase pra que as outras pessoas entendam o que eu queria falar...” Não! Eu vou escolher essa frase porque faz sentido na minha realidade e a minha realidade conversa com a do outro, porque às vezes a realidade do outro não conversa com a minha, e eu não posso partir, eu Jéssica, não parto da realidade do outro para descrever a minha, eu parto da minha, e tem coisas da minha estão na realidade de todo mundo. Então, quando eu tô fazendo poesia, pra mim, isso é linha de corte, as referências são sobre mim. (Poeta Jéssica Campos, maio de 2023)

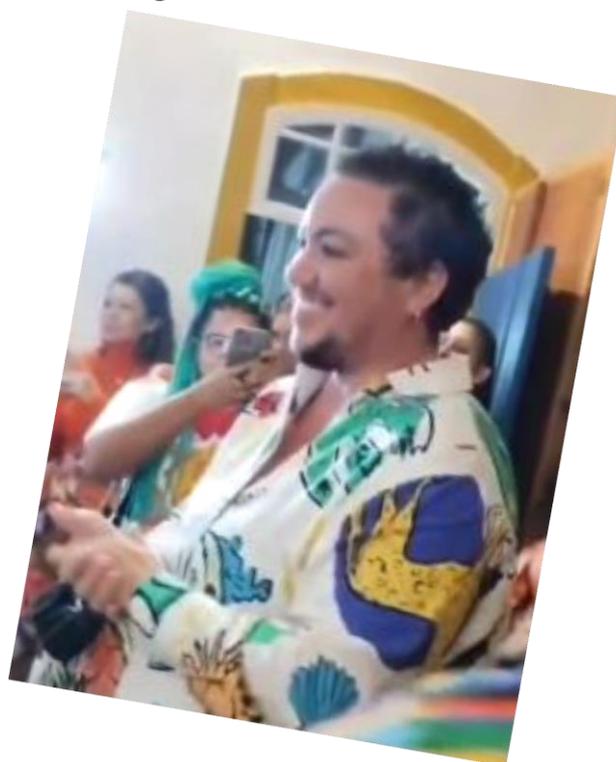
Essa finalidade de expor, por meio da escrita e da narrativa, suas histórias e perspectivas evidenciadas na força e na expressão de suas experiências e sentimentos, ao mesmo tempo que busca visibilizar os indivíduos, dando-lhes base para dividir histórias e perspectivas únicas, envolve o público e cria consciência sobre questões sociais, provocando reflexões profundas sobre temas de justiça social e desigualdade, como lutas e conquistas das pautas de raça, LGBTQIA+, mulheres, PCD, crianças e adolescentes, etc.

A maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens. Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza. Uma mulher que se cumplicia com as outras se sensibiliza ao ler o conto "Maria" ou Insubmissas lágrimas de mulheres. Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens. (EVARISTO, Conceição; 2020, p.32)

A trajetória de Tom Grito, homem trans, representante do Slam das Minas -RJ, é um testemunho do poder da poesia e da escrita. Seu poema "*Aldeia Cuirlombola de Escrevivências*" é uma homenagem tocante a Conceição Evaristo. uma das vozes mais proeminentes da literatura negra brasileira.

Eles tiveram a oportunidade de declamar o poema para Conceição Evaristo na Casa da Utopia, durante a Flip de 2023, num momento significativo de celebração e gratidão. Essa homenagem ressalta a importância de celebrar e preservar o legado, a história e a trajetória de figuras como Conceição Evaristo, cujo trabalho e contribuições têm impacto duradouro na literatura e na sociedade como um todo. É uma lembrança da importância de reconhecer e valorizar as vozes marginalizadas e suas lutas por representação e justiça.

Figura 53 - Poeta Tom Grito



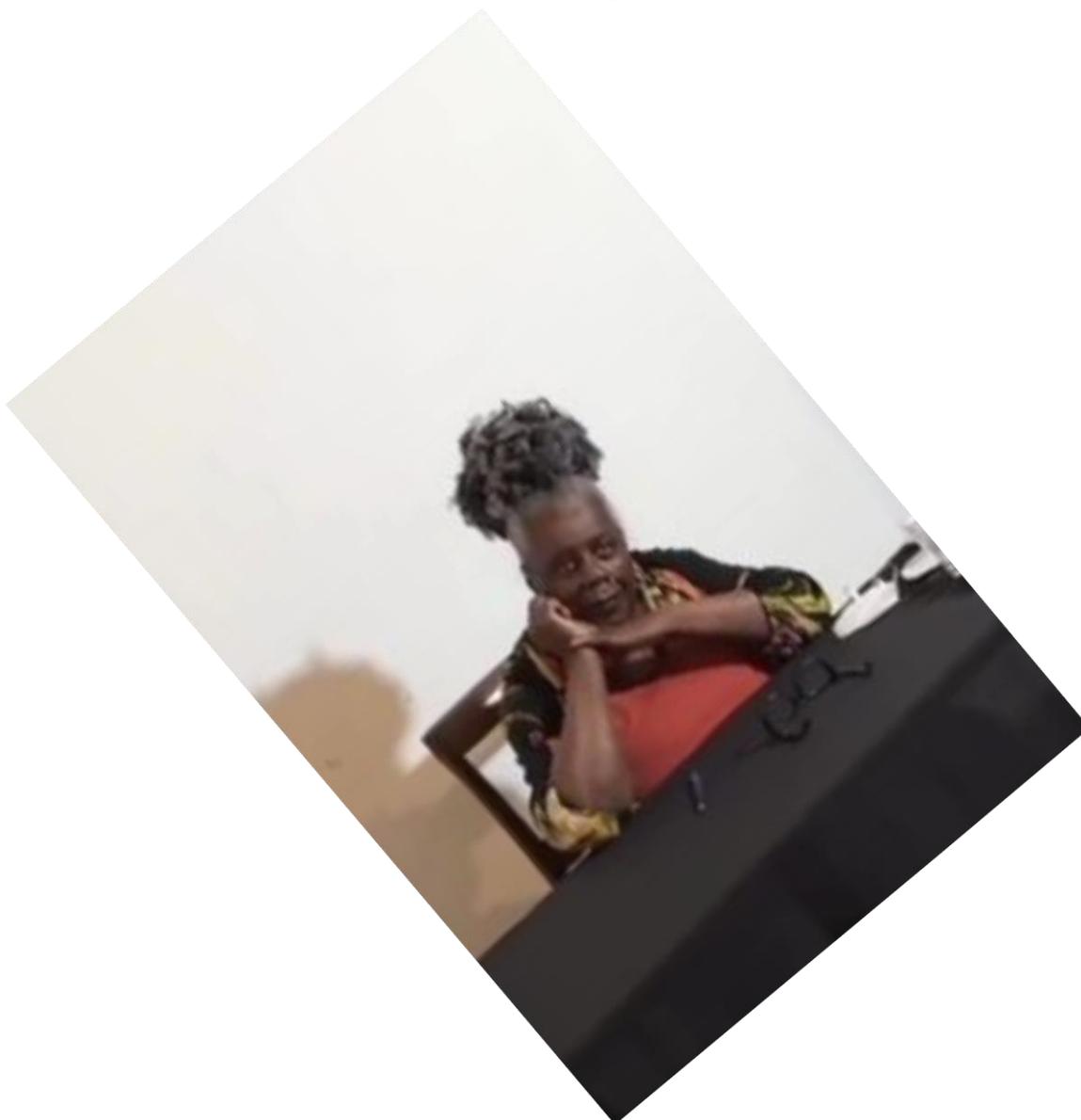
Fonte: Fotos extraídas do vídeo da página <https://www.instagram.com/tomgritopoeta/>

Figura 54 - Poeta Gênesis



Fonte: Fotos extraídas do vídeo da página <https://www.instagram.com/tomgritopoeta/>

Figura 55 - Conceição Evaristo



Fonte: Fotos extraídas do vídeo da página <https://www.instagram.com/tomgritopoeta/>

Aldeia Cuírlombola de Escrevivências

(Poema: Tom Grito)

*Vimos por meio deste manifesto
 contar quem somos e dizer que antes de não poder ser – coisa
 imposta pelo julgamento de pessoas –
 já éramos.*

*Vimos de antes das regras, das gramáticas, existimos antes de sua
 colonização.*

*Pois somos nação antes da chegada da que hora se intitula e aqui
 hoje nos denominamos: Aldeia Cuírlombola de Escrevivências.*

Somos Aldeia

*Porque filhas dos povos nativos desta terra aqui já estávamos antes
 de tua escrita chegar.*

*Antes da primeira carta de tua língua julgar nossas belezas,
 já fazíamos literatura.*

Somos Cuír

*Porque nossos corpxs estranhos não seguem teus padrões estéticos.
 E antes de imporem tuas famílias, tuas medidas, teus cidadãos de
 bem, tua moral e tua ordem,
 aqui já estávamos.*

*Pois somos a poeira das estrelas e brilhamos bem antes de tentarem
 nos reduzir a pó.*

*Não cabemos na estética binária de tua língua normativa.
 Somos cada corpx possível, somos plural.*

Somos quilombo

*Quilombo urbano das resistências literárias, das oralidades griot, das
 histórias de Yabás e Orixás, da roda ancestral.*

*Pois antes do papel
 somos fogo e palavra
 Antes da escrita
 somos dança e risada
 Antes do medo
 somos batuque e trovão
 Somos o desconhecido
 o pretuguês
 o valor, antes do capital
 Somos Escrevivência
 pois nossas escritas
 falam de vidas
 de sonhos ressignificados
 de povos que recuperaram a estima,
 o afeto,
 e o reflexo de nossas belezas
 ao olhar pra margem
 - e jogamos fora teus espelhos
 Nossas cadeiras não são numeradas
 pois não precisamos ordenar pessoas.
 Sentamos todos no solo,
 ao redor de nossos olhares,
 pois somos um e nos reconhecemos
 e nos reconhecemos pela arte de nossas escrevivências,
 pelo valor de nossos encontros,*

*pela dor de nossos afetos,
pela cura de nossa sabedoria ancestral.
Somos o notório saber, a cultura, a arte, a literatura, o slam, a rima, o
rap, a música, a roda, o griot.*

*As mais velhas, as mais novas, es estranhes, aquelas que não
cabem, as julgadas, as presentes, as invisíveis, as que sempre serão
lembradas, as que estavam aqui antes de vocês:
As verdadeiras imortais.*

*Desta forma, por meio deste manifesto estabelecemos que aqui já
estávamos e aqui permaneceremos e em círculo nos unimos com
todas as brasileiras de tua Aldeia Cuírlombola de Escrevivências e te
convidamos a se reconhecer como nós e a agradecer as que vieram
antes de nós.*

*Em uma especial saudação àquela que nos fez perceber tudo isso: -
Gratidão, Conceição Evaristo!
Somos as que aqui estavam antes da tua colonização.
Somos, da literatura, a revolução!²⁷*

Figura 56 - Abraços entre poetas e escritora



Fonte: Fotos extraídas do vídeo da página <https://www.instagram.com/tomgritopoeta/>

A escrita e a oralidade poética permitem explorar e ampliar a voz, compartilhar histórias e perspectivas e desafiar as normas outrora repressoras. Assim, a poesia periférica se torna uma ferramenta poderosa para a emancipação e a afirmação da identidade e experiência, permitindo reivindicar o espaço negado na história e na sociedade. Conceição Evaristo discorreu bem sobre isso em sua entrevista no artigo para o livro *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*:

(...) E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertencem também. Pertencem, pois, nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa grande soube escravizar para deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa grande, a nossa escrita não. Por isso afirmo, *A Nossa Escrevivência* não é para adormecer os da Casa-Grande, sim acordá-los de seus sonos Injustos. (EVARISTO, Conceição; 2020, p. 30)

Enfim, as poesias de Slam e o conceito de escrevivência compartilham um compromisso intrínseco com a narrativa pessoal, o empoderamento, a quebra de estereótipos e a conscientização. Ambos são meios poderosos para amplificar as vozes e as experiências de minorias sociais, além de catalisar a transformação social por meio da expressão artística e literária.

A Poeta Bruna Motta²⁸, que foi organizadora do Slam Subterrâneo, na cidade de Marília, interior de São Paulo, e hoje é poeta no Slam. “Na Casa”, também em Marília, e no Slam Subversão, na cidade de Ourinhos. Ela resume o seu processo de descoberta da escrevivência junto ao movimento dos Slams nesse texto publicado nas suas redes sociais:

A literatura oral me salvou da solidão da escrita.
Tenho a impressão que aprendi a escrever bem antes de aprender a falar. A lembrança que tenho de mim mesmo na infância é rodeada de cadernos e livros.
Aprender a falar foi um processo mais difícil, nada linear e contornado de silêncios ensurdecedores.
Sinto que só aprendi mesmo a falar quando encontrei o Slam.

²⁸ Bruna Motta é cientista social formada pela UNESP de Marília, professora, escritora e produtora cultural, autora do livro *Várias Faces da Mesma Solidão*, co-produtora do projeto *Escurecendo a Questão* e do Festival *Transbordar*

O Slam me ensinou a olhar pra mim e ver uma poeta. E quando me vi poeta entendi que não podia mais calar.

O engraçado é que lá eu aprendi a falar não porque como muitos dizem, o Slam é um espaço de fala. Lá eu aprendi a falar porque o Slam é um espaço de escuta.

Espaço de construção coletiva de narrativas. Um olhar, uma criança chorando, um grito de apoio, um texto esquecido, um verso de improviso. Tudo compõem a poesia.

No Slam eu aprendi a falar, aprendi a escutar, aprendi a aceitar as inconstâncias da vida.

Território vivo da escrevivência. (Poeta Bruna Motta, 2023, n.p.)

**Figura 57 - Slam: Território vivo da escrevivência
Bruna Motta**



Fonte: Instagram @mottabrunapoesia.

Conceição Evaristo expressou o desejo se envolver com a obra de escritoras e escritores contemporâneos, confirmando a importância da produção literária atual. A intenção de iniciar uma maior aproximação com a literatura contemporânea talvez sugira um desejo de se engajar com temas sociais urgentes e de expandir horizontes literários, uma jornada que certamente trará novas reflexões e insights valiosos. Uma nova expressão de escrita que atraiu a atenção da autora, foram as poesias periféricas declamadas nos Slams. Ela deixou seu testemunho:

Um projeto que eu pensei pra este ano, mas não pude iniciar ainda, foi começar a ler uma geração de escritoras e escritores que estão produzindo avidamente. Li poucos, pouquíssimos, e os que li, estou limitada a uma obra de cada autora e cada autor{...} Gosto muito também das meninas do Slam. Eu acho que elas também transformam o dia a dia. Tem um grupo de Belo Horizonte que fala poema muito próximo de uma criação minha, as Pretas Poetas. E mesmo que o jogo delas se pautem no aqui e o agora, pode-se pensar em uma Escrivência, já que o nosso discurso literário traz uma memória antiga, recente e também se inspira no cotidiano, “do aqui e agora” no cotidiano (EVARISTO, Conceição; 2020, p.44)

ALÉM DAS FRONTEIRAS: A ARTE PERIFÉRICA COMO AGENTE DE REPRESENTAÇÃO E EMPODERAMENTO

A escrita e a voz poética são uma potência, uma força criativa que os artistas periféricos se apropriaram como um ato de rebeldia, desafiando a elite dominante que por séculos vem negando essa possibilidade à população periférica – leia-se preta e pobre – como forma de dominação e preservação de seus privilégios. Hoje a escrita poética periférica é um ato de resistência, que junto a riqueza da oralidade forjada por símbolos, variações linguísticas ou dialetos próprios, rompe barreiras e avança sem limitações, se fazendo ouvir, uma conquista da liberdade de interpretar, expressar e criar sem precedentes.

Determinar de forma definitiva os propósitos de qualquer manifestação artística é uma tarefa desafiadora, uma vez que um dos princípios fundamentais da criação artística reside na liberdade de experimentação. No entanto, é inegável que a arte frequentemente assume o papel de um espaço de reflexão e diálogo sobre questões sociais e políticas, refletindo as experiências e perspectivas dos artistas.

Do ponto de vista simbólico, o conteúdo da produção artística periférica posiciona o movimento no centro dos conflitos culturais que

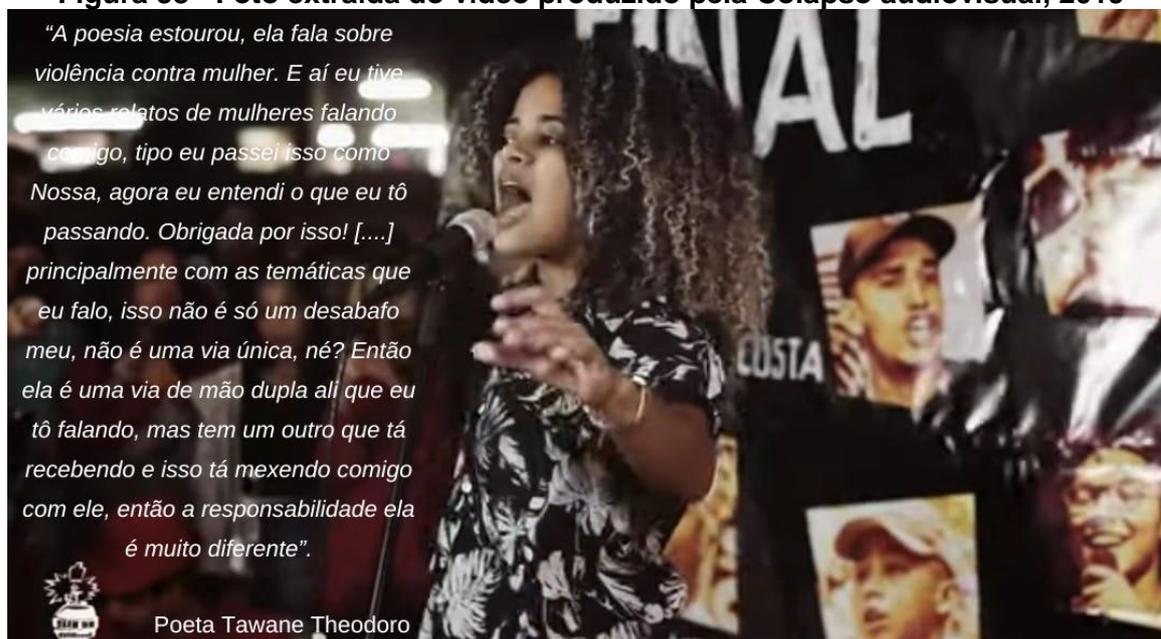
tomam conta do país. O debate sobre questões raciais, relações de gênero, diversidade sexual, direitos humanos, a crítica à violência policial, as formas alternativas de pensar a vida para além de qualquer padronização religiosa ou eurocêntrica. Tudo isso são conteúdos fundamentais de produção cultural e das bandeiras de luta dos movimentos periféricos. E exatamente esses temas estão na ordem do dia da ofensiva conservadora. Ou seja, o movimento de periferia está no centro da “guerra cultural” que se estabelece no Brasil atualmente. (D'ANDREA, Tiarajú; 2021, p. 58)

A poesia periférica ocupa este lugar de catalizador das pautas sociais, das lutas e as aspirações de quem frequentemente enfrenta os desafios da injustiça social e do não reconhecimento de ser passível de direitos, os poetas expressam, de maneira autêntica, muitas vozes em sua própria voz. Por meio da escrita e da declamação, essas vozes ganham eco, podem ser ouvidas, as experiências e as dores podem ser compartilhadas, e as narrativas podem ser redefinidas a partir da perspectiva daqueles que as vivenciam. Ela se torna uma voz de resistência ao enfrentar questões sociais e políticas, muitas vezes ignoradas ou negligenciadas pela sociedade em geral. A literatura poética das periferias empodera e reconhece as histórias das pessoas e grupos identitários que têm sido tradicionalmente silenciados, desafiam o “status quo”, combatem preconceitos e abrem novos campos na literatura e na cultura com suas narrativas.

O Poeta Kenyt reconhece a força e o peso das palavras na poesia periférica, e alerta para a responsabilidade do poeta:

(...) eu tenho responsabilidade com as palavras pra além dos Slam, tá ligado? A palavra tem o poder de abençoar e te enganar, mano. {...} você não pode ir lá, pegar seus 3 minutos para falar e passar lá as informações falsas, tá ligado? Falar várias bagulho que não condiz com a verdade... eu atacar diretamente... eu entendo desse bagulho.....palavras são feitas para edificar mano, pra melhorara vida das pessoas tá ligado? Eu tenho Total responsabilidade com aquilo que eu digo... para além do que eu falo, mano, o que eu faço! Pra além de falar, você tem que tá vendo as suas atitudes.... só fala palavras, palavras vazias também mano. Tem várias mensagens que eu gostaria de passar, mas eu sempre penso mano, mas você está fazendo. Mano? Eu acho que todo mundo precisa ter responsabilidade, não dentro do Slam só, mas todo mundo que usa da palavra mano, ter responsabilidade. Eu acho que é isso, eu acho que quem tá nesse meio é porque compreende isso e se não houver a responsabilidade em algum momento você vai pagar pela falta da responsabilidade, entendeu? Isso aí é certo! (Poeta Humberto Marques – Kenyt, maio de 2023)

LUGAR DE FALA, ESPAÇO DE CURA

Figura 58 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso audiovisual, 2019

Fonte: Acervo pessoal.

Uma das características marcantes da poesia periférica é sua capacidade de expressar a complexidade das experiências humanas em contextos muitas vezes desafiadores. Ela representa uma forma poderosa de expressão artística que brota das quebradas e onde encontram amplificação e empoderamento. Essa narrativa autêntica desafia as narrativas predominantes e os estereótipos de carência e fragilidade das periferias, permitindo que as vozes historicamente silenciadas e marginalizadas sejam ouvidas, respeitadas e reconhecidas.

Para além de uma forma de expressão crítica do modelo de sociedade e denúncia das injustiças, ela oferece um espaço de alívio para processar e compartilhar experiências – vivenciadas ou observadas – de opressão, sofrimento e resistência, despertando formas de lidar com as angústias e reavivando sentimentos de comunidade, solidariedade.

(...) a poesia descansa militante, pô, tipo, na hora que eu fui escrever, ela foi um processo muito osso, tipo assim, eu tava escrevendo aquilo porque era quase para mim sabe tipo assim, mano, eu tenho eu vou escrever uma poesia assim, porque eu tô surtando, eu tô achando que eu ia ter quebrado só o mundo, e não é bem assim, mano, calma e aí eu escrevo essa poesia e eu vejo também como a gente enquanto artista precisa disso também assim sabe tipo a repercussão dessa poesia foi muito em torno disso assim, tipo o quanto eu preciso

descansar, mas o quanto também as outras pessoas precisam disso.
(Poeta Tawane Theodoro, abril de 2023)

A poesia se torna uma mediação ao dar voz aos silenciados e ao permitir que suas histórias, dores e aspirações sejam compartilhadas com um público mais amplo. Ricardo de Holanda Leão, em sua tese de doutorado, intitulada *Estética Marxista e Mediação através da Arte*, aponta que:

Ao falar da arte como mediação, aludimos a necessidade de utilizá-la na transformação dessas realidades, não como uma visão messiânica, obviamente, mas como expressão da realidade vivida, gerando criticidade e apontando para mudanças reais. Fica claro, nesse sentido que “é pela experiência que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos. (LEÃO, R. *Holanda*, 2022, p. 153)

O relato de Ricardo, prosseguindo na construção de sua tese, nos dá oportunidade de apresentar a experiência de alguém fora da linguagem poética da periferia, mas que por seu contexto familiar e história de vida na quebrada oferece a oportunidade de reconhecer a arte atuando no seu papel de mediação. No serviço socioassistencial em que atuava como oficinairo, teve contato com histórias de vida dos jovens similares ao que ele enfrentou em seu desenvolvimento, despertando percepções críticas no cotidiano de trabalho, usando-as como matéria prima para debater com os jovens a realidade social, por meio da arte, trabalhando a construção de um painel para fazer um paralelo entre o período da escravidão e a vida do trabalhador periférico.

Neste processo, ele trabalhou a percepção e conscientização dos jovens, a partir da reflexão de sua própria história de vida, num processo de interiorização e externalização, algo comum entre poetas periféricos que alimentam suas narrativas poéticas a partir de seus contextos, pare depois compartilhá-las externamente.

O trabalho que reflita as experiências cotidianas por meio da arte, redesenha o modo de compreender a realidade e criticá-la, ao tempo que debate a coletividade diante desses processos, pensando o contexto e a produção da história, mas atentando à uma materialidade que demanda perspectivas de elevação do cotidiano e da superficialidade acrílica contida nele. O uso da arte, nessa dimensão, traz em si contornos subjetivos de interação e eleição de metodologias que permeiam a cotidianidade primeira do profissional desembocando, portanto, no exercício institucional. (LEÃO, R. *Holanda*; 2022, p. 155)

O poeta Kenyt reforça a perspectiva de Ricardo ao expressar:

Eu acredito muito nisso, um poema que alguém escutá mano, pode fazer aquela pessoa ir buscar outras informações, outros.....tipo....de mudar totalmente a trajetória dela. Tá ligado? Eu acredito nisso! Não acredito que só isso pá também. Ah, só a poesia salva! Ela fala, mas até a página 1, tá ligado? E depois ele tem vários problemas....vários percalços na vida dessa pessoa...mas eu acho que mano, de alguma forma você conseguir despertar pelo menos pra pessoa.... eu nunca parei para ver por esse lado... já é uma vitória, tá ligado? (Poeta Humberto Marques – Kenyt, maio de 2023)

O LUGAR DE FALA, O ESPAÇO DE CURA...E O ESPAÇO BANAL?

Figura 59 - Foto por Kimani



Fonte: Acervo pessoal.

(...) é o destino quem dá as cartas; Eu perdi o pai com 14 anos de vida sem nem entender o que era a morte; Como pode pai? Lugar errado, na hora errada; E pior do que brincar de polícia e ladrão, aquele menino se viu no assalto e matou; O menino morria toda vez que matava; E anestesiado ele já nem sentia mais dor; O menino matou a sua infância, os seus sonhos e meu pai; Pai afasta, afasta, afastam um tanto as periferias o máximo que podem; Excluem, segregam, delimitam; O poder sobe à cabeça, passa pelas mãos e concentra-se no punho; A favela então sangra, os pais de família morre, o resto é só testemunho. (Poeta Kimani)

A narrativa poética ressalta como o destino, muitas vezes arbitrário, molda os acontecimentos, levando a poeta a testemunhar a morte do pai, e o menino que o matou em um assalto sendo carrasco e vítima, em razão de um histórico de violência que o afastou de sua própria inocência e sonhos. A violência, seja ela resultado da marginalização das periferias ou do ciclo de exclusão social, é retratada como um fator que rouba vidas e destrói famílias, deixando apenas a dor e o luto como testemunhas silenciosas da tragédia urbana.

Eu ouço gente querendo ser Deus e clamando vingança; Mas eles não entendem, não me entendem que pra mim, lá atrás daquela arma só tinha uma criança; Tão mais preocupados em me julgar, me condenar do que captar a ideia; Eu não me importo; O seu julgo, o seu verbo é tão falho quanto ao que você faz; E a propósito, não foram vocês mesmos que gritaram solte Barrabás? E quanto ao menino que matou meu pai, eu como filha digo; Perdoa pai, ele não sabe o que faz (Poeta Kimani)

Neste trecho da poesia ela nos provoca a refletir sobre a cegueira da justiça vingativa, destacando a humanidade por trás dos atos violentos. Critica-se a tendência de julgar e condenar sem compreender as complexidades e motivos subjacentes. A filha da vítima desafia esse ciclo de ódio, optando pelo perdão e reconhecendo a ignorância do agressor. Isso aponta para uma visão compassiva e transcendente, que busca romper com a espiral de violência e retaliação.

Como percebemos, a poesia periférica é uma expressão onde vozes silenciadas ganham eco para denunciar injustiças sociais e políticas, e onde também encontram espaço para lidar com suas dores, angústias e solidariedade.

Nesta poesia de Kimani²⁹ nos remete a dor e ao sofrimento das vítimas da violência nas cidades, particularmente nas periferias, mostrando como essas

²⁹ Cinthya Santos, vulgo Kimani, é poeta, compositora, cantora, arte educadora e agitadora cultural – Instagram @Kimani_poeta

experiências individuais são muitas vezes perdidas nas estatísticas frias da burocracia estatal, revelando o desafio enfrentado pelas políticas públicas em alcançar efetivamente as camadas mais profundas da vida cotidiana, onde as experiências reais ocorrem. Isso sugere a necessidade de ir além das estruturas burocráticas e legais, que muitas vezes são distantes e desumanizadas, para realmente compreender e atender às necessidades das pessoas.

Portanto, a ausência ou presença deficiente do Estado perpetua desigualdades, demonstrando um distanciamento intencional das necessidades e ofusca a existência dos territórios periféricos. Dirce Koga, em texto escrito para a Revista das Políticas Públicas, apresenta a seguinte reflexão:

O desafio posto à política pública a todo tempo, e em especial, no contexto de uma crise pandêmica-social é conseguir chegar a esta escala do banal³⁰, onde a vida de fato acontece, um caminho que se faz para além dos dispositivos burocráticos e legais, de cadastros, documentos e relatórios, que compõem a rotina de atendimento às demandas das cidadãs e dos cidadãos de uma cidade. Os testemunhos da dor e do sofrimento que perpassam as vidas vitimizadas pela violência nas cidades brasileiras encontram-se subsumidas nas estatísticas de homicídios, feminicídios, suicídios. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce; 2022, p. 647)

A POESIA NA VEZ E NA VOZ

Jéssica Campos Cardoso, 24 anos, nascida e criada no bairro do Capão Redondo, território onde, segundo sua fala segue fazendo sua vida no sentido cultural educacional.

Jéssica é filha única, tem um irmão por parte de pai, mas com quem não mantém convívio. Apesar de alegar uma ótima relação com a família, Jéssica já não mora com o apis há três anos, pois, segundo ela, foi por opção e facilidade de acesso ao seu trabalho e ao transporte. Ela reside no bairro Valo Velho, perto da estrada de Itapecerica e do metrô Capão Redondo, os pais morando no bairro Jangadeiro, localizado não muito distante, como ela mesmo caracteriza, “tudo pertence ao Capão”.

³⁰ A ideia de espaço banal, mais do que nunca, deve ser levantada em oposição à noção que atualmente ganha terreno nas disciplinas territoriais: a noção de rede. As redes constituem uma noção nova que, de alguma maneira, justifica a expressão da verticalidade. Mas, além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns (SANTOS, 1996, p.16)

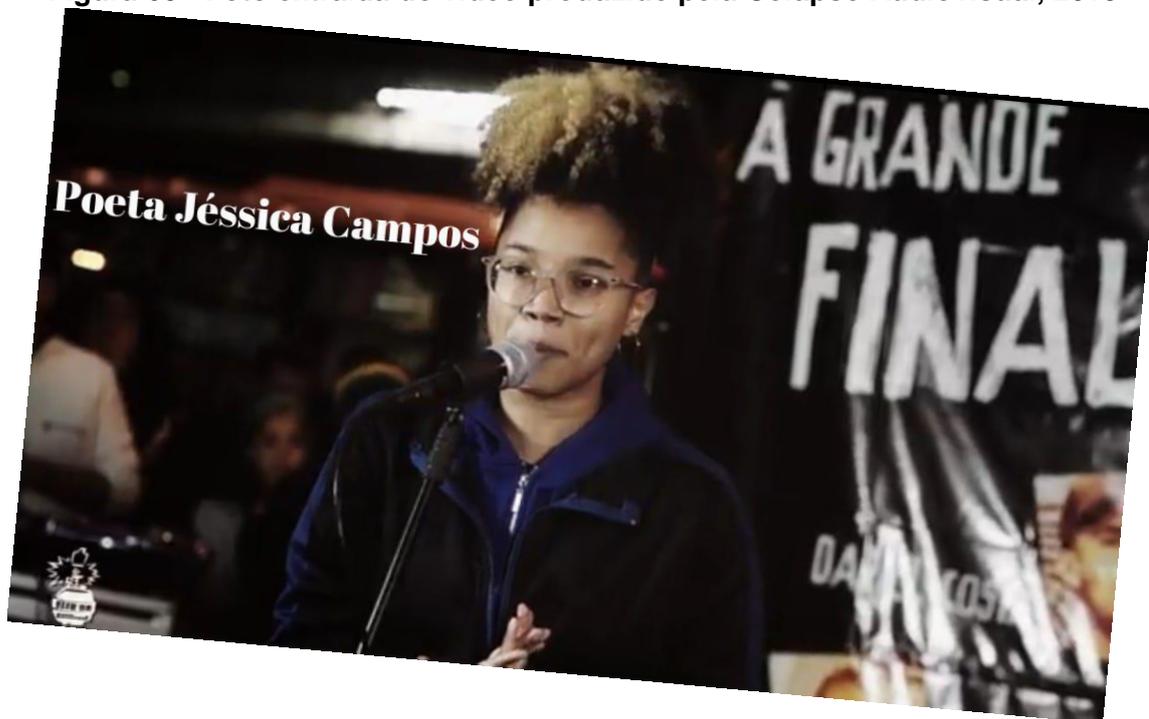
Jéssica demonstrou manter um vínculo muito forte com a região e suas raízes: “é pensando nisso, do tipo tudo que eu faço no meu território tem a ver com a proximidade que eu tenho dele”.

Jéssica trabalha como educadora em uma ONG chamada “Vida Corrida”, que é voltada ao esporte e atividades socioculturais. Ela é formada em Ciências Sociais, matéria que acredita se conectar muito com a sua realidade, pensando em educação popular pensando em educação e pensando na sua visão sobre a cultura na quebrada.

É, acho que minha formação veio como ferramenta de auxílio pra trabalhar numa realidade que eu já entendo que eu já pratico há muito tempo, né? Mas veio para consolidar, né? É que é tipo um poeta que ainda não tem um livro não que ele não faça um trabalho foda. Ele faz um trabalho foda. Ele já tem um trampo, e ele é brabo independente do livro, mas o livro é uma materialização daquilo. Eu sinto que a faculdade é a materialização, é do tipo quando vem um playboy e vai falar assim: Não, você não sabe o que tá dizendo.... E não é esse canudo que vai dizer o que eu tô dizendo ou não, se eu sei ou não, mas eu acho que às vezes é importante ter uma carteira para bater, né? Dar uma carteirada. (Poeta Jéssica Campos – maio de 2023)

Jéssica é uma das organizadoras do Sarau do Capão, que acontece dentro da Fábrica de Cultura do Capão Redondo, e do Slam do 13, coletivo que se reúne no terminal de ônibus do largo 13 de maio, Santo Amaro, nas noites de segunda-feira para as batalhas de poesias.

NÓIS POR NÓIS

Figura 60 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019

Fonte: Acervo pessoal.

A juventude periférica, que até então não se sentia representada pelos mecanismos tradicionais do “fazer político”, identificam na arte um canal de voz e de manifestação crítica ao sistema. Os Slams surgem nessa esteira como uma nova versão dos movimentos sociais que outrora estiveram à frente de várias conquistas nas periferias, atraindo o público jovem que se apropria da narrativa poética para denunciar as injustiças vivenciadas e observadas nos territórios. É um movimento politizado de jovens que, por meio da arte despertam consciência e promovem mudanças na cena cultural, política e social.

(...) enquanto sujeitos ativos, os adolescentes (e jovens)* se mostram capazes de ultrapassar um modelo social que os exclui, idealiza e controla, e de se apresentarem como autores de si próprios, construindo novas formas de ser, ao criar possibilidades existenciais, sociais e políticas inovadoras (MAGRO, 2002; OZELLA, 2003; LOPES DE OLIVEIRA, 2006, n.p.).

Conforme descreve Tiarajú Pablo D'andrea:

Na falta de um referencial oriundo de partidos políticos e de movimentos sociais, a juventude passa a se agrupar ao redor de núcleos centrados na produção artística como forma de sociabilidade. Nessa dinâmica histórica, o movimento cultural foi um dos que melhor catalisaram as impossibilidades da política, passando a fazer política por meio de atividades culturais e artísticas, consolidando periferia como um modo compartilhado de estar no mundo, um posicionamento político e um discurso ressemantizador sobre o que venha a ser periferia. (D'ANDREA, Tiarajú; 2022, p. 81)

Indo nessa mesma linha diagnóstica, a Profa. Marília Pontes Sposito reforça essa tese:

Ao lado de um certo refluxo das mobilizações de base popular que ocorreram e ainda são observadas nos bairros periféricos das cidades brasileiras como São Paulo, percebe-se que esta forma de constituição de ação coletiva tem pouco sensibilizado os setores jovens. Verifica-se também que outros canais da prática, como os partidos e sindicatos, ressentem-se de uma renovação geracional efetiva, em que o jovem poderia aparecer como elemento revitalizador do conflito e, desse modo, possibilitando a própria continuidade da ação coletiva. (SPOSITO, M. Pontes, 1993, p. 162).

No entanto é interessante perceber que há trinta anos já era perceptível esse distanciamento da juventude em relação às formas tradicionais/institucionais de representa representação sociopolítica.

A partir de meados de 1990, testemunhamos um aumento notável no número de grupos que emergiram e começaram a impulsionar iniciativas culturais e artísticas nas regiões periféricas. Estes incluíam encontros literários, projeções de filmes independentes, manifestações da cultura hip-hop, comunidades dedicadas ao samba, trupes teatrais, competições de poesia falada (Slams), produção literária periférica, e uma variedade de outras expressões culturais e artísticas. No caso da poesia, que ganhou uma outra conotação quando identificada com a realidade das periferias, deixou de lado o simbolismo e passou a ser a “palavra de papo reto, sem fazer curva”.

A partir de uma forte identificação com o movimento hip hop – há até quem defenda ser uma vertente - passa a ser uma voz, que se junta a outras ações na transformação dos territórios periféricos, alterando a percepção e o significado dessas áreas. Por meio das narrativas poéticas, denuncia as injustiças e desigualdades enfrentadas, a falta de políticas públicas, a negligência das autoridades, entre outras

questões. No entanto, também ressalta as potências, expressa a identidade, a cultura e a história por meio do compartilhamento de experiências pessoais e coletivas, revitaliza espaços públicos e criar ambientes mais vibrantes e inclusivos.

Ao criar poesias que desafiam narrativas dominantes e contestam as estruturas de poder, os artistas ajudam a fortalecer a conscientização pública, conexões entre a população da comunidade, sensação de pertencimento, resistência e empoderamento, oferecendo um meio de compartilhar experiências comuns a fim de reivindicar mudanças positivas.

Essas atividades artísticas são fontes de inspiração para a produção e expressão da riqueza cultural e social das periferias. Muitas vezes, as expressões artísticas, a música, a dança, a literatura, a poesia, entre outras formas de criatividade se tornam veículos para transmitir a história, a identidade e os desafios das periferias. Elas também desafiam estereótipos negativos e destacam as contribuições positivas dessas comunidades.

Figura 61 – Várias figuras de Slams



Foto: Acervo pessoal.

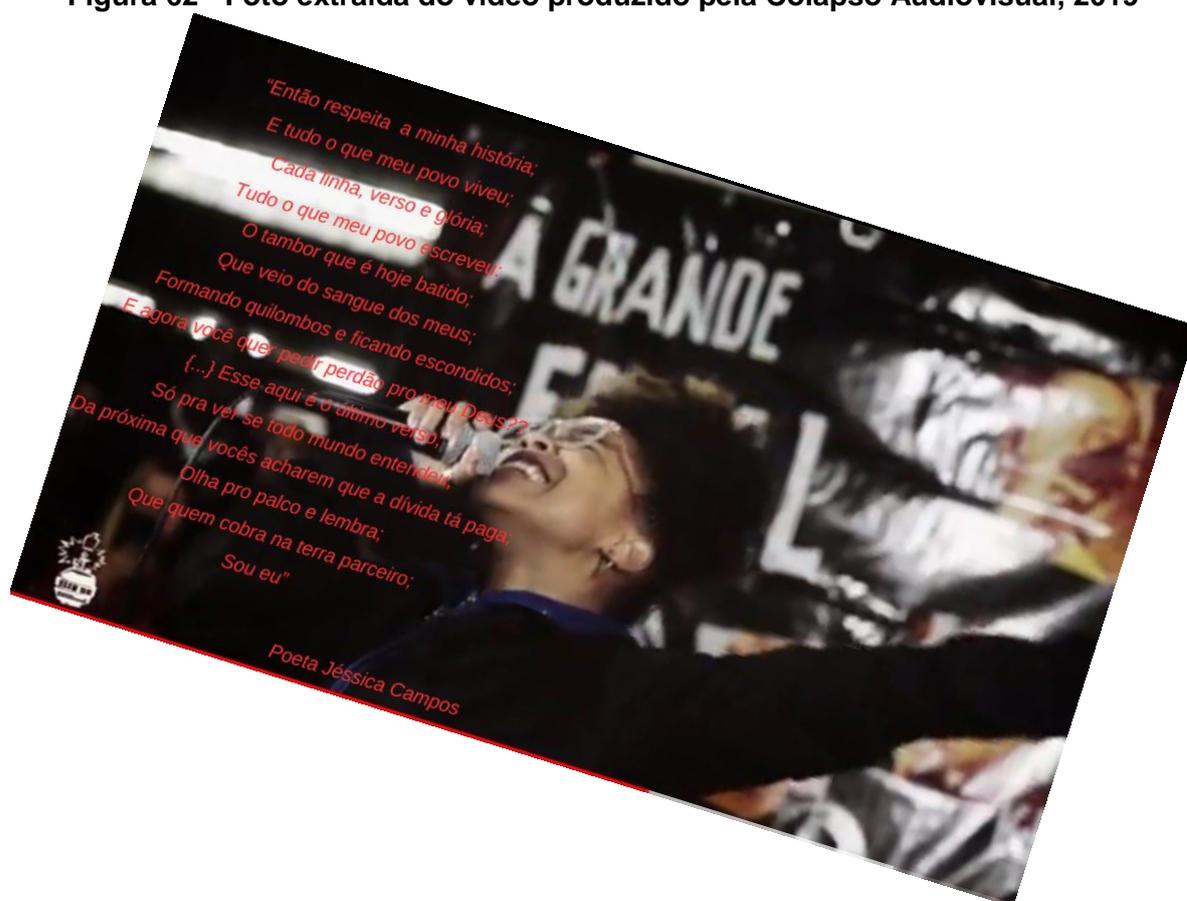
A Prof^a Ana Lucia Silva Souza apresenta uma valiosa contribuição sobre a importância dos coletivos de cultura para a fortalecimento da identidade do sujeito periférico:

Os coletivos de cultura se configuram como um dos principais instrumentos de articulação das periferias, onde organizam narrativas sobre a história, a realidade e novas expectativas de vida. Por meio da música, da poesia, literatura, dança, artes visuais, comunicação, teatro, etc, esses grupos elaboram um olhar sobre a conjuntura baseado em suas experiências cotidianas, se posicionam politicamente e têm uma influência expressiva entre aqueles que vivem em seus contextos de atuação. A intervenção territorial baseada na realidade enfrentada no dia a dia, se colocam como autores de si próprios, faz com que esses grupos construam uma contra narrativa frente a tentativa de avanço do conservadorismo. Nestes contextos as expressões culturais não aparecem dissociadas das agendas emergentes locais, como a violência, direito à moradia, à cidade, à educação, à saúde, aos bens culturais, etc. Por isso, entendemos que os coletivos culturais das periferias concentram atores estratégicos para qualificar o debate e disputa política. (SOUZA, A. L. Silva 2021, p. 12)

LITERATURA DE COMBATE

O fato de a produção cultural periférica ultrapassar o campo estético da arte, se colocando como voz corrente da realidade das periferias e de insatisfação contra a ordem e a estética estabelecida, cria um novo modelo de linguagem e de comunicação com a população, mais objetiva, que dialoga diretamente com os sujeitos, enfim, inovando o diálogo num campo onde o povo alimenta sempre uma certa desconfiança. Esses fatores são extremamente positivos para que a sua conscientização e a identificação contribuam numa mudança de práticas e condutas. Com a necessidade de se contrapor ao modelo hegemônico de cultura, a arte periférica, os Slams fortalecem a identidade e consciência da juventude periférica, a voz que passou a ecoar nesses espaços públicos onde as batalhas de poesia acontecem, não se fazem apenas estética e metaforicamente, mas sim desobstruindo mentes e criando práticas e posturas emancipatórias.

Figura 62 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Ágoras periféricas que constroem sentidos políticos, que podem ser muito bem associadas à literatura de combate na acepção fanoniana:

É a literatura de combate propriamente dita no sentido de que convoca todo o povo à luta pela existência nacional. Literatura de combate porque informa a consciência nacional, dá-lhe formas, contornos e abre-lhe novas e ilimitadas perspectivas. Literatura de combate porque assume um encargo, porque é vontade temporalizada [...] O vigor novo nesse setor da vida cultural passa muitas vezes despercebido. Entretanto, sua contribuição para a luta nacional é essencial. Animando rostos e corpos, tomando como tema de criação fixado num mesmo pedestal, o artista convida ao movimento organizado. (FANON, Frantz; 2022, p. 200;202)

A prática dos Slams foi incorporada na dinâmica da juventude nas periferias como um território amplo, que reflete a inclusão e o respeito à diversidade, a promoção do diálogo e da persuasão, sem recorrer ao confronto violento ou à dominação de indivíduos ou grupos. É um movimento que oferecem a possibilidade para a juventude, especialmente aquela que pertence aos grupos invisibilizados, expressar suas

opiniões e perspectivas sobre questões sociais e políticas que os afetam diretamente. Os Slams funcionam como comunidades solidárias, onde os jovens se conectam uns com os outros e compartilham suas preocupações e valores. Isso cria uma sensação de pertencimento, fortalecendo o movimento político.

É essencial procurarmos entender as dinâmicas que influenciam e moldam o comportamento juvenil e reconhecermos essa categoria humana, que passa por uma fase peculiar em seu processo de formação, como verdadeiros aliados e ocupantes dos espaços e da vida futura. Para isso, se não formos capazes de rever hábitos, usos e comportamentos enraizados, estaremos sempre em um conflito interno entre nos prendermos na segurança ou nos jogarmos no novo, no desconhecido. Isso trava! Como bem descrevem Araújo e Lopes de Oliveira (2010, n.p.):

Dentre os muitos estereótipos relacionados ao adolescente e jovem em nossa sociedade, predominam aqueles que são negativos. Tais características negativas frequentemente atribuídas à adolescência contribuem para que os adolescentes sejam mantidos em posição marginal na nossa sociedade. Em outras palavras, as representações sociais sobre um fenômeno (no caso, a adolescência) não são neutras; são espelhos de ideologias dominantes e são veículos de controle social. É importante que tenhamos clareza disso!

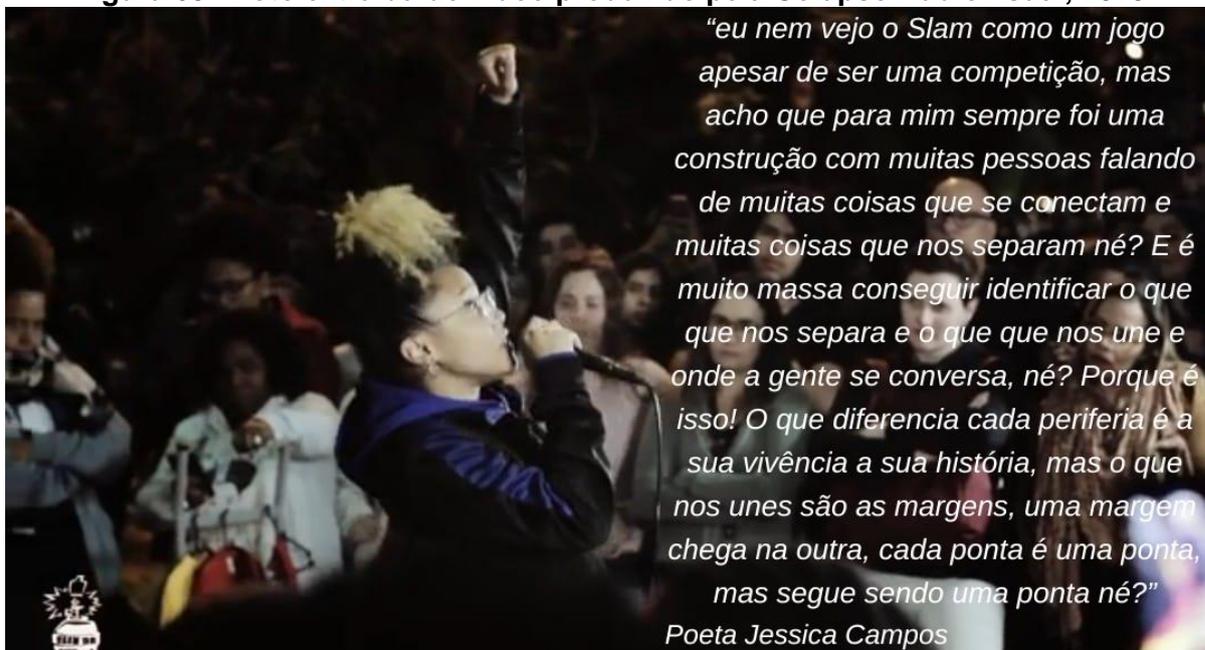
A sociedade muitas vezes retrata os adolescentes e jovens por meio de estereótipos negativos, o que os mantém à margem. Essas representações não são neutras; refletem ideologias dominantes e servem como instrumentos de controle social. Isso é crucial para entender como os jovens são percebidos e tratados em nossa cultura.

Diante de uma suposta ameaça representada pela força, criatividade e contestação de adolescentes e jovens, a resposta social, muitas vezes, tem sido a de promover sua marginalização. E, junto com ela, marginalizam-se todas as formas de produção cultural juvenil, a exemplo da arte de rua, da música e dos ritmos produzidos e apropriados por eles.

Essa resposta social que tende a marginalizar os adolescentes e jovens, juntamente com suas expressões culturais, como a arte de rua e a música, reflete um padrão preocupante de rejeição à criatividade e à contestação juvenil. Isso não apenas limita o potencial desses jovens, mas também empobrece a diversidade

cultural e a riqueza de perspectivas. O preconceito linguístico refere-se a atitudes negativas.

Figura 63 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Uma particularidade dos Slams no Brasil, é a prática de ocupação de praças, ruas e demais espaços públicos. Emerson Alcalde, ator, arte educador, escritor, poeta e slammaster, morador da zona leste da capital paulista, criador do Slam da Guilhermina em 2012³¹, foi o primeiro a promover este tipo de ocupação artística, servindo de inspiração para centenas de outros que surgiram posteriormente, e que ainda hoje brotam nas periferias do país. Ao transformar esses espaços em locais de expressão política, os poetas estão desafiando as normas e reivindicando o direito de ocupar e transformar ambientes de maneira significativa.

As performances poéticas nos Slams têm o poder de provocar reflexões profundas na audiência. A intensidade e a autenticidade das palavras podem levar as pessoas a repensarem suas próprias visões e atitudes, estimulando um desejo de mudança pessoal e social. Os poetas frequentemente abordam tópicos como racismo, sexismo, desigualdade, identidade, discriminação e opressão, suas narrativas

³¹ Coletivo que nasceu e ocupa uma pequena praça anexa à passarela do metrô Guilhermina/Esperança

poéticas geralmente são direcionadas para desconstruir e criticar as estruturas de poder que perpetuam injustiça.

Apesar de ter se caracterizado neste espaço de manifestação política e de crítica social, há um debate interno sobre o movimento ser refratário a outros temas de poesias que não as pautas sociais, identitárias e políticas, não abrindo espaço para exploração de outros campos da vida, como diz a poeta Jéssica Campos:

Mano, eu acho que isso não pode resumir a gente tá ligado? Eu acho que a gente é muito assim, porque a gente aprendeu dessa forma, os Slam aonde a gente ia não tinha ninguém falando de amor, então a gente não entendeu que ali era um espaço para falar de amor, inclusive a gente tem muito pouco espaço na quebrada para falar de amor. A gente tem muito pouco tempo para viver o amor, e eu não falo só de um amor de companheiro e companheira sabe? Eu falo de um amor diferente, eu falo de um amor afetuoso entre mãe e filha, eu falo de um amor afetuoso entre vizinho e vizinha, tá ligado? Então eu falo de outra coisa, eu acho que o Slam, o Slam de rua é a voz do queto, é a voz da quebrada, mas a quebrada não pode só se resumir a dor, a luta porque cansa mano. Mano quando eu envelhecer é isso, as pessoas antigas, quando você cola num sarau, as pessoas não estão falando só disso, então fazendo poesia também, e isso para mim é isso, e no sarau, por exemplo, cooperifa, as pessoas não estão falando só de dor. Isso me deixa muito feliz! Inclusive a galera que vai lá fala muito menos sobre a dor, a gente que é jovem que chega lá, fala muito sobre dor a galera mais velha fala “Mano de tanta coisa, eu tô aqui pra falar do vento, tô aqui pra falar da educação, eu tô aqui para falar tipo da minha filha que saiu de casa pra fazer faculdade, eu tô aqui pra falar de outras coisas, e é isso a gente cai no ledão enganado de achar que a voz do queto é o grito engasgado, só! Mas A voz do queto também é o beijo, tá ligado? A voz do queto também é um abraço, a voz do queto também é um afeto tá ligado? E eu acho que enquanto a gente não entender que a voz dele também é o afeto a gente vai ficar colocando o dedo na ferida, na ferida dos outros e não vai conseguir dar um abraço, é sério mesmo, é muito louco... assim demorei para entender, viu? (Poeta Jéssica Campos – maio de 2023)

Mas, para poeta Kenyt, que também defende que os Slams se libertem desse estigma e possa ser um espaço mais democrático em termos das temáticas abordadas, existe uma razão para ter se caracterizado como este espaço de voz crítica e política da juventude periférica:

Mano fora do Brasil... ele tem outra característica, ele é muito mais abstrato muito mais imaginária até engraçado e tal, mas eu sempre falo isso...o culpado de tudo isso é o Emerson, o Emerson trouxe para a rua, né, mano? E aí quando você tá na rua mano, quem tá falando é a rua...e a rua que tem para falar mano??? São essas paradas, tá ligado? Assim...eu acho que a gente vai entrar no outro

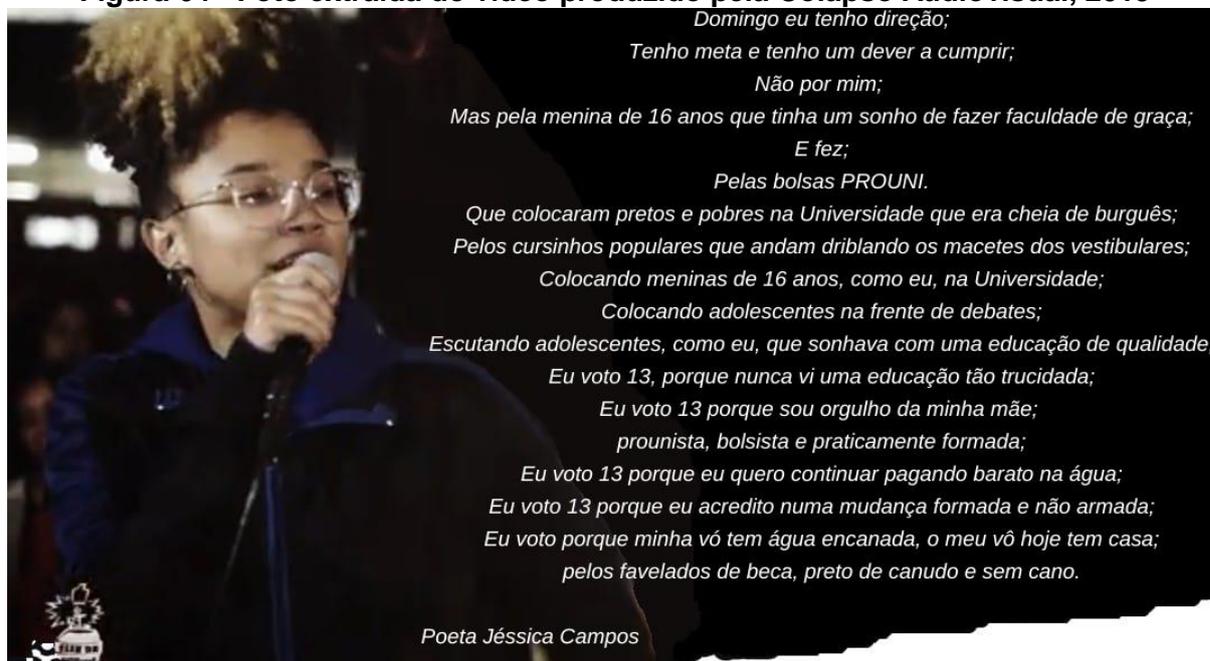
ciclo, mano, eu acho que sem maldade assim pelo meu entendimento, eu acho que o ciclo de ódio, de raiva, eu acho que ele vai começar a ser substituído pelo discurso de empatia, tá ligado? De amor ao próximo, pelo menos eu tenho essa perspectiva. (Poeta Humberto Marques – Kenyt, maio de 2023)

Segundo Marília Pontes Sposito, em uma exposição sobre o tema A Sociabilidade Juvenil e a Rua: Novos Conflitos e Ação e Coletiva na Cidade utilizada no Congresso Internacional de Americanistas, em 1994, em Estocolmo:

As novas formas de sociabilidade que se gestam entre jovens, moradores dos bairros periféricos das grandes cidades, nascem principalmente da socialização no mundo da rua, suas esquinas e pontos de encontro, onde desenvolvem relação de amizade e lazer, enfrentam os mecanismos da violência urbana e vivem na luta pela sobrevivência, o confronto diário com os aparelhos repressivos. Neste espaço buscam construir identidades coletivas e diversas modalidades de sociabilidade. (SPOSITO, M. Pontes; 1993, p. 161)

SLAMS: QUILOMBO POÉTICO DE APRENDIZAGEM

Figura 64 - Foto extraída do vídeo produzido pela Colapso Audiovisual, 2019



Fonte: Frase extraída do vídeo da autora chamado: Domingo eu voto 13.

Os Slams exercem hoje um ambiente de aprendizagem não convencional, onde quem participa, independente da condição, aprende por meio da expressão artística, de maneira autodidata e interativa com a comunidade. Ao escrever e

apresentar a poesia, os artistas são desafiados a refletir criticamente sobre questões políticas e sociais, a expressar suas opiniões de maneira persuasiva, geralmente questionando a ordem estabelecida. subalternas podem levantar questões políticas e sociais, questionar a e influenciar a opinião pública. Os poetas se valem da linguagem artística como uma forma de ativismo. Por meio dela, provocam a imaginação sobre novas possibilidades de modelo de sociedade, rumo a um mundo mais justo e inclusivo. Os Slams se tornam uma sala de aula em céu aberto, exercitando uma educação popular, não formal, que estimula o desenvolvimento do pensamento crítico e o engajamento político, desafiando a ordem social vigente e estimulando o debate sobre o modelo de sociedade desejado. Para Márcia Moreira Pereira, professora da disciplina de Literaturas no curso de Letras do Instituto Singularidades:

(...) os Slams nos ensinam que uma praça pode ser um espaço de aprendizagem; que a literatura não tem um dono, assim como a língua, ela é um direito de todos. A educação é um processo coletivo, democrático e real, que deve deslocar-se do que é imposto no livro didático e na rigidez do espaço formal da sala de aula para todos os espaços possíveis em que, de alguma maneira, todos(as) ensinam e todos(as) aprendem algo. E, principalmente, sem grilhões e amarras! Ressaltando que as escolas são espaços de muita resistência a receber estes jovens e a remodelar seu modelo “educativo” acabam por excluir cada vez mais estes jovens dos espaços de aprendizagem, deixando tão só a eles a responsabilidade de não aprenderem. (PEREIRA, M. Moreira; 2017, n.p.)

Ainda nessa perspectiva das várias possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento de conhecimento, Dirce Koga descreve em artigo como a academia ainda reproduz fortemente este modelo elitista que ainda não reconhece a produção de conhecimento fora de seus muros e se mantém distante dos territórios de vivência, mesmo constatando uma entrada cada vez maior de trabalhadores, pessoas negras e sujeitos periféricos nos programas acadêmicos.

Trata-se de um tensionamento importante, que revela outros discursos produzidos a partir de outros lugares, além de outro território de vivência. Nesse sentido, o tensionamento provoca um deslocamento em relação às imposições de “status quo” induzidas pela presença da matriz senhorial da colônia no meio acadêmico. Um deslocamento em relação ao eurocentrismo que tem marcado sobremaneira as produções do conhecimento nas ciências sociais. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce; 2022, p. 28).

Esta passagem enfatiza a importância de reconhecer e valorizar diferentes perspectivas e locais de produção de conhecimento.

Dirce ainda apresenta a seguinte exposição do sociólogo porto-riquenho, Ramón Grosfoguel:

Eis que se torna importante distinguir 'lugar epistémico' e 'lugar social'. O facto de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir de um lugar epistémico subalterno. Justamente, o êxito do sistema-mundo colonial/moderno reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensar epistemicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes. As perspectivas epistémicas subalternas são uma forma de conhecimento que, vindo de baixo, origina uma perspectiva crítica do conhecimento hegemónico nas relações de poder envolvidas. (ARREGUI, Carola; KOGA, Dirce; 2022, p. 387)

Esta citação destaca a importância de reconhecer a relação entre posição social e produção de conhecimento, ressaltando a necessidade de valorizar as perspectivas epistêmicas até então subalternizadas.

Figura 65 - Poeta Jéssica Campos - Foto de Sérgio Silva



Fonte: Acervo pessoal.

Os Slams ganharam popularidade no Brasil, mas números exatos sobre a quantidade desses coletivos são difíceis de obter. Por se tratar de um movimento espontâneo e autônomo e não necessitar de estruturas complexas, autorização, nem reconhecimento oficial para acontecer, a cena é bastante dinâmica e em constante crescimento, principalmente em cidades grandes e centros urbanos, onde diversos eventos e competições acontecem regularmente. Estima-se aproximadamente 300 Slams espalhados no território nacional. São Paulo é o estado com o maior número de Slams do país com cerca de 70 coletivos.³²

³² Aluizio Marino, Coordenador do LabCidade – FAUUSP

Figura 66 – Mapa – Aluizio Marino, coordenador do LabCidade – FAUUSP



Fonte: Encarte do Livro nos Corres da Poesia – Autobiografia de um Slammer Emerson Alcalde – 2022)

DAS RUAS PARA AS ESCOLAS, DAS ESCOLAS PRAS RUAS

Desde 2015, foi introduzida na cena dos Slams em São Paulo a modalidade do Slam Interescolar, que é uma competição de poesias, sob a mesma regra do Slam tradicional, mas entre escolas.

Emerson Alcalde, um dos organizadores do Slam da Guilhermina, foi o poeta que instituiu essa modalidade em São Paulo, após conhecê-la em Paris, na França:

A ideia surgiu quando o escritor retornava de uma competição mundial de Slam na França, em 2014, da qual foi vice-campeão. “Vi que existia isso nas escolas parisienses e pensei dá para trazer para cá, com uma adaptação, porque a gente já se apresentava nas escolas e agora são eles [estudantes] que produzem suas poesias. (ALCALDE, Emerson; 2022, n.p.)

O Slam Interescolar está difundido em outras localidades do país, haja vista o reconhecimento como um importante aliado pedagógico pelo corpo docente e a boa adesão de alunos. De certa forma se tornou uma nova metodologia de aprendizado e estímulo à leitura, da escrita e da busca de conhecimento. No entanto foco não está apenas na poesia escrita, mas na performance, na forma como os alunos se expressam, gestos, ritmo, ou seja, na poesia falada, que é a essência do Slam.

Slams Interescolares podem ser uma maneira divertida e emocionante de envolver os estudantes com a arte da poesia, promovendo a criatividade, o pensamento crítico, a literatura, a expressão artística e a comunicação. Além disso, os professores incorporaram o Slam em suas aulas, até mesmo em livros didáticos, usando-o como uma ferramenta educacional. Eles também podem fomentar o espírito de competição saudável e construir pontes entre diferentes escolas e inspirar jovens a se envolverem mais com a poesia e a escrita. Diante disso, o que temos presenciado empiricamente é o Slam Interescolar sendo um celeiro de novos poetas na cena do Slam tradicional de rua, uma renovação no corpo de poetas que por muito tempo ocuparam a arena poética e que hoje se transformaram em inspiração e formadores no desenvolvimento da técnica da escrita poética periférica e da performance.

Em 2021, o projeto Slam Interescolar SP recebeu o Prêmio Jabuti³³ na categoria de Fomento à Leitura, o que foi motivo de grande comemoração. No entanto, apesar do reconhecido desempenho, consagrado com a premiação do Jabuti, o projeto ainda encontra muitas dificuldades para a captação de recursos para promover as edições.

³³ Slam Interescolar: Projeto vencedor do Jabuti, leva o esporte da poesia falada para salas de aula – Ação Educativa (acaoeducativa.org.br)

Figura 67 - SLAM de poesias interescolar de São Paulo



Fonte: Foto Sérgio Silva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CONTEXTO – AMBIENTE E TERRITÓRIO

A pesquisa sobre os *Poetry Slams* assemelhando a “ágoras” contemporâneas de “escrevivência” nas periferias de São Paulo revela a importância desses eventos como manifestações culturais, artísticas e políticas. Os Slams são espaços onde a poesia se encontra com a realidade e a transformação pessoal se traduz em transformação social; onde a voz dos jovens “artistas” das periferias é ouvida e celebrada. A arena de competição de poesias representa um espaço de expressão sem precedentes. Aqui, os poetas têm a oportunidade de compartilhar suas histórias de forma poderosa e emocional, muitas vezes chegando ao público em um nível profundo; deixando a competição de ser o fator principal para dar lugar a um espaço de solidariedade e compreensão mútua.

Como pesquisadores e observadores, somos convidados a refletir sobre como a arte e a cultura, por meio da expressão criativa e da escrita de vivências, conectam poetas com suas próprias emoções, experiências e identidades, com seus territórios, que, além de ser catalisadores de mudança social e política, provocam reflexões críticas, empatia e ampliando as perspectivas individuais e coletivas. Os Slams representam um ponto de convergência, onde a arte provoca a ressignificação do sujeito, que por sua vez reelabora sua vivência em uma linguagem poética, revestida em um discurso conscientizador da realidade e tornando-o agente de sua transformação e de transformação dessa realidade. À medida que essa pesquisa se aprofundou no mundo dos Slams, foi evidenciando não se tratar apenas de eventos de competições, mas também atos de resistência, de celebração da diversidade, de afirmação da identidade, de **reexistência**. São espaços onde as vozes marginalizadas se tornam proeminentes, e as histórias que muitas vezes são silenciadas são trazidas à luz.

Ao longo desta pesquisa, exploramos o processo criativo dos poetas de Slams, adentrando em seus universos e identificando as fontes de inspiração que os impulsionam a elaborar suas obras. Ficou explícito que o ambiente e o território têm um papel fundamental nesse processo. As periferias de São Paulo, com suas riquezas culturais e desafios sociais, exercem uma influência profunda sobre o conteúdo das

poesias, sendo uma fonte de inspiração e reflexão para os poetas que nelas vivem e se expressam.

O estudo inicialmente aborda o fenômeno da migração em meados do século XX, e como esse movimento resultou no adensamento das periferias e na deterioração das condições de vida da população nas margens da cidade de São Paulo. A descrição das condições das periferias, como saúde ineficiente, agravada pela falta de saneamento básico, educação precária e uma assistência social que ainda não se desvincilhava das marcas do assistencialismo clientelista, refletiam a deficiência nas políticas públicas que não conseguiram lidar de forma eficaz com os desafios das desigualdades estruturais.

Na análise houve um destaque para moradia, que denunciada a segregação social que permeava a produção do espaço urbano, com base na divisão de classes sociais. Esse é um cenário que, apesar do tempo, não obteve muito avanço, a cidade continua dividida em áreas onde ricos têm acesso aos melhores serviços e moradia, enquanto as classes de trabalhadores ainda enfrentam condições precárias.

A HORA DA VIRADA

No entanto, houve nos últimos anos uma mudança significativa na maneira como as periferias são percebidas e estudadas, passou-se a compreendê-las pelo foco da potência, do orgulho da identidade e do pertencimento. Essa mudança de perspectiva foi fundamental para entender as comunidades periféricas de uma forma mais completa e justa. É importante reconhecer que essas áreas não são apenas lugares de carência, mas também de criatividade, solidariedade e ação coletiva. As pessoas que vivem nessas regiões frequentemente enfrentam adversidades com recursos limitados, e nelas encontram maneiras de enfrentá-las, o que o Mestre Soró³⁴ denominou como “sevirologia”, a arte de se virar.

A ideia de identidade periférica é um ponto central. É uma identidade que emerge das experiências de desigualdade e opressão, mas que também reconhece o potencial de ação e a capacidade de **reexistência**. As periferias não são homogêneas, elas são compostas por grupos diversos e identidades multifacetadas, porém, experiências em comum contribuem para um senso de pertencimento a uma

³⁴ Liderança da Comunidade Quilombaque de Perus, falecido em 2019

situação social compartilhada. O sujeito periférico reflete como as pessoas se veem e se encaixam em seus contextos, contribuindo para o desenvolvimento da consciência periférica. A consciência periférica como descrita por Tiarajú D'andrea, é um importante aspecto da identidade dos moradores das periferias. Essa consciência surge da percepção da desigualdade e da segregação socioespacial, levando os indivíduos a se reconhecerem como sujeitos periféricos, possuidores de direitos, e a se envolverem em questões relacionadas à melhoria de suas comunidades, atuando e reivindicando.

A ARTE COMO (RE)EXISTÊNCIA

O estudo explora a relação entre pessoas comuns, sua relação com arte poética, e as suas vivências nas periferias. Ressalta como a cidade pode servir como fonte de inspiração para poetas, conectando a cidade física com a cidade subjetiva de forma intrínseca. Dessa forma fica evidente a importância da arte como uma lente através da qual pessoas comuns podem expressar suas experiências e visões em contextos urbanos.

As poesias no conteúdo do referido trabalho, exemplificam quão poderosa é esta forma artística de expressar e refletir sobre a realidade urbana, especialmente a vivência nas periferias com suas contradições e complexidade. Por meio da arte poética é possível apresentar as periferias para além de locais de privação e carência, elas estão sendo enxergadas sob a ótica da potência e da criatividade, ressaltadas as riquezas culturais, sociais e políticas, bem como sua resistência diante dos desafios.

O poder da poesia periférica como uma forma de expressão artística e resistência é inegável. Nesse contexto é importante destacar que os poetas periféricos assumem a responsabilidade de serem porta-vozes de suas comunidades e de transmitirem suas experiências, lutas e aspirações por meio da palavra poética. A poesia periférica, como enfatizado pelo poeta Kenyt, traz consigo uma responsabilidade, pois tem o poder de ampliar perspectivas, informar e inspirar mudanças.

A poesia periférica desafia estereótipos, denuncia injustiças, e reivindica direitos. Ela oferece um espaço para que vozes historicamente silenciadas sejam ouvidas e respeitadas, proporcionando um senso de comunidade e solidariedade entre aqueles que compartilham experiência semelhantes. A poesia é uma crítica ao

sistema e uma forma de processar traumas, angústias e dificuldades enfrentadas na vida vivida nas periferias.

A VIDA COMO ELA É³⁵

A reflexão sobre o conceito de escrevivência à luz das narrativas poéticas periféricas revela uma profunda interconexão entre a expressão artística e a experiência de vida nas comunidades periféricas. Tanto as mulheres negras que utilizam a escrevivência para recontar suas histórias e desafiar narrativas de opressão quanto os artistas periféricos que encontram na poesia uma forma de expressão autêntica compartilham a mesma busca por voz e identidade. Ao celebrar as narrativas diversas e plurais que emergem das margens da cidade, reconhecemos a importância da escrevivência e da poesia periférica como manifestação de empoderamento e transformação, capazes de inspirar e amplificar vozes daqueles que há muito tempo foram silenciados e marginalizados.

A partir da democratização da escrita e da oralidade poética, onde os poetas periféricos passam a transgredir as normas sociais, culturais e educacionais vigentes, desafiam o status quo, combatem preconceitos e ampliam o escopo da literatura e da cultura. Elas não apenas resistem às injustiças, mas também celebram a identidade e a experiência das comunidades periféricas, criando um espaço de empoderamento e reconhecimento. Totalmente apropriados do conceito de escrevivência, forjado pela escritora Conceição Evaristo, os poetas criam suas narrativas revestidas com a manifestação da nossa humanidade compartilhada, uma herança afro diaspórica que se expande para além das fronteiras físicas e temporais, uma forma de **reexistência** e celebração que ressoa nas vozes desses artistas periféricos. A escritura de suas vivências tem se destacado como elemento fundamental na construção de narrativas que se amplificam a partir das margens da cidade, provocando reflexões profundas e necessárias sobre as condições de vida nas quebradas.

A prática de escrever sobre suas vivências tão utilizada pelos artistas para a construção de suas narrativas poéticas, torna-se uma força fundamental. Ela representa a importância do reconhecimento dessas práticas como escrevivência, pois a força das letras poéticas elaboradas pelos poetas periféricos, não só registram

³⁵ Título de obra literária de Nelson Rodrigues

suas experiências, mas também as transformam em instrumentos de **reexistência**, empoderamento e expressão de suas identidades e realidades únicas. Ela não apenas compartilha histórias, mas também estabelece conexões profundas com outras pessoas, promovendo a conscientização e a reflexão sobre questões sociais, como racismo, discriminação, gênero e diversidade sexual.

POW POW POW³⁶

Os Slams representam uma nova forma de engajamento político e social, especialmente entre a juventude preta, pobre e periférica. Eles preenchem o vazio deixado por estruturas políticas tradicionais e proporcionam um espaço para os jovens expressarem questões identitárias, suas preocupações, críticas, visões de mundo e demandas por mudanças. A arte transcende os limites do entretenimento e da expressão individual, tornando-se uma forma legítima de fazer política. Ela é capaz de mobilizar e inspirar ações coletivas, servindo como um meio de conscientização e engajamento social. Ao abordar questões relevantes e urgentes por meio de diferentes formas de expressão, a arte pode despertar a reflexão, estimular o diálogo e promover mudanças sociais significativas. Além disso, a arte desempenha um papel fundamental na construção de uma linguagem e comunicação mais objetiva e direta com a população. A arte, e em particular o movimento dos Slams, tornou-se uma voz corrente que reflete a realidade das periferias e a insatisfação com a ordem estabelecida. Esse movimento inova o diálogo no campo político partidário, onde a desconfiança muitas vezes prevalece.

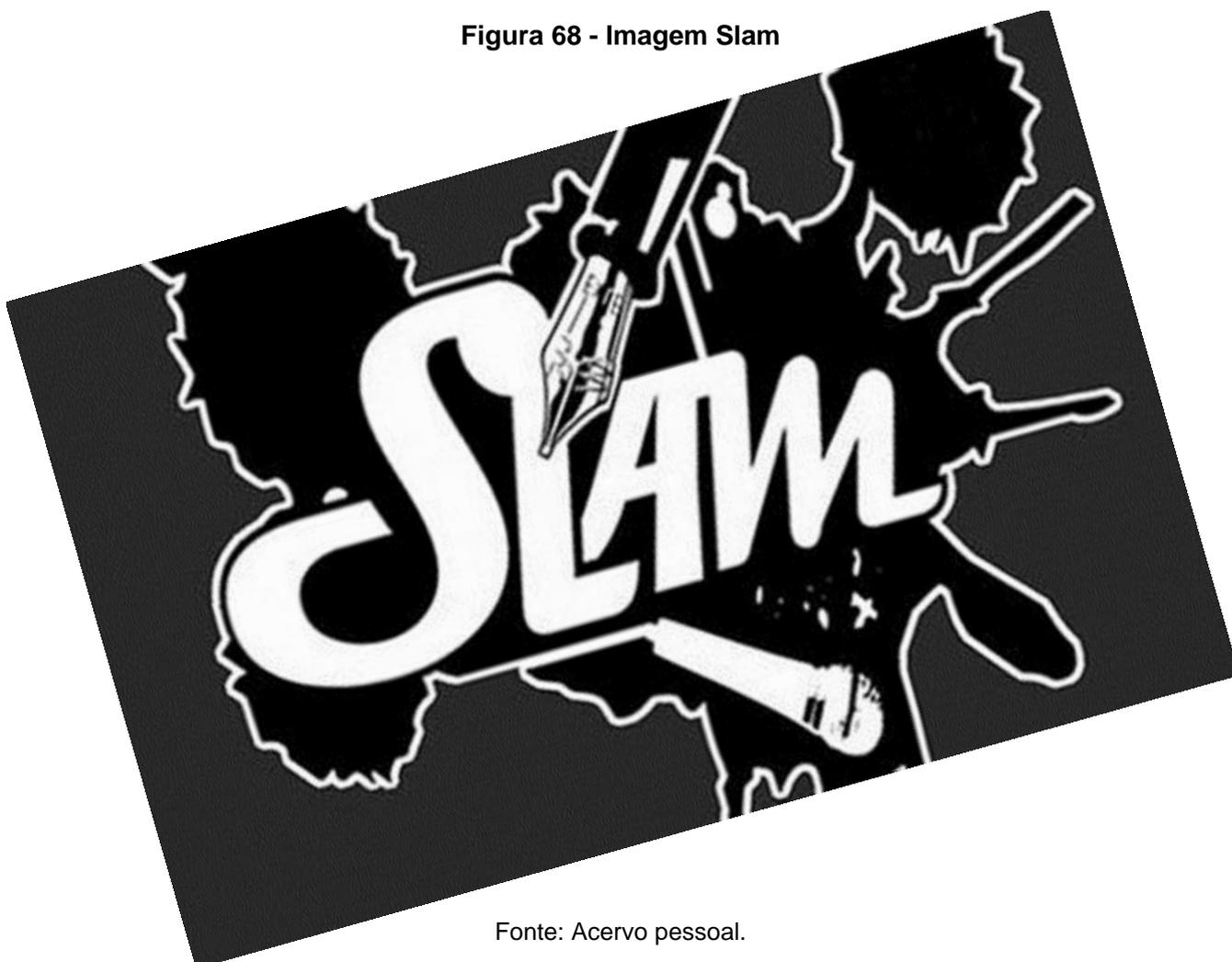
As batalhas de poesias (Slams), fortalecem a identidade e a consciência da juventude periférica, proporcionando espaços públicos de debates poéticos/políticos, onde suas vozes podem ser ouvidas e suas preocupações compartilhadas. Esses encontros atuam como causadores de mudança ao desafiar as normas e promover práticas emancipatórias. Os Slams também se tornaram uma forma de aprendizado não convencional, onde os participantes desenvolvem suas habilidades artísticas e pensamentos críticos por meio da expressão poética. Essa educação popular amplifica as vozes e estimula o debate sobre que tipo de sociedade desejamos.

³⁶ Onomatopeia que representa o som de uma explosão. Geralmente é gritado pela plateia nos Slams quando um poeta alcança o valor máximo de pontuação dada por cada jurado

Embora os Slams tenham se caracterizado como espaço de crítica social e política utilizando a poesia como meio, entre os poetas tem sido cada vez mais frequente o debate sobre essa forma engessada que dificulta a possibilidade de exploração de outras temáticas, ampliando o universo da poesia periférica para tratar de expressões do amor, do afeto e outras formas de vivência nas periferias, mas isso é assunto para uma outra pesquisa.

Nesse contexto, a pesquisa não é apenas um exercício acadêmico, mas também uma forma de contribuir para a amplificação dessas vozes e para o reconhecimento do poder da arte como um veículo de expressão política e social. Os Slams de São Paulo são mais do que eventos, são manifestações de esperança, **reexistência** e autoafirmação, e devem ser celebrados como tal.

Figura 68 - Imagem Slam



Fonte: Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

ALCALDE, E. **Gênesis** – Poesia Estado Slam. São Paulo: Ed. YAN, 2022.

ALMEIDA, Renato S., JESUS, Marcello N., **Reflexões Periféricas**: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas. São Paulo: Ed. Dandara: Centro de Estudos Periféricos, 2021.

ARAUJO, C. M.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. **Educação em Revista**, v. 26, n. 3, 2010.

ARREGUI, C. C. Direito à moradia e à cidade: concepções e referenciais teóricos e metodológicos para a avaliação. *In*: PAZ, R. D. O.; ARREGUI, C. C. (orgs.) **Trabalho Social, territórios e moradia**: a construção do direito à cidade. São Paulo: Editora Veras, 2018.

ARREGUI, C. C.; KOGA, D. Construção de conhecimentos em Serviço Social: entre periferias, territorialidades, narrativas, experiências e cartografias. São Paulo: EDUC, 2021.

CAMPOS, J. **Transcrevendo a Marginalidade**. São Paulo: Quirino Edições, 2020.

D'ANDREA, T. P. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Dandara. 2022.

D'ANDREA, T. P. **Reflexões Periféricas**: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas. São Paulo: Ed. Dandara: Centro de Estudos Periféricos, 2021.

DINIZ, R. et al. Território e políticas públicas no cotidiano do capitalismo periférico. **Revista de Políticas Públicas** – Território e Políticas Públicas no Cotidiano do Capitalismo Periférico, v. 26, spe, p. 641-659, 2022. DOI: 10.18764/2178-2865.v26nEp641-659.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. ISBN 978-65-992547-0-3.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47. ISBN 978-65-992547-0-3.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2022. 376 p.

FERNAUN. **Geográfico**. São Paulo: Quirino Edições, 2022. 102p.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 58-73. ISBN 978-65-992547-0-3.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens**: o itinerário de Lukács. São Paulo: expressão popular, 2013.

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO. 20ª FIL | Documentário: "Slam: Voz de Levante" com Tatiana Lohman". **Youtube**, 22 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lcXKyzZWAwE&t=207s>. Acesso em: 10 ago. 2023.

KOWARICK, L. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Ed. 34, 2009.

LACZYNSKI, Patrícia. A quebrada não acredita mais em eleições? **Estadão**, Gestão, Política & Sociedade, São Paulo, 28 set. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/amp/politica/gestao-politica-e-sociedade/a-quebrada-nao-acredita-mais-em-eleicoes/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

LEÃO, R. H. **Estética Marxista E Mediação Através Da Arte**: perspectivas do cotidiano profissional do Assistente Social. 2022. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

MARTINELLI, M. L. O uso de abordagens qualitativas em Serviço Social. *In*: MARTINELLI, M. L. (org.). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MENDONÇA, J. Emerson Alcalde leva slam da periferia de SP a Prêmio Jabuti. **Terra**, 5 jan. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/comunidade/visao-do-corre/pega-a-visao/emerson-alcalde-leva-slam-da-periferia-de-sp-a-premio-jabuti,f7928e95519becea108412a69c654f14kgt8hnty.html>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MESSIAS, H. M. **Inté Aqui, pode me chamar de Kenyt**. 1. Ed. São Paulo: Ed.do Autor, 2022

NEVES, C. A. B. Slams-letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'água**, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.

PAIVA, A. S. **A virada decolonial na arte brasileira**. Baurú, SP: Ed. Mireveja, 2022

PEREIRA, M. S. Cidade Linda. **YouTube**: Projeto SÓFALA - RedBul Station, 2022.

POLÍTICAS públicas para as periferias em momento de pandemia. **Estadão**, São Paulo, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/politicas-publicas-para-as-periferias-em-momento-de-pandemia/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

RETRATOS Históricos de Guaianases. **Facebook** [Grupo Público], [S. /], c2023.

ROLNIK, R. A construção de uma política fundiária e de planejamento urbano para o país – avanços e desafios. **IPEA. Cadernos políticas sociais**: acompanhamento e análise, n. 12, p. 199-210, fev. 2006.

SANTANA, T.; ZAPPAROLI, A. Conceição Evaristo – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social**, 09 nov. 2020.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI; Alecsandra. CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú social**, Rede Galápagos, São Paulo, 09 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SLAM: uma nova forma de fazer poesia. **Estadão**, São Paulo, 15 nov. 2017. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/instituto-singularidades/slam-poesia/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SOUZA, A. L. S. (Org.). **Cultura política nas periferias**: estratégias de reexistência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. 425 p. ISBN: 978-65-5626-012-9

SOUZA, T. História do telefone. **Toda Matéria**, c2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-do-telefone/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo social**, São Paulo, v. 5, p. 161-178, 1993.

THEODORO, T. **A pluralidade da poeta**. São Paulo: Blucher, 2022

VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. A cidade contemporânea. Segregação espacial. **Revista Geografães**, n. 15, p. 267-271, 2013.